



bruxa endiabrada

KIM HARRISON

Tradução de Rita Guerra

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido



*Ao homem que sabe que a rosa é mais bela
se mantiver os seus espinhos.*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a duas pessoas que me têm acompanhado quase desde o primeiro dia, cujos esforços combinados e conhecimentos específicos foram fundamentais para que eu conseguisse chegar a alturas que nunca julguei possíveis: a minha editora, Diana Gill, e o meu agente, Richard Curtis.

Um

BATER COM OS PUNHOS NO FUNDO DO ROUPEIRO NÃO ERA UM DOS MEUS sonhos mais agradáveis. Na verdade, magoava. A dor cortou através da confortável bruma do sono e senti aquela parte primitiva de mim que nunca dorme a medir calmamente a lenta concentração da minha vontade, enquanto eu tentava acordar. Com uma bizarra sensação de desconexão, assisti enquanto, no meu sonho, arrancava as roupas do varão e as atirava para cima da cama desfeita.

Contudo, algo não estava bem. Eu não estava a acordar. O sonho não se estilhaçava, passivamente, em pedaços difíceis de recordar. De súbito compreendi que estava consciente, mas não acordada.

Que raio? Havia algo muito, muito errado e o meu instinto lançou uma descarga de adrenalina através do meu corpo, exigindo que eu acordasse, mas isso não aconteceu.

A minha respiração tornou-se veloz e entrecortada; depois de ter esvaziado o roupeiro, caí ao chão e bati com os nós dos dedos nas tábuas, em busca de um compartimento secreto que sabia não estar ali. Assustada, invoquei toda a minha força de vontade e obriguei-me a acordar.

A dor reverberou através da minha testa. Caí ao chão, sentindo todos os músculos a ficarem flácidos. Consegui virar a cabeça a tempo e magoei a orelha, em vez de partir o nariz. Sentia a madeira dura contra o meu corpo, fria através dos calções e da camisola do pijama. O meu grito soou com um gargarejo. Não conseguia respirar! Havia... havia algo ali, comigo. Dentro da minha cabeça. A tentar possuir-me!

O terror abafava-me como um cobertor. Não o consegui ver, mas conseguia ouvi-lo, quase conseguia *senti-lo*. O meu corpo transformara-se num campo de batalha, um campo de batalha onde eu não sabia como vencer. A possessão era uma arte negra e eu não fizera as cadeiras certas. *Maldição, a minha vida não devia ser assim!*

O pânico absoluto deu-me força. Tentei controlar as pernas e os braços, colocá-los sob o meu corpo e empurrar. Consegui pôr-me de gatas, depois caí contra a mesinha de cabeceira. Fui mais uma vez ao chão e rebolei para o roupeiro vazio.

Com a pulsação a martelar, o medo de sufocar apoderou-se de mim. Consegui cambalear até ao corredor, em busca de ajuda. O meu atacante desconhecido e eu encontrámos uma base de entendimento e, trabalhando em conjunto, inspirámos, deixando que o ar escapasse de seguida como um grito sufocado. *Onde diabos estava Ivy? Estaria surda?* Talvez ainda não tivesse regressado da sua missão com Jenks. Ela tinha dito que iam chegar tarde.

Como se a cooperação o incomodasse, o meu atacante agarrou-me com mais força e eu caí ao chão. Tinha os olhos abertos e o lençol ruivo do meu cabelo estendia-se entre mim e o final do corredor sombrio. Ele tinha ganho. O que quer que fosse tinha ganho e eu entrei em pânico, enquanto sentia o meu corpo sentar-se com uma lentidão assustadora. O odor espesso do âmbar queimado fixou-se no meu nariz, erguendo-se da minha pele.

Não!, gritei em pensamentos, pois nem sequer conseguia falar. Queria gritar, mas o meu possessor obrigou-me, em vez disso, a inspirar, de forma lenta e sedada.

— *Malum* — ouvi-me praguejar, a minha voz com uma estranha pronúncia e um ritmo sofisticado que nunca fora meu.

Foi a gota de água. O medo transformou-se em raiva. Não sabia quem se encontrava ali comigo, mas quem quer que fosse ia sair. Imediatamente. Obrigá-lo a falar línguas era rude.

Caindo nos meus pensamentos, senti o toque ligeiro da confusão de outra pessoa. Ótimo. Podia aproveitá-lo. Antes que o intruso conseguisse perceber o que estava a fazer, acedi à linha Ley no cemitério das traseiras. Uma surpresa crua e estranha encheu-me e, enquanto o meu atacante lutava para me separar da linha, formei um círculo protetor nos meus pensamentos.

A prática é mãe da perfeição, pensei, arrogante, depois preparei-me. Aquilo ia doer como o diabo.

Abri os meus pensamentos à linha Ley com um abandono a que nunca antes me atrevera. Ela veio. A magia rugiu através de mim. Encheu o meu *chi* e verteu para o meu corpo, queimando as sinapses e os neurónios. *Tulpa*, pensei em agonia, a palavra abrindo os canais mentais que reuniam a energia. A vaga ter-me-ia matado se eu não tivesse já aberto um caminho nervoso do meu *chi* para a minha mente. Gemendo, senti de novo a cauterização realizada por aquele poder enquanto corria para a proteção do círculo nos meus pensamentos, fazendo-o expandir como um balão. Era

assim que eu reunia a energia para usar mais tarde mas, àquela velocidade, era como mergulhar num caldeirão de metal derretido.

Um grito de dor interior ressoou através de mim e, com um impulso mental que espelhei com as mãos, empurrei para fora de mim.

Um estalo reverberou através do meu corpo e libertei-me da presença desconhecida. Do campanário sobre mim desceu o som do sino a tocar: um eco das minhas ações.

Algo rolou e saltou ao longo do corredor, chocando contra a parede no fim do mesmo. Arquejei e ergui a cabeça, depois gemi de dor. Mover-me doía. Tinha reunido demasiado poder das linhas Ley. Parecia que se tinha instalado nos meus músculos e, usando-os, espremi a energia de mim.

— Au — arquejei, consciente de que algo no fundo do corredor se erguia.

Pelo menos, agora já não estava dentro da minha cabeça. O meu coração batia com força e isso também doía. Oh, céus, nunca tinha segurado tanto poder antes. Deixei-me cair. Tresandava a âmbar queimado. Que Viagem se estava a passar ali?

Com uma determinação dolorosa, apertei o círculo protetor no interior da minha mente até a energia voltar a deslizar, através do meu *chi*, para as linhas Ley. Doía quase tanto quanto assimilá-la mas, quando permiti que a eternidade jorrasse dos meus pensamentos deixando apenas aquilo que o meu *chi* era capaz de suportar, olhei através dos caracóis do meu cabelo, arquejando.

Oh, Deus! Era Newt.

— O que estás a fazer aqui? — perguntei, sentindo-me coberta pelo visco da eternidade.

O poderoso demónio parecia confuso, mas eu ainda estava demasiado abalada para poder apreciar a sua expressão chocada: tratava-se de um adolescente de rosto suave ou de uma mulher de feições fortes. De estatura esguia, erguia-se descalço no meu corredor, entre a cozinha e a sala de estar. Semicerrando os olhos, voltei a fitar os seus pés, compridos e ossudos, pressionando, de forma evidente, as tábuas do chão, e perguntei-me como é que Newt me conseguira atacar quando eu me encontrava em terreno sagrado. O anexo à igreja, onde agora se erguia, por outro lado, não fora santificado e a criatura parecia espantada, envergando uma túnica vermelha-escura que estava algures entre um quimono e algo que Lawrence da Arábia poderia usar num dia de folga.

Vi uma mancha suave de energia das linhas Ley e um fino cajado de obsidiana tão alto como eu ganhou forma, derretendo-se nas mãos de Newt, concluindo a imagem que eu recordava da vez em que ficara presa na eternidade e tivera de lhe comprar a viagem de regresso a casa. Os olhos

do demónio eram completamente pretos — mesmo a parte que deveria ser branca — mas pareciam mais vivos do que todos os olhos que alguma vez vira, fitando-me, sem pestanejar, do outro lado dos seis metros que nos separavam: seis exíguos metros e uma faixa de solo sagrado. Pelo menos esperava que ainda fosse sagrado.

— Como é que aprendeste a fazer isso? — perguntou a criatura e eu fiquei rígida perante a sua estranha pronúncia, cujas vogais pareciam enfiar-se por entre as pregas do meu cérebro.

— Al — sussurrei e as quase inexistentes sobranceiras do demónio ergueram-se.

De ombros encostados à parede, nunca afastei os olhos da criatura enquanto deslizava num movimento ascendente para me pôr de pé. Não era assim que queria começar o dia. Deus me ajudasse, só estava a dormir há uma hora, tendo em conta a luz.

— O que se passa contigo? Não podias aparecer, simplesmente? — exclamei, tentando gastar parte da adrenalina enquanto me erguia no corredor, envergando apenas os calções e t-shirt reduzidos com que me deitara. — Ninguém te invocou! E como é que podes aparecer em solo sagrado? Os demónios não podem penetrar em solo sagrado. Está em todos os livros.

— Eu faço o que quero. — Newt espreitou para a sala de estar, passando o cajado pela abertura, como se estivesse à procura de armadilhas. — Além disso, esse tipo de suposições ainda te vai matar — acrescentou o demónio, ajustando a tira de ouro negro que brilhava, baça, contra o vermelho noturno da sua túnica. — Eu não estava em solo sagrado, tu estavas. Além disso, Minias... Minias disse que eu escrevi a maior parte desses livros, por isso quem sabe quão corretos serão?

As suas feições suaves assumiram uma expressão de irritação contra si, não contra mim.

— Por vezes não me lembro bem do passado — disse Newt, com uma voz distante. — Ou talvez o tenham mudado e não mo tenham dito.

Senti o rosto a gelar no ar frio das horas que antecedem a madrugada. Newt era uma criatura louca. Tinha um demónio louco no meu corredor e os amigos com quem partilhava a casa deviam chegar dentro de cerca de vinte minutos. *Como poderia algo tão poderoso sobreviver, sendo assim tão desequilibrado?* Ainda assim, desequilibrado raramente era sinónimo de estupidez, embora fosse, muitas vezes, sinónimo de poder. De esperteza. De crueldade. De demónio.

— O que é que queres? — perguntei, pensando quanto tempo faltaria até ao nascer do Sol.

Com um olhar perturbado, Newt suspirou.

— Não me lembro — acabou por dizer. — Mas tens algo que me pertence. Quero-o de volta.

Enquanto as emoções desconhecidas partiam e os pensamentos de Newt se organizavam, semicerrei os olhos, fitando o fundo do corredor imerso nas sombras, tentando concluir se se tratava de um demónio macho ou fêmea. Os demónios podiam assumir qualquer aspeto que desejassem. Naquele preciso momento Newt tinha sobrancelhas leves e um tom de pele claro, absolutamente uniforme. Diria que era um demónio fêmea, mas o maxilar era forte e os pés descalços demasiado ossudos para serem belos. O uso de verniz pareceria errado neles.

Trazia o mesmo chapéu que antes: redondo, de abas direitas e topo achatado, feito a partir de um tecido vermelho, formidavelmente rico, com um trancelim dourado. O cabelo curto, de corte simples, caía-lhe até logo abaixo das orelhas e não dava qualquer pista em relação ao género. Quando questionara Newt em relação a isso, a criatura perguntara-me se fazia alguma diferença. Enquanto observava Newt a lutar com os seus pensamentos, tive a sensação de que não se tratava de uma questão de o demónio não pensar que fosse importante, mas de não se lembrar com que partes tinha nascido. Talvez Minias soubesse. Quem quer que fosse Minias.

— Newt — disse, esperando que o tremor na minha voz não fosse demasiado óbvio, — exijo que partas. Parte deste lugar, diretamente para a eternidade, e não voltes de novo para me incomodar.

Era um bom banimento — exceto pelo facto de não ter erguido primeiro um círculo — e Newt ergueu uma sobrancelha na minha direção, afastando a sua perplexidade com uma facilidade que revelava grande prática.

— Esse não é o meu nome de invocação.

O demónio pôs-se em movimento. Encolhi-me para invocar um círculo — por insignificante que pudesse ser, não desenhado, não traçado — mas Newt entrou na sala de estar, a bainha da sua túnica a última coisa que vi, deslizando pelo caixilho da porta. Fora do alcance do meu olhar, ergueu-se o som de pregos a serem arrancados da madeira. Ouvi o forte estalo de painéis de madeira a partir e Newt praguejou, coloridamente, em latim.

A gata de Jenks, *Rex*, passou por mim, pata ante pata, a curiosidade fazendo os possíveis por cumprir o ditado. Lancei-me atrás do tolo animal, mas ela não gostava de mim, pelo que deslizou para longe. A gatinha cor de caramelo parou junto ao limiar da porta, de orelhas espetadas. Com a cauda a estremecer, sentou-se e observou.

Newt não estava a tentar puxar-me para a eternidade e não estava a

tentar matar-me. Estava à procura de algo e creio que o único motivo por que me possuía fora para poder procurar na igreja santificada. Um bom sinal de que o espaço se mantinha sagrado. No entanto, a maldita criatura era louca. Quem sabia durante quanto tempo me iria ignorar? Até decidir que eu lhe poderia dizer onde estava *aquilo* que procurava? *O que quer* que aquilo fosse?

Um baque surdo, vindo da sala de estar, fez-me saltar. Com a cauda torta, *Rex* entrou, pata ante pata.

Um súbito bater na porta da frente da igreja fez-me girar para o lado oposto, na direção do santuário vazio, mas, antes que conseguisse gritar qualquer aviso, a pesada porta de carvalho abriu-se, destrancada que estava aguardando pela chegada de *Ivy*. *Ótimo. O que seria agora?*

— Rachel? — chamou uma voz preocupada e *Ceri* entrou, envergando umas calças de ganga desbotas, os joelhos sujos de terra, sendo claro que estivera a trabalhar no jardim, embora o Sol ainda não tivesse nascido.

Os seus olhos estavam muito abertos de preocupação e o cabelo longo e claro ondulava à sua volta, enquanto ela avançava, a passos rápidos, através do santuário vazio, sujando-o com a lama que trazia agarrada aos chinelos elaboradamente bordados e inadequados ao trabalho no jardim. *Ceri* era uma elfa escondida e eu sabia que os seus horários eram como os dos *pixies*: acordada todo o dia e toda a noite, com exceção de quatro horas por volta da meia-noite e do meio-dia.

Histérica, agitei as mãos, a minha atenção saltando entre ela e o corredor vazio.

— Sai! — quase guinchei. — *Ceri*, sai!

— O sino da tua igreja tocou — disse ela, as feições pálidas de preocupação, quando avançou para me agarrar as mãos.

Ceri cheirava maravilhosamente bem — o seu odor élfico a vinho e canela misturado com o cheiro genuíno da terra — e o crucifixo que *Ivy* lhe dera brilhava na luz fraca.

— Estás bem?

Oh, sim!, pensei, lembrando-me de ter ouvido o sino ressoar no campanário quando expulsara *Newt* dos meus pensamentos. A expressão “fazer dobrar os sinos” não era uma simples figura de retórica e perguntei-me quanta energia teria canalizado para fazer ressoar o sino na torre.

Da sala de estar chegava o feio som dos painéis a serem arrancados da parede. As sobranceiras louras de *Ceri* ergueram-se. Raios, ela estava calma e composta e eu estava a tremer no meu pijama reduzido.

— É um demónio — sussurrei, perguntando-me se deveríamos partir ou tentar alcançar o círculo que eu gravara no chão da cozinha. O santuário ainda era terreno sagrado, mas um círculo bem desenhado era a única coisa

em que eu confiava para me proteger de um demónio. Em especial no que dizia respeito a este.

A expressão inquisitiva no delicado rosto em forma de coração de Ceri ficou rígida de raiva. A elfa passara mil anos presa como familiar de um demónio e tratava-os como cobras. Era cuidadosa, claro, mas há muito que perdera o medo.

— Porque é que estás a invocar demónios? — perguntou em tom acusatório. — E de roupa interior? — Os seus ombros estreitos ficaram rígidos. — Eu disse que te ajudava com a magia. Muito obrigada, menina Rachel Mariana Morgan, por me ter feito sentir inútil.

Agarrei-a pelo cotovelo e comecei a arrastá-la para trás.

— Ceri — implorei, não querendo acreditar que o seu temperamento delicado tinha interpretado erradamente a situação. — Eu não o chamei. Apareceu sozinho.

Como se agora eu sequer me atrevesse a tocar em magia negra? A minha alma já estava coberta de fuligem demoníaca suficiente para pintar um ginásio.

Quando ouviu aquelas palavras, Ceri obrigou-me a parar, à distância de alguns passos do santuário aberto.

— Os demónios não podem aparecer sozinhos — disse ela, uma centelha de preocupação regressando à sua expressão, enquanto tocava no crucifixo com os dedos brancos. — Alguém o deve ter invocado e permitido que partisse de forma inadequada.

O arrastar suave de pés descalços no fundo do corredor atravessou-me como um tiro. Recuperando a compostura, virei-me, a atenção de Ceri seguindo a minha passada um instante.

— Não podem... ou não o fazem? — perguntou Newt. A gata estava nos seus braços, as patas dobradas.

Os joelhos de Ceri cederam e eu estendi as mãos para ela.

— Não me toques! — guinchou e, de súbito, estava a lutar contra ela, enquanto ela agitava cegamente os braços, afastando-se de mim e lançando-se para o santuário.

Merda. Acho que estamos metidas numa alhada.

Corri no seu encaço mas ela fez-me estacar quando chegámos ao centro do espaço vazio.

— Senta-te — disse, as mãos a tremer enquanto tentava puxar-me para baixo.

Está bem, não nos íamos embora.

— Ceri... — comecei, mas fiquei de boca aberta quando ela tirou um canivete coberto de terra do bolso de trás das calças. — Ceri! — exclamei, quando ela cortou o polegar.

O sangue jorrou e, enquanto eu a fitava, ela desenhou um grande círculo, murmurando em latim. O cabelo até à cintura, quase translúcido, escondia-lhe as feições, mas ela tremia. Meu Deus, ela estava aterrorizada.

— Ceri, o santuário é sagrado! — protestei, mas ela acedeu à linha e invocou o círculo.

Um lençol de eternidade manchada de negro ergueu-se para nos envolver e eu tremi, sentindo a fuligem das suas antigas magias demoníacas a deslizar sobre mim. O círculo tinha cerca de metro e meio de diâmetro, bastante grande para ser suportado por uma só pessoa, mas Ceri devia ser a melhor praticante de magia das linhas Ley de Cincinnati. A elfa cortou o dedo médio e eu agarrei-lhe no braço.

— Ceri, para! Estamos em segurança!

Com os olhos esbugalhados de pânico, Ceri afastou-me com um empurrão e eu caí contra o interior do campo de energia, chocando contra ele como se se tratasse de uma parede.

— Sai do caminho — ordenou ela, começando a desenhar um segundo círculo, no interior do primeiro.

Chocada, arrastei-me até ao centro e ela fechou o círculo, atrás de mim, com o seu sangue.

— Ceri... — tentei mais uma vez, parando quando a vi entrelaçar a segunda linha com a primeira, para a reforçar.

Nunca vira nada assim. Dos seus lábios jorravam palavras em latim, escuras e ameaçadoras. Um formigueiro de poder cobriu-me a pele e fitei-a enquanto ela cortava o mindinho e começava a desenhar um terceiro círculo.

Lágrimas silenciosas e desesperadas marcavam-lhe o rosto quando concluiu o círculo e o invocou. Um terceiro lençol negro ergueu-se sobre nós, pesado e opressivo. Ceri passou a imunda faca de jardinagem para a mão ensanguentada e, tremendo, preparou-se para cortar o polegar esquerdo.

— Para! — protestei. Assustada, agarrei-lhe o pulso, peganhento com o seu próprio sangue.

Ceri ergueu a cabeça. Os seus olhos azuis, perdidos no terror, cruzaram-se com os meus. A sua pele estava branca como giz.

— Está tudo bem — disse eu, perguntando-me que teria Newt feito para que aquela mulher segura e imperturbável perdesse a compostura. — Estamos na igreja. É um espaço santificado. Ergueste um excelente círculo. — Fitei-o, a zumbir sobre a minha cabeça, preocupada.

O triplo círculo estava coberto com a escuridão de mil anos de maldições que Algaliarept, o demónio de quem eu a salvara, a obrigara a pagar. Nunca sentira uma barreira tão forte.

A bela cabeça de Ceri abanou para trás e para a frente, os lábios afastados revelando os seus dentes minúsculos.

— Tens de chamar Minias. Deus nos ajude. Tens de o chamar!

— Minias? — perguntei. — Quem diabo é Minias?

— O familiar de Newt — gaguejou Ceri, os seus olhos azuis revelando o medo que sentia.

Estaria louca? O familiar de Newt era outro demónio.

— Dá-me essa faca — disse eu, lutando para lha tirar.

O polegar de Ceri sangrava e eu procurei algo com que o envolver. Estávamos em segurança. Por mim, Newt podia andar à vontade pelas traseiras. O nascer do Sol estava próximo e não era a primeira vez que eu me sentava no centro de um círculo, à espera. Memórias do meu ex-namorado, Nick, atravessaram o meu pensamento e desapareceram.

— Tens de o chamar — disse Ceri, descontrolada, e eu fitei-a quando ela caiu de joelhos e começou a desenhar um círculo do tamanho de um prato com o seu sangue, as lágrimas manchando as tábuas de carvalho antigo enquanto ela trabalhava.

— Ceri, está tudo bem — disse, erguendo-me sobre ela, confusa.

Contudo, quando ela ergueu os olhos, a minha confiança cedeu.

— Não, não está — disse ela, a voz baixa, a pronúncia elegante que traía a sua nobreza começando a transportar consigo o som da derrota.

Uma onda de algo pulsou, dobrando a bolha de energia que nos abrigava. O meu olhar saltou para a meia esfera de eternidade que nos envolvia e, do cimo, chegou o claro eco do sino da igreja a ribombar. O lençol negro que nos protegia estremeceu, revelando o tom puro da aura azul de Ceri por um instante, antes de regressar ao seu estado negro, conspurcado pelo demónio.

Da passagem no fundo da igreja ergueu-se a voz suave de Newt.

— Não chores, Ceri. Não vai doer tanto da segunda vez.

Ceri saltou e eu agarrei-a por um braço para a impedir de correr na direção da porta aberta, quebrando o seu próprio círculo. A sua mão trémula esbofeteou-me e, perante o meu grito, ela deixou-se cair, dobrada sobre si mesma, aos meus pés.

— Newt quebrou a santidade — disse Ceri por entre soluços. — Ela quebrou-a. Não posso voltar para lá. Al perdeu uma aposta e eu tive de preparar as maldições dela durante dez anos. Não posso voltar para lá, Rachel!

Assustada, pousei a mão no ombro dela, mas depois hesitei. *Newt era um demónio fêmea.* Então o meu rosto ficou pálido. *Newt estava no corredor: na parte santificada.*

Os meus pensamentos regressaram à onda de energia. Ceri disse-me, certa vez, que era possível a um demónio anular a santificação de

uma igreja, mas que era pouco provável pois tinha um custo demasiado elevado. Newt, no entanto, fizera-o sem pensar. *Merda*.

Engolindo em seco, procurei Newt enquadrada pelo corredor, bem dentro do que tinha sido solo sagrado. *Rex* ainda se encontrava nos braços do demónio, sorrindo o seu tolo sorriso de gato. O felino cor de laranja não permitia que eu lhe tocasse mas ronronava enquanto um demónio louco lhe fazia festas. Estava-se mesmo a ver.

Com o cajado negro preso na curva do braço e envolta na sua túnica de corte elegante, Newt quase parecia uma figura bíblica. A sua feminilidade tornou-se óbvia mal soube qual o seu género; os seus olhos assimilavam, placidamente e sem pestanejar, o círculo que Ceri criara no centro do santuário quase inteiramente despojado.

Cruzei os braços sobre o corpo para esconder a minha quase nudez. Não que houvesse muito para esconder. O meu coração martelava e a minha respiração era veloz. A marca demoníaca na parte debaixo do meu pé — prova de que devia a Newt um favor por me ter transportado da eternidade para a realidade no último solstício — latejava, como que consciente da presença, na mesma divisão, da sua criadora.

Do outro lado das altas janelas de vitral e da porta da frente aberta, chegava o som suave de um carro a passar e o chilrear dos primeiros pássaros. Rezei para que os *pixies* ficassem no jardim. A faca na minha mão estava vermelha e peganhenta do sangue de Ceri e eu senti-me mal.

— É demasiado tarde para fugir — disse ela, recuperando a faca. — Chama Minias.

Newt ficou rígida. *Rex* saltou dos seus braços e aterrou na minha secretária. Em pânico, a gata saltou para o chão, espalhando os papéis ao mesmo tempo que desaparecia para o corredor. Com a túnica vermelha a enrolar-se, Newt avançou a passos largos até ao círculo de Ceri, batendo neste com o cajado que fazia girar.

— O Minias não *pertence* aqui! — gritou. — Dá-mo! É meu. Quero-o de volta!

A adrenalina provocava-me dores de cabeça. Observei o círculo, que tremeu, mas não cedeu.

— Só temos alguns instantes antes que as coisas se tornem demasiado graves — sussurrou Ceri, o rosto ainda pálido mas parecendo mais calmo. — Consegues distraí-la?

Acenei e Ceri começou a preparar o seu feitiço. A tensão obrigou-me a endireitar os braços e rezei para que as minhas habilidades de conversação fossem melhores do que as de magia.

— O que é que queres? Diz-me e eu dou-to — disse eu, com a voz trémula.

Newt começou a andar em círculos, parecendo um tigre enjaulado, enquanto a sua túnica de um vermelho profundo silvava contra o chão.

— Não me lembro. — A confusão tornava o seu rosto duro. — Não o chames — avisou o demónio, os olhos negros e brilhantes. — Sempre que o chamo, ele faz-me esquecer. Quero-o de volta e és tu que o tens.

Oh, isto está a ficar cada vez melhor! O olhar de Newt caiu sobre Ceri e eu coloquei-me entre ambas.

Tive meio segundo de aviso antes de o demónio voltar a tocar com o cajado no círculo.

— *Corrumpro!* — gritou, no momento do contacto. Aos meus pés, Ceri tremeu, quando o círculo exterior se tornou completamente negro e Newt se apoderou dele. Com um pequeno sorriso, Newt tocou no círculo e este desapareceu, deixando duas tiras, finas e brilhantes, de irrealidade entre nós e a morte vestida com uma túnica vermelha-escura e empunhando um cajado preto.

— As tuas habilidades melhoraram muito, Ceridwen Merriam Dulciate — disse Newt. — O Al é um professor excepcional. Talvez o suficiente para fazer com que mereças a minha cozinha.

Ceri não ergueu os olhos. A cortina de cabelo claro escondia as suas ações e as suas pontas estavam manchadas de vermelho devido ao sangue. Tinha a respiração acelerada e continuei a girar, de forma a manter Newt sob o meu olhar, até voltar a ficar de costas para a porta aberta da igreja.

— Lembro-me de ti — disse Newt, batendo com a base do cajado contra o ponto em que o círculo tocava no chão. Cada toque lançava uma nova onda de escuridão sobre a barreira. — Voltei a reconstituir a tua alma quando viajaste através das linhas. Deves-me um favor. — Refreei um estremecimento quando o olhar do demónio se fixou em Ceri por entre as minhas pernas nuas e pálidas. — Dá-me a Ceri e eu considerarei o acordo nulo.

Fiquei rígida. Ajoelhada atrás de mim, Ceri encontrou a sua força.

— Tenho a minha alma — afirmou, com a voz a tremer. — Não pertenço a ninguém.

Newt pareceu encolher os ombros, os dedos brincando com o seu colar.

— A assinatura de Ceri cobre o desequilíbrio da tua alma — disse-me o demónio, enquanto se dirigia ao piano de Ivy e me virava as costas. — Ela está a preparar as maldições e tu estás a tomá-las. Se isso não faz dela tua familiar, não sei o que faz.

— Ela preparou uma maldição para mim — admiti, observando os longos dedos do demónio a acariciar a madeira preta. — Mas fui eu quem assumi o desequilíbrio, não ela. Isso faz com que ela seja minha amiga, não minha familiar.

Newt, contudo, parecia ter-nos esquecido. Erguendo-se ao lado do piano de Ivy, a sua figura envolta na túnica parecia atrair para si todo o poder da sala, usando tudo o que fora outrora sagrado e puro para os seus próprios propósitos.

— Isto — murmurou ela. — Vim buscar qualquer coisa minha que tu roubaste... mas isto... — Prendendo o cajado na curva do braço, Newt baixou a cabeça e manteve-a assim. — Isto incomoda-me. Não gosto de estar aqui. Dói. Porque é que dói estar aqui?

Manter Newt distraída enquanto Ceri trabalhava era muito bonito, mas aquele demónio era louco. Da última vez que me cruzara com Newt, ela parecera, pelo menos, racional, mas naquele momento tratava-se de um poder inimaginável alimentado pela insanidade.

— Foi aqui! — gritou o demónio, e eu saltei refreando um grito. Ceri prendeu a respiração, de forma audível, quando Newt se virou, os olhos negros carregados de malevolência. — Não gosto disto — acusou Newt. — Dói. Não devia doer.

— Não devias estar aqui — disse, sentindo-me leve e irreal, como se me estivesse a tentar equilibrar no gume de uma faca. — Devias ir para casa.

— Não me lembro onde fica a minha casa — disse Newt. Uma raiva veemente coloria a sua voz suave.

Ceri puxou-me a t-shirt.

— Está pronto — sussurrou. — Chama-o.

Afastei os olhos de Newt, enquanto o demónio voltava a contornar-nos, fixando a atenção no pentagrama de dois círculos, feio e elaborado, desenhado com o sangue de Ceri.

— Achas que chamar um demónio para tomar conta de outro é boa ideia? — sussurrei e Newt apressou o passo.

— Ele é o único capaz de a chamar à razão — disse Ceri, em pânico e desesperada. — Por favor, Rachel. Fá-lo-ia, mas não sou capaz. É magia demoníaca.

Abanei a cabeça.

— O familiar dela? Tu terias ajudado o Al?

Enquanto Newt ria perante a alcunha que eu dera a Algaliarept, o demónio captor de Ceri, o queixo da elfa tremia.

— A Newt é louca — sussurrou.

— Achas? — disse, rudemente, saltando, quando Newt desferiu um pontapé lateral contra a barreira, a túnica agitando-se de forma dramática.

Que maravilha, para além de tudo o resto, o demónio sabia artes marciais. Porque não? Era óbvio que já tinha uma longa existência.

— É por isso que tem um demónio como familiar — disse Ceri, os olhos saltitando de um lado para o outro, nervosos. — Houve uma disputa,

o derrotado tornou-se o seu familiar. Ele é mais um vigilante, e o mais certo é que esteja à sua procura. Eles não gostam quando ela se escapa da sua guarda.

As luzinhas na minha mente começaram a piscar e a minha boca abriu-se. Vendo que eu compreendia, Ceri puxou-me até ao pentagrama desenhado a sangue. Agarrando-me pelo pulso, virou a palma da minha mão para cima e apontou a faca a um dos meus dedos.

— Ei! — gritei, arrancando a minha mão da sua.

Ceri olhou para mim, os lábios apertados. Estava a ficar chata. Isso era bom. Significava que achava que ela — que nós — podíamos sobreviver àquilo.

— Tens uma lanceta contigo? — perguntou, irritada.

— Não.

— Então deixa-me cortar o teu dedo.

— Tu já estás a sangrar — disse eu. — Usa o teu sangue.

— O meu não funciona — disse ela, por entre os dentes cerrados. — É magia demoníaca e...

— Sim, já percebi — interrompi.

O sangue dela não tinha as enzimas certas e, graças a uma interferência genética ilegal destinada a salvar a minha vida, eu sobrevivera ao facto de ter nascido com elas.

A presença zumbidora do círculo sobre nós pareceu hesitar e Newt emitiu um som de sucesso. Ceri estremeceu ao perder o controlo do círculo intermédio e Newt derrubou-o. Restava apenas um último círculo, fino e frágil. Estendi a mão, consumida pelo medo. Os olhos de Ceri cruzaram-se com os meus, a tensão tornando belas as suas feições angulares. Eu ficava simplesmente horrível quando estava assustada. A mão de Newt pairou sobre o último círculo e ela sorriu, maldosa, enquanto murmurava em latim. Aquilo tinha-se tornado numa corrida.

Ceri fez um corte rápido no meu dedo e eu encolhi-me perante a dor, observando enquanto a gota vermelha crescia.

— O que é que faço? — perguntei, não gostando nada daquilo.

Baixando os olhos, a elfa virou a palma da minha mão e pousou-a no interior do círculo. O carvalho antigo pareceu vibrar, como se a força vital que mantinha no seu interior estivesse a correr através de mim, ligando-me ao movimento giratório da terra e ao ardor do Sol.

— É uma maldição pública — disse ela, as suas palavras caindo umas sobre as outras. — A frase de invocação é *mater tintinnabulum*. Di-la, bem como ao nome de Minias, nos teus pensamentos, e a maldição colocar-te-á em contacto com ele.

— Não invoques Minias — ameaçou Newt e senti o controlo de Ceri

sobre o último círculo aumentar enquanto o demónio estava distraído. — Ele matar-vos-á mais depressa do que eu.

— Não o vamos invocar, vamos pedir-lhe alguns instantes da sua atenção — disse Ceri, desesperada. — Normalmente o desequilíbrio iria para ti, mas podes usar a localização de Newt como moeda de troca para que ele o assuma. Se ele se recusar, eu aceito-o.

Tratava-se de uma concessão gigantesca por parte da elfa, que já tinha de carregar tanta escuridão. Aquilo começava a parecer cada vez melhor, mas o Sol ainda não se erguera e Newt parecia pronta para acabar connosco. Não me parecia que Ceri conseguisse manter a sua concentração, durante muito mais tempo, contra um mestre demónio. Além disso, eu tinha de acreditar que os demónios possuíam uma forma de controlar este membro da sua espécie, caso contrário já estariam mortos. Se se chamava Minias e se se fazia passar por familiar dela, então era aquilo que tinha de fazer.

— Depressa — sussurrou Ceri, o suor perlando o seu rosto. — O mais certo é que apareças como um utilizador não registado mas, a menos que ela o tenha voltado a amaldiçoar, é provável que ele esteja à procura dela e te responda.

Não registado?, perguntei-me. Lambendo os lábios, fechei os olhos. Já estava ligada à linha, por isso tudo o que tinha de fazer era invocar a maldição e pensar no nome dele. *Mater tintinnabulum*, *Minias*, pensei, sem esperar que acontecesse alguma coisa.

A minha respiração escapou-se de mim numa palpação veloz e senti a mão de Ceri segurar-me o pulso, obrigando a palma da minha mão a permanecer no interior do círculo. Uma descarga de eternidade libertou-se de mim, assumindo a cor da minha aura. Senti-a deixar o meu corpo, como um pássaro alado, e lutei por manter a compostura enquanto a via afastar-se, na minha imaginação, levando consigo uma parte de mim.

— Não vou deixar que ele o roube de mim! — gritou Newt. — É meu! Quero-o de volta!

— Concentra-te — sussurrou Ceri, e eu caí para o interior de mim mesma, sentindo o pedaço liberto de mim ressoar como uma campanha através de toda a eternidade e, como uma campanha que toca, foi atendido.

Estou um pouco ocupado, respondeu-me um irritado pensamento. *Deixe mensagem na porcaria da linha fixa que eu depois ligo.*

Estremeci perante a sensação de pensamentos que não me pertenciam a atravessar a minha mente, mas Ceri manteve a minha mão imóvel. No interior da mente de Minias podia sentir, ao fundo, uma mistura de preocupação, culpa e irritação. Contudo, ele tratara-me como se fosse uma operadora de *telemarketing* e estava prestes a cortar a ligação.

Newt, pensei. Assume o desequilíbrio desta ligação e dir-te-ei onde ela está. Além disso, promete que não nos magoará, acrescentei. Nem deixará que ela nos magoe. Depois leva-a para longe da minha igreja!

— Depressa! — gritou Ceri e a minha concentração vacilou.

De acordo, pensou a voz num tom decidido. A preocupação de Minias aumentou um pouco e juntou-se à minha. Onde é que estão?

O meu breve júbilo desapareceu.

Hum, pensei, perguntando-me como dar direções a um demónio, mas os pensamentos de Minias também vacilaram, confusos.

Que diabo está ela a fazer do outro lado das linhas? O Sol está quase a nascer.

Está a tentar matar-me!, pensei. Põe esse traseiro a mexer e vem buscá-la.

Não estás registada. Como é que queres que saiba onde é que estás? Vou ter de...

Fiquei rígida, arrancando a mão do círculo e do alcance de Ceri quando a voz apertou ainda mais os meus pensamentos com a sua presença. Arquejando, caí para trás, sobre o traseiro, enquanto o meu corpo espelhava a minha tentativa de me afastar da presença de Minias.

— ... atravessar os teus pensamentos — disse uma voz sombriamente suave.

— Pai do Céu, salva-nos — arquejou Ceri.

Senti a cabeça a andar à roda e vi, de relance, Ceri a cair para trás. A elfa tocou no círculo e o pânico atravessou-me, gelado, quando este se desvaneceu numa centelha de negro.

Oh, Deus. Estamos mortas.

O olhar dela cruzou-se com o meu enquanto se endireitava um pouco, sem se erguer do chão, os seus olhos dizendo-me que achava que nos tinha matado. Newt gritou e eu girei sobre mim mesma, permanecendo sentada, e estaquei em choque.

Nada se erguia entre Newt e nós para além de um homem, a sua túnica púrpura refletindo a dela em todos os aspetos exceto na cor. O homem estava descalço e só então recordei a rápida imagem daquela túnica entre mim e Ceri quando ele a empurrou contra a bolha, quebrando-a para poder chegar até Newt.

— Larga-me, Minias — rosnou Newt, e os meus olhos abriram-se perante a imagem da mão dele, os dedos de nós grossos, a agarrar o braço dela. — Ela tem algo que me pertence. Quero-o de volta.

— O que é que ela tem que te pertence? — perguntou ele, em tom calmo, de costas viradas para mim.

Newt era mais baixa do que Minias, o que fazia com que parecesse vulnerável apesar da contundente veemência da sua voz. A voz dele trans-

portava consigo a sonoridade resoluta de uma pergunta mais do que casual e os meus olhos desceram para a sua outra mão, que agarrava o cajado de Newt logo acima da mão dela. As mãos de Minias nunca relaxaram, mesmo quando a sua voz de âmbar e mel se espalhou como um bálsamo pelo santuário violado. Calmante sim, mas também tensa.

Newt não disse nada. Consegui ver a bainha da túnica dela, do outro lado de Minias, a tremer.

Levantei-me com alguma dificuldade, Ceri erguendo-se ao meu lado. A elfa não se deu ao trabalho de voltar a repor o círculo. De que serviria? Minias mudou de posição para bloquear a visão de Newt. Estava concentrado nela, mas eu tinha a certeza que estava consciente de nós e parecia saber o que estava a fazer. Eu ainda não lhe vira o rosto, mas o cabelo castanho era curto, os seus caracóis esmagados pelo mesmo chapéu que Newt usava.

— Respira — disse Minias, como se tentasse desencadear algo. — Diz-me o que queres.

— Quero lembrar-me — sussurrou ela.

Era como se já não nos encontrássemos, sequer, na mesma divisão, tão concentrados estavam um no outro e só então o aperto das mãos de Minias se tornou mais gentil.

— Então porque é que...

— Porque dói — disse ela, movendo os pés descalços.

Inclinando-se para ela, como se estivesse preocupado, perguntou suavemente:

— Porque é que vieste para aqui?

Newt manteve o silêncio durante algum tempo, por fim disse:

— Não me lembro.

Era uma afirmação agitada — suave e ameaçadora — e só acreditei nela porque já antes da chegada de Minias, era óbvio que ela não se recordava.

Minias perdeu o que restava da sua raiva. Senti que estávamos a testemunhar um evento comum mas raramente presenciado por outros e esperei que ele mantivesse a sua promessa e que não decidisse levar-nos com eles quando estivessem prontos para partir.

— Então vamos — disse ele, em tom calmo, e eu perguntei-me quanto daquilo fazia parte dos seus deveres como vigilante e quanto daquilo não era, simplesmente, carinho. Poderiam os demónios gostar uns dos outros? — Talvez te recordes quando regressarmos — disse ele, virando Newt como se a fosse conduzir para longe. — Quando nos esquecemos de alguma coisa, devemos regressar ao local onde primeiro a pensámos e ela lá estará, à nossa espera.

Newt recusou-se a avançar com ele e os nossos olhares cruzaram-se quando Minias se desviou do caminho.

— Não está em casa — disse ela, o sobrolho franzido revelando uma profunda dor interior e, sob ela, um poder em ebulição que era mantido sob controlo pelo demónio cuja mão deslizara do cajado para a mão dela. — Está aqui, não lá. O que quer que seja está aqui. Ou esteve aqui. Eu... eu sei que esteve. — A raiva banhou-lhe a testa, uma raiva nascida da frustração. — Não queres que me lembre — disse ela, em tom de acusação.

— *Eu* não quero que te lembres? — perguntou ele, rudemente, afastando a sua mão da dela e estendendo-a num gesto exigente. — *Dá-mas. Agora.*

O meu olhar saltou entre ambos. Ele passara de amante a carcereiro num instante.

— Faltam-me algumas doses de teixo — disse ele. — Não te fiz esquecer. Devolve-mas.

Newt apertou os lábios e manchas de cor começaram a aparecer na sua face. Aquilo começava a fazer sentido. O teixo era altamente tóxico e usado quase exclusivamente para comungar com os mortos e fazer feitiços de esquecimento. Feitiços de esquecimento ilegais. Tinha encontrado um teixo no fundo do cemitério, junto a um mausoléu abandonado, e, embora não tivesse por hábito comungar com os mortos, tinha-o deixado onde estava, esperando poder negar de forma plausível qualquer conhecimento da sua presença e assim manter o meu traseiro longe da barra do tribunal caso alguém descobrisse a sua existência. Cultivar teixos não era ilegal, mas cultivá-los num cemitério, o que aumentava a sua potência, era.

— Fui eu quem as fez — gritou Newt. — São minhas! Fui eu quem as fez!

Newt virou-se, para partir, mas ele estendeu um braço e obrigou-a a virar-se de novo. Agora podia ver o rosto de Minias. Tinha um maxilar forte, cerrado pela emoção. Os seus olhos vermelhos, demoníacos, eram tão escuros que quase escondiam o aspeto rasgado das pupilas, como as de uma cabra, e o nariz tinha uma aparência fortemente romana. A raiva pesava sobre ele, num equilíbrio perfeito em relação ao temperamento de Newt.

As emoções caíam sobre ambos numa torrente rápida e fluida. Era como se uma discussão de cinco minutos se desenrolasse em três segundos, o rosto dela alterava-se, o dele respondia, provocando uma alteração do estado de espírito dela, que era refletido pela linguagem corporal dele. Minias manipulava cuidadosamente aquele demónio que removera a santidade da igreja sem pensar duas vezes, que submetera à sua vontade um círculo de sangue triplo, algo que me tinham dito ser impossível, mas que Ceri sabia bem que Newt era perfeitamente capaz de fazer. Não sabia de quem ter

mais medo: de Newt que era capaz de lançar uma praga sobre o mundo ou de Minias que a controlava.

— Por favor — pediu ele, quando o rosto dela assumiu uma expressão mortificada e baixou os olhos negros.

Hesitando por breves instantes, ela levou a mão ao bolso da manga larga e entregou a Minias uma mão-cheia de frasquinhos.

— Quantos invocaste quando te recordaste? — perguntou ele, por entre o som dos frasquinhos a bater uns nos outros.

Os olhos de Newt fixaram-se no chão, derrotados, mas a aparência matreira da sua postura dizia-me que ela não estava nada arrependida.

— Não me lembro.

Minias agitou-os levemente na mão antes de os guardar, apercebendo-se, sem dúvida, da sua falta de arrependimento.

— Faltam quatro.

Newt olhou para ele, com lágrimas de verdade nos olhos.

— Dói — disse ela, assustando-me como o caraças.

Newt tinha infligido a si mesma aquela perda de memória? O que teria recordado de tão indesejável?

Ceri estava de pé ao meu lado, quase esquecida, e relaxou um pouco, dizendo-me que estava quase no fim. Perguntei-me quantas vezes teria assistido ao desenrolar daquela mesma cena.

Mais calmo, Minias puxou Newt para mais perto de si, o púrpura da sua túnica envolvendo-a. Newt envolveu o próprio corpo com os braços e deixou que ele a abraçasse, os olhos fechados e a cabeça enfiada por baixo do queixo dele. Pareciam elegantes e compostos, erguendo-se nas suas túnicas de cores fortes e posturas orgulhosas. Perguntei-me como poderia ter duvidado do género de Newt. Era agora tão claro e pensei que talvez ela tivesse mudado a sua aparência de forma subtil. Vê-los juntos lançou um arrepio sobre mim. Minias era a única coisa que prendia Newt à sua sanidade. Não me pareceu que fosse apenas o seu familiar. Não me pareceu que ele alguma vez tivesse sido *apenas* alguma coisa.

— Não as devias tomar — sussurrou Minias, a sua respiração tocando ao de leve na testa dela. A voz dele era cativante, subindo e descendo como uma canção.

— Dói — disse ela, a sua própria voz abafada.

— Eu sei. — Os olhos demoníacos dele prenderam os meus e tremi. — É por isso que não gosto que saias sem mim — disse ele, olhando para mim, mas falando com ela. — Não precisas delas.

Quebrando o nosso contacto visual, Minias virou o rosto dela para o seu, a mão segurando a forte linha do maxilar de Newt.

Com os braços a envolver o meu próprio tronco, perguntei-me há

quanto tempo estariam juntos. Há tempo suficiente para que um fardo forçado se tivesse tornado um fardo carregado de boa vontade?

— Não me quero lembrar — disse Newt. — As coisas que fiz...

Um demónio com consciência? Porque não? Afinal, eles tinham almas.

— Pronto — disse Minias, interrompendo-a. Segurou-a com maior gentileza. — Prometes-me que, da próxima vez que te lembrares de alguma coisa, falas comigo em vez de saíres em busca de respostas?

Newt acenou, depois ficou rígida nos braços dele.

— Era aí que eu estava — sussurrou ela, e senti um aperto no estômago perante a tomada de consciência presente na sua voz.

Minias imobilizou-se e, ao meu lado, Ceri empalideceu.

— Estava nos teus diários! — exclamou Newt, empurrando-o. Minias recuou, cauteloso, mas o demónio nem se apercebeu. — Tens estado a tomar nota de tudo. Escreveste tudo aquilo de que me lembro! Quanto é que tens nos teus livros, Minias? Quanto é que sabes do que eu queria esquecer?!

— Newt... — disse ele em tom de aviso, os dedos remexendo num bolso.

— Encontrei-os! — gritou Newt. — Sabes porque é que estou aqui! Diz-me porque é que estou aqui!

Saltei, quando Ceri me agarrou no braço. Gritando de raiva, Newt agitou o cajado na direção de Minias. Os dedos do demónio dançaram no ar como se ele estivesse a balbuciar em linguagem gestual, formando um feitiço das linhas Ley. Senti uma enorme queda quando alguém acedeu à linha nas traseiras e, com um gritou surpreendente, Minias concluiu o seu feitiço retirando a tampa de um dos frasquinhos que tirara a Newt e lançando-o na direção dela.

Newt gritou de desânimo quando as gotas cintilantes penderam no ar; a raiva, a frustração e a dor que sentia chocantes na sua profundidade. Depois, a poção atingiu-a e o seu rosto ficou vazio.

Deslizando até parar, ela pestanejou, percorrendo com o olhar o santuário vazio, sem mostrar qualquer sinal de reconhecimento quando os seus olhos pousaram em Ceri e em mim. Newt viu Minias, depois lançou o cajado ao chão, como se se tratasse de uma cobra. Este caiu com estrépito e saltitou. No exterior, do outro lado das janelas de vitral, os piscos cantavam na neblina que antecedia a manhã mas, ali dentro, era como se o ar estivesse morto.

— Minias? — disse ela, num tom confuso e consternado.

— Está feito — disse ele baixinho.

O demónio avançou, pegando no cajado dela e entregando-lho.

— Magoei-te? — A voz dela mostrava a sua preocupação e, quando

Minias abanou a cabeça, uma expressão de alívio espalhou-se sobre o seu rosto, transformando-se rapidamente em depressão.

Senti-me indisposta.

— Leva-me para casa — disse Newt, olhando de relance para mim. — Dói-me a cabeça.

— Espera por mim. — O olhar de Minias pousou-se no meu, depois regressou ao dela. — Vamos juntos.

Ceri susteve a respiração, enquanto o demónio se aproximava de nós, o rosto baixo e os ombros largos encurvados. Considerei, por breves instantes, a probabilidade de voltar a erguer o círculo, mas não o fiz. Minias parou à minha frente, demasiado perto para que me sentisse confortável. Os seus olhos cansados fitaram as minhas roupas de dormir, o sangue de Ceri que me manchava as mãos e os três círculos que, claramente, tinham sido ineficazes para parar Newt. Ergueu o olhar por forma a abarcar todo o interior do santuário, a minha secretária, o piano de Ivy e o vazio despojado entre ambos.

— Foste tu quem roubou Ceri ao seu demónio? — perguntou ele, surpreendendo-me.

Queria explicar que se tratara de um salvamento, não de um roubo, mas limitei-me a acenar.

A cabeça dele subiu e desceu uma vez, fazendo troça de mim, e eu fixei os meus olhos nos dele. O vermelho era tão escuro que pareciam castanhos e a pupila enviesada, característica dos demónios, fez-me hesitar.

— O teu sangue ativou a maldição — disse ele, os olhos vermelhos, rasgados como os de uma cabra, saltando para o círculo de sangue ao meu lado. — Ela contou-me que te tinha empurrado através das linhas no inverno passado. — Os olhos dele viajaram sobre mim, avaliando-me. — Não é de admirar que Al esteja interessado em ti. Possuis alguma coisa que a possa ter atraído?

— Para além do favor que lhe devo? — perguntei, com a voz a tremer. — Acho que não.

Os olhos dele desceram para o elaborado círculo que Ceri tinha desenhado para que eu pudesse entrar em contacto com ele.

— Se te lembrares de alguma coisa, liga-me. Eu ficarei com o desequilíbrio. Não quero que ela volte aqui.

Os dedos de Ceri apertaram-se em redor do meu braço. *Pois, eu também não*, pensei.

— Espera aqui — disse ele, voltando-me as costas. — Voltarei para fazermos contas.

Alarmada, afastei-me de Ceri.

— Olá! Espera aí, demoniozinho! Não te devo nada.

As suas sobrancelhas estavam erguidas numa expressão trocista quando se virou para mim.

— Sou eu quem te deve, idiota. O Sol está quase a levantar-se. Tenho de sair daqui. Voltarei quando puder.

Os olhos de Ceri estavam muito abertos. Por uma qualquer razão, pareceu-me que o facto de um demónio me dever um favor não era uma coisa boa.

— Ei! — disse, dando um passo em frente. — Não quero que apareças assim do nada. Isso é rude. — *E muito assustador.*

Minias parecia impaciente por partir enquanto ajustava as roupas.

— Sim, eu sei. Porque é que achas que os demónios tentam matar os seus invocadores? Vocês não passam de criaturas rudes, ignorantes e gananciosas, sem qualquer sentido de graça social, que exigem que atravessemos as linhas e paguemos as contas!

Senti-me a ferver mas, antes que lhe pudesse dizer para ir dar uma volta, ele disse:

— Ligo primeiro, mas *tu* terás de suportar esse desequilíbrio, já que foste *tu* quem o pediu.

Olhei de relance para Ceri, em busca dos seus conselhos, e ela acenou. A garantia de que Minias não ia aparecer enquanto eu estivesse no duche valia o preço.

— De acordo — disse eu, escondendo a mão para que ele não a apertasse.

Atrás dele, Newt fitava-me de sobrolho franzido. Os passos de Minias eram silenciosos enquanto avançava para segurar no cotovelo dela, de forma possessiva, os seus olhos preocupados fixando-se nos meus. A sua cabeça ergueu-se para olhar para lá de mim e de Ceri, na direção da porta aberta e eu ouvi o som característico de uma mota a entrar no acesso. No espaço de tempo entre duas palpitações, eles desapareceram.

Curvei-me sobre mim mesma, aliviada. Ceri encostou-se ao piano, manchando-o de sangue com o antebraço. Os ombros dela começaram a tremer e eu pousei uma mão sobre um deles, não desejando nada mais do que fazer o mesmo. Vindo do exterior, chegou o súbito silêncio da mota de Ivy a ser desligada e, depois, o som distinto dos seus passos no passeio de cimento.

— Então o *pixy* disse ao farmacêutico — disse Jenks, o matraquear das suas asas óbvio. — Taxa? Pensei que eles se seguravam sozinhos! — O *pixy* riu, o som tilintante como o de um espanta-espíritos. — Percebeste, Ivy? Taxa? Tachas?

— Sim, percebi — murmurou ela, os seus passos assumindo um ritmo

diferente quando chegaram aos degraus de cimento. — Boa, Jenks. Ei, a porta está aberta!

A luz que entrava pela igreja foi bloqueada e Ceri endireitou-se, tentando limpar a cara mas sujando-a com sangue, lágrimas e terra do jardim. Podia sentir o fedor a âmbar queimado em mim e por toda a igreja, e perguntei-me se algum dia me voltaria a sentir limpa. Juntas, deixámo-nos ficar de pé, atordoadas, enquanto Ivy parava logo à saída do *foyer*. Jenks pairou durante três segundos e, depois, deixando escapar palavras à mesma velocidade com que libertava centelhas douradas, arrancou à procura da esposa e dos filhos.

Ivy pousou uma mão na anca erguida e fitou os três — não, quatro — círculos de sangue, eu de pijama e Ceri a chorar silenciosamente, a mão, peganhenta de sangue coagulado, a agarrar com força o crucifixo.

— Pela santa terra de Deus, o que é que fizeste agora?

Perguntando-me se algum dia conseguiria voltar a dormir, olhei de relance para Ceri.

— Não faça a mínima ideia.

Dois

NÃO ME SENTIA BEM, COM O ESTÔMAGO ÀS VOLTAS ENQUANTO ME DEIXAVA ficar sentada na minha cadeira da cozinha, em frente à mesa antiga, muito grande e pesada, encostada à parede interior. O Sol era uma fina tira de ouro que se refletia no frigorífico de aço inoxidável. Era algo que não via muitas vezes. Não estava habituada a estar acordada assim tão cedo e o meu corpo começava a dizer-mo. Não achava que tivesse a ver com os problemas daquela madrugada. *Sim. Pois.*

Apertando contra o corpo o robe de veludo lavrado, percorri as Páginas Amarelas enquanto Jenks e Ivy discutiam junto ao lava-loiça. Tinha o telefone no colo, para que Ivy não se apoderasse dele enquanto eu procurava alguém para voltar a santificar a igreja. Já tinha chamado os tipos que tinham tratado do telhado para que nos fizessem um orçamento para a sala de estar. Eram humanos e Ivy e eu gostávamos de os usar porque, normalmente, apareciam bem cedinho, ao meio-dia. Newt tinha levantado a carpete e arrancado vários painéis da parede. *De que raio estava ela à procura?*

Os filhos de Jenks estavam lá dentro, embora nem sequer devessem estar na igreja e, tendo em conta os guinchos e as risadinhas repenicadas, estavam a provocar o caos no isolamento exposto. Virando mais uma fina página, perguntei-me se Ivy e eu poderíamos aproveitar a oportunidade para fazer algumas remodelações. Sob a carpete encontrava-se um belo chão de madeira e Ivy tinha muito bom olho para a decoração. Tinha refeito a cozinha antes de me ter mudado para ali e adorava-a.

A grande cozinha de tamanho industrial nunca fora santificada, tendo sido acrescentada à igreja para a preparação de jantares de domingo e bodas de casamento. Tinha dois fogões — um elétrico e um a gás — pelo que não tinha de cozinhar o jantar e preparar os feitiços na mesma superfície. Não que fizesse muitas vezes o jantar ao lume. Normalmente aquecíamos

algo no micro-ondas ou cozinhávamos no incrível grelhador que Ivy colocara nas traseiras, no ordenado jardim, próprio para uma bruxa, entre a igreja e o cemitério propriamente dito.

Na verdade, fazia a maior parte dos meus feitiços na bancada da ilha, entre o lava-loiça e a mesa de cozinha “estilo quinta” de Ivy. Sobre a ilha encontrava-se uma armação onde eu pendurava as plantas com que estava a trabalhar na altura e os apetrechos que não cabiam por baixo da bancada; além disso, com um grande círculo gravado no linóleo, aquele espaço era muito seguro para a invocação de um círculo mágico; ali não passavam quaisquer fios ou canos, nem por cima, no sótão, nem por baixo, no espaço exíguo sob o chão da cozinha, que o pudessem quebrar. Eu sabia-o. Tinha verificado.

A única janela da cozinha dava para o jardim e o cemitério, criando uma confortável mistura dos meus artigos de magia de terra com o computador e a atitude tensa de Ivy. Era a minha divisão preferida da igreja, embora ali decorressem a maior parte das discussões.

O cheiro penetrante a botões de rosa provinha do chá que Ceri me fizera antes de sair. Franzi o sobrolho perante o pálido líquido cor-de-rosa. Preferia beber um café, mas Ivy não o estava a preparar e eu queria ir para a cama mal me conseguisse libertar do fedor do âmbar queimado.

Jenks erguia-se sobre o parapeito da janela na sua melhor pose de Peter Pan, as mãos nas ancas e muitíssimo convencido. O sol brilhava sobre o seu cabelo louro e as suas asas de libelinha, que lançavam centelhas de luz em todas as direções quando se moviam.

— Que se lixe o peço — disse, de pé entre o meu beta, o *Sr. Peixe*, que nadava no seu copo de *brandy* de tamanho gigante e o aquário de artémias de Jenks. — O dinheiro não serve de nada se estivermos mortos. — As suas feições minúsculas e angulares tornaram-se mais sérias. — Pelo menos no nosso caso, Ivy.

Ivy ficou rígida, o seu rosto oval e perfeito vazio de emoções. Exalando, afastou o seu corpo atlético com um metro e oitenta e dois da bancada à qual se encostara, endireitando as calças de cabedal que costumava usar quando saía para investigar e agitando o cabelo negro, de um liso invejável, num gesto nascido do hábito. Tinha-o cortado há alguns meses e eu sabia que ela se estava sempre a esquecer de como estava curto, logo acima das orelhas. Na semana anterior tinha-lhe dito que gostava do novo estilo e ela fora cortá-lo, deixando-o com um *look* despenteado, as pontas pintadas de dourado. Ficava-lhe muito bem e perguntei-me qual seria o motivo para a sua recente atenção à aparência. *Skimmer, talvez?*

Ivy olhou de relance para mim, os lábios apertados e manchas de cor na pele normalmente pálida. Os olhos ligeiramente amendoados traíam

a sua herança asiática e, combinados com as feições pequenas mas fortemente definidas, tornavam-na lindíssima. Os olhos eram quase sempre castanhos, ficando negros quando o seu estatuto de vampira viva levava a melhor sobre ela.

Deixara-a afundar em mim os dentes, certa vez, e, embora tivesse sido extraordinariamente excitante e agradável, o facto de ela ter perdido o controlo e quase me ter matado tinha-nos assustado a ambas. Ainda assim, eu estava disposta a tentar, com cuidado, encontrar um equilíbrio de sangue. Ivy recusara, terminantemente, embora se estivesse a tornar dolorosamente óbvio que a pressão começava a acumular-se sobre as duas. Ela estava aterrorizada com a possibilidade de me magoar, num momento de intensa sede de sangue. Ivy lidava com o medo ignorando a sua existência e evitando a sua origem, mas a negação autoimposta podia matá-la, apesar de lhe conferir grande força.

A acreditar nos meus companheiros de casa/parceiros de negócios, encontrar novas emoções era o objetivo em torno do qual organizava tanto o meu quotidiano como a minha vida amorosa. Jenks dizia que eu era viciada em adrenalina, mas se isso fazia com que ganhasse dinheiro e desde que não esquecesse os meus limites, qual era o problema? Sabia, com toda a minha alma, que Ivy não encaixava na categoria das pessoas que “procuram emoções fortes”. Sim, a sensação fora incrível, mas fora a percepção de valor próprio que eu lhe conferira, e não o êxtase que o sangue instilara, que fizera com que acreditasse que não se tratara de um erro.

Por um instante, Ivy tinha-se visto a si própria como eu a via: forte, capaz, possuidora da capacidade de amar alguém com todo o seu ser e ver-se correspondida. Ao dar o meu sangue, dissera-lhe que sim, que merecia que alguém se sacrificasse por ela, que eu gostava dela pelo que era e que as suas necessidades não estavam erradas. Necessidades eram necessidades. Éramos nós quem as rotulava como certas ou erradas. Queria que ela se sentisse sempre assim.

Mas, Deus me ajude, fora cá uma sensação!

Como se tivesse ouvido os meus pensamentos, Ivy virou as costas a Jenks.

— Para com isso — disse ela, e eu corei.

Ivy não conseguia ler a minha mente, mas era como se conseguisse. O sentido do olfato dos vampiros captava o odor das feromonas. Ivy conseguia ler o meu estado de espírito com a mesma facilidade com que eu conseguia sentir o cheiro a botões de rosa que se erguia do chá em que ainda não tocara. *Raios, Ceri esperava mesmo que eu bebesse aquilo?!*

As asas de Jenks ficaram vermelhas — não gostando, claramente, da mudança de tema de como gastar o dinheiro que juntáramos a trabalhar

para como mantermos os dentes longe uns dos outros — e Ivy fez um gesto com a mão longa e magra para me incluir na discussão.

— Não é que não queira gastar dinheiro — disse ela, num tom simultaneamente calmante e assertivo. — Mas porquê fazê-lo se um demónio o poderá voltar a desfazer?

Funguei, virando-me para a lista telefónica e avançando mais uma página.

— Newt não é um *simples* demónio. A Ceri disse que era um dos mais velhos e poderosos demónios da eternidade. Para além de ser completamente louca — murmurei, virando a página para mais uma lista. — A Ceri acha que ela não vai voltar.

Ivy cruzou os braços, ficando com uma aparência provocante e esbelta.

— Então porquê dar-mo-nos ao trabalho de voltar a santificá-la?

Jenks deu uma risadinha.

— Sim, Rache. Porquê dar-mo-nos a esse trabalho? Quer dizer, até pode ser uma coisa boa. A Ivy podia convidar a mãe para nos vir visitar. Já cá estamos há um ano e a mulher está mortinha por cá vir. Bem, pelo menos estaria, se ainda estivesse viva.

Preocupada, ergui os olhos da lista telefónica. Uma expressão de alarme desceu sobre Ivy. Por um momento o silêncio foi tal que conseguia ouvir o telefone por cima do lava-loiça e, depois, Ivy mexeu-se, a sua velocidade próxima daquela estranha rapidez de vampiro que ela tanto se esforçava por esconder.

— Dá-me o telefone — disse ela, agarrando-o.

O plástico preto deslizou do meu colo e Ivy arrastou a pesada lista telefónica de cima da mesa. Recuando para a sua ponta da mesa a passos rápidos, pousou a lista sobre os joelhos e retirou um bloco pautado de uma pilha. Enquanto Jenks ria, ela desenhava uma tabela com colunas intituladas: número de telefone, disponibilidade, preço e afiliação religiosa. Confiante de que antes do final da semana estaríamos em solo sagrado, refreei a ira que o facto de ela ter assumido o controlo da tarefa tinha gerado em mim.

Jenks estava a sorrir quando esvoaçou do parapeito da janela libertando centelhas douradas sobre o meu chá antes de pousar ao seu lado.

— Obrigada — disse eu, sabendo que Ivy me conseguiria ouvir mesmo que eu sussurrasse. — Acho que não vou conseguir dormir outra vez até estarmos santificados... e eu gosto de dormir.

Acenando com a cabeça num movimento exagerado, Jenks concordou.

— Porque é que não pões toda a igreja dentro de um círculo? — perguntou ele. — Nada pode passar através disso.

— Não seria seguro, a menos que removêssemos todos os cabos elétricos e os canos de gás para a igreja — expliquei, não querendo contar-lhe que, aparentemente, Newt conseguia atravessar qualquer círculo com um mínimo de esforço. — Queres viver sem a tua MTV?

— Oh, nem pensar — disse ele, olhando de relance para Ivy quando esta ofereceu o dobro à pessoa que se encontrava do outro lado da linha se esta pudesse fazer o trabalho até ao pôr-do-sol. Ivy não se dava muito bem com a mãe.

Cansada, enterrei-me de novo na minha cadeira, sentindo o peso da hora insanamente matutina cair sobre mim. A mulher de Jenks, Matalina, tinha levado os pequenos *pixies* da sala de estar e o som das suas brincadeiras, no jardim, era transportado pela brisa da manhã.

— A Ceri disse que, se Newt não aparecer durante as próximas três semanas, o mais certo é que se esqueça de nós — disse eu, bocejando, — ainda assim, quero voltar a santificar a igreja. — Fitei, com tristeza, o verniz das unhas estalado. — Minias lançou-lhe um feitiço do esquecimento, mas aquele demónio é completamente louco. Além disso, aparece sem ser invocada.

Ivy parou de falar ao telefone e, depois de ela e Jenks terem trocado um olhar, desligou sem se despedir.

— Quem é Minias?

— O familiar de Newt. — Dirigi-lhes um sorriso de lábios apertados para diminuir a rudeza da minha resposta.

Por vezes, Ivy parecia uma namorada. Raios, ela parecia-o a maior parte do tempo, com os seus instintos a lutarem contra a sua mente racional. Eu não era o espectro dela, ou seja, a sua fonte de sangue, mas o facto de vivermos na mesma casa esbatia a fronteira entre o que ela sabia e o que os seus instintos ditavam que sentisse.

Ivy permaneceu em silêncio, sendo óbvio que se tinha apercebido da incompletude da resposta. Não queria falar sobre aquilo, o medo ainda estava demasiado à flor da pele. Literalmente. Eu tresandava a eternidade e tudo o que queria fazer era tomar banho e esconder-me debaixo dos cobertores durante os próximos três dias. Ter tido Newt dentro da cabeça dava-me calafrios, ainda que tivesse recuperado o controlo quase de imediato.

Ivy inspirou fundo, preparando-se para exigir mais, mas foi dissuadida quando Jenks matraqueou um aviso com as suas asas. Haveria de contar toda a história. Só não seria agora. Senti a pressão sanguínea descer, perante a demonstração de apoio de Jenks e, erguendo-me, fui à despensa buscar uma esfregona e um balde. Se íamos ter alguém na nossa igreja para a santificar, queria fazer desaparecer os círculos de sangue. A sério, convenhamos...

— Estás acordada desde o meio-dia de ontem. Eu posso fazer isso — protestou Ivy, mas o facto de não ter dormido deixara-me resmungona. Deixei cair o balde no lava-loiça, bati com a porta do armário por baixo dele quando retirei de lá o desinfetante e atirei a escova para dentro do balde.

— Estás acordada há tanto tempo quanto eu — disse, por cima do barulho da água. — E tu estás à procura de alguém para abençoar o local. Quanto mais depressa tratarmos disso, mais depressa poderei dormir.

Algo de que estava a tratar até te teres intrometido, pensei irritada, enquanto tirava a pulseira metálica que Kisten me tinha dado e a passava em redor da base da taça do Sr. Peixe. O ouro negro da corrente e dos amuletos mundanos cintilou e perguntei-me se deveria dar-me ao trabalho de lhes acrescentar um feitiço das linhas Ley ou deixá-los, simplesmente, como algo belo para usar.

O forte cheiro a laranja fez-me cócegas no nariz e fechei a torneira. Com as costas a protestar, icei o balde do lava-loiça, entornando um pouco de água. Passei desajeitadamente a esfregona sobre as gotas e saí, os pés descalços a gemer contra o soalho.

— Não é nada de especial, Ivy — disse. — São cinco minutos.

O matraquear de asas de *pixy* seguiu-me.

— O familiar da Newt não é um demónio? — perguntou Jenks ao aterrar no meu ombro.

Está bem, talvez não tivesse sido uma demonstração de apoio mas uma tentativa de me avisar da informação que poderia dar a Ivy. Preocupava-se demasiado e a última coisa que eu queria era que ela pensasse que eu não podia sair de casa para comprar uma lata de *Spam* sem a sua “proteção”. Jenks era melhor a ajuizar o seu estado de espírito do que eu, por isso pousei o balde junto aos círculos e sussurrei:

— Sim, mas é mais uma espécie de vigilante.

— A Sininho é uma prostituta Disney — praguejou, atacando gratuitamente o famoso elemento da sua espécie, enquanto eu mergulhava a esfregona algumas vezes no balde antes de espremer o excesso de água. — Não me digas que tens mais uma marca demoníaca?

Jenks saiu do meu ombro quando pousei a esfregona no chão, considerando, aparentemente, o movimento para trás e para a frente demasiado para suportar.

— Não, ele é que está em dívida para comigo — disse eu, nervosa, e Jenks ficou de queixo caído. — Vou ver se ele aceita ficar com a marca de Al. Ou talvez a de Newt.

Jenks pairou à minha frente e eu endireitei-me, sentindo-me cansada enquanto me apoiava à esfregona. Os seus olhos estavam muito abertos e

incrédulos. O *pixy* tinha esposa e um número exagerado de filhos a viver num tronco no jardim. Era um homem de família mas tinha o corpo e o rosto de um rapaz de dezoito anos. Um rapaz de dezoito anos deveras sensual e minúsculo, com asas, centelhas e um tufo de cabelo louro que precisava de um bom corte. A esposa, Matalina, era uma *pixy* muito feliz e vestia-o com roupas coladas ao corpo que se tornavam muito perturbadoras, apesar do seu tamanho diminuto. O facto de se estar a aproximar do fim da vida estava a matar-me e a Ivy. Ele era mais do que o nosso parceiro super-rápido especializado em deteção, infiltração e segurança... era nosso amigo.

— Achas que o demónio vai fazer isso? — perguntou Jenks. — Raios, Rache. Isso seria ótimo!

Encolhi os ombros.

— Vale a pena tentar, mas tudo o que fiz foi dizer-lhe onde estava Newt.

Da cozinha chegou a voz de Ivy, erguida pela irritação.

— É Oakstaff, número 1597. Sim. — Houve uma hesitação, depois. — A sério? Não sabia que tinham registo dessas coisas. Teria sido simpático se alguém nos tivesse dito que éramos um abrigo paranormal. Não devíamos ter benefícios fiscais ou algo assim? — A voz dela começava a ficar cansada e perguntei-me o que se estaria a passar.

Jenks pousou na beira do balde, limpando um espaço onde se sentar antes de se instalar, as asas de libelinha aquietando-se e adquirindo a aparência da gaze. A esfregona não estava a resultar; teria de esfregar. Suspirando, coloquei-me de joelhos e tateei o fundo do balde, em busca da escova.

— Não, *era* santificado — continuou Ivy, a voz cada vez mais alta, límpida sobre o silvar dos pelos da escova. — Já não é. — Uma ligeira pausa e Ivy acrescentou: — Houve um incidente. — Mais uma hesitação. — *Houve um incidente*. Quanto para santificar toda a igreja?

Senti o estômago apertado quando ela acrescentou suavemente:

— Quanto para santificar só os quartos?

Olhei para Jenks, sentindo a culpa pesada sobre mim. Talvez conseguíssemos que a Câmara suportasse os custos se nos apresentássemos como abrigo. Não podíamos propriamente pedir ao senhorio para resolver o problema. Piscary era o dono da igreja e, embora Ivy tivesse abdicado do pagamento de renda, que não passava de uma fachada, ao mestre vampiro em quem confiava, éramos responsáveis pela manutenção do espaço. Era como viver sem pagar renda, em casa dos pais, quando estes se encontravam a gozar umas férias prolongadas... neste caso, umas férias prolongadas na prisão, graças a mim. Era uma história feia mas, pelo menos, eu não o tinha matado... hum, de vez.

O suspiro de Ivy foi audível sobre o som do meu trabalho.

— Pode vir antes do anoitecer? — perguntou, fazendo com que eu me sentisse ligeiramente melhor.

Não ouvi a resposta, mas a conversa terminou e concentrei-me em esfregar as manchas, movendo-me no sentido dos ponteiros do relógio à medida que ia avançando. Jenks observou, a partir da beira do balde, durante algum tempo, depois disse:

— Pareces uma estrela porno de gatas, a limpar o chão em roupa interior. Força, querida — gemeu. — Força!

Olhei de relance e descobri-o a fazer movimentos rudes. *Será que não tem nada melhor para fazer?* Ainda assim, sabia que estava a tentar animar-me, pelo menos foi isso que disse a mim mesma.

Enquanto as suas asas ficavam vermelhas de tanto rir, fechei o robe com um movimento brusco e ergui-me sobre os joelhos antes de soprar do rosto um caracol do cabelo ruivo que me dava pelo ombro. Tentar tirar-lhe o sorriso da cara era inútil — tinha ficado muitíssimo rápido desde que estivera sob o efeito de uma maldição demoníaca que o tornara do tamanho de um ser humano — e virar-lhe as costas seria ainda pior.

— Podias arrumar a minha secretária? — perguntei, permitindo que a minha voz revelasse um toque de irritação. — A tua gata atirou os meus papéis ao chão.

— Podes crer — disse ele, voando para longe. Senti, de imediato, a minha pressão sanguínea a descer.

Os passos suaves de Ivy interromperam-nos e Jenks praguejou abundantemente quando ela apanhou os papéis do chão e os pousou na secretária. Dizendo-lhe, educadamente, que enfiasse uma lesma pelo traseiro acima, Ivy passou por mim, dirigindo-se ao piano com uma garrafa com borrifador numa mão e um pano de camurça na outra.

— Vem cá alguém esta manhã — disse ela, começando a limpar o sangue de Ceri da madeira envernizada. Sangue antigo não suscitava nos vampiros qualquer reação, não como acontecia com a possibilidade de tomar sangue fresco. — Vão fazer um orçamento e, se o nosso crédito for bom, tratam da igreja toda. Queres pagar os cinco mil extra pela garantia?

Cinco mil extra pela garantia? Ai, caramba! Quanto é que isto ia custar? Inquieta, sentei-me sobre os calcanhares e mergulhei a escova no balde. A manga que tinha puxado para cima deslizou e ficou ensopada num instante. Da minha secretária, Jenks gritou:

— Aceita, Rache. Diz aqui que ganhaste um milhão de dólares.

Olhei de relance para trás e vi-o a ler o meu correio. Irritada, larguei a escova e espreguei a água do robe.

— Podemos descobrir, primeiro, quanto é que custa? — perguntei, e

ela acenou, dando ao piano uma boa borrifadela com o que quer que fosse que estivesse naquela garrafa sem rótulo. O líquido depressa se evaporou e ela limpou o piano, deixando-o a brilhar.

— Toma — disse ela, pousando a garrafa ao lado do balde. — Vai tirar o... — As suas palavras cessaram. — Limpa o chão com isso — acrescentou, e as minhas sobranceiras ergueram-se.

— Está be-e-em.

Inclinei-me de novo sobre o chão, hesitando perante o círculo que Ceri desenhara para chamar Minias, depois borrifei-o e esfreguei até desaparecer. Ceri podia ajudar-me a desenhar outro e eu não ia ter círculos de sangue demoníacos no chão da minha igreja.

— Ei, Ivy — chamou Jenks. — Queres guardar isto?

Ivy dirigiu-se para a minha secretária e eu mudei de posição para a manter no meu campo visual. Jenks tinha na mão um cupão de desconto para *pizza* e eu sorri. *Pois, como se ela alguma vez considerasse pedir uma pizza que não viesse do Piscary's.*

— O que mais tem ela aí? — perguntou Ivy, deitando fora o cupão.

Virei-lhes as costas, sabendo bem que o caos da minha secretária deixava Ivy louca. O mais certo era que aproveitasse a oportunidade para a arrumar. Deus, nunca mais seria capaz de encontrar o que quer que fosse.

— Clube Feitiço do Mês... lixo — disse Jenks e ouvi a revista a cair no caixote. — Número grátis do *Semanário da Bruxa*... lixo. Verificação de crédito... lixo. Raios, Rachel. Não deitas nada fora?

Ignorei-o, faltando-me apenas terminar um pequeno arco. *Wax on, wax off.* Doía-me o braço.

— O jardim zoológico quer saber se pretendes renovar o teu passe de corredor fora de horas.

— Guarda isso! — exclamei.

Jenks assobiou, um assobio longo e baixo, e perguntei-me o que teriam encontrado.

— Um convite para o casamento de Ellasbeth Withon? — perguntou Ivy, com a voz arrastada.

Oh, sim. Já me tinha esquecido daquilo.

— Que a Sininho te atire ao chão — exclamou Jenks e voltei a sentar-me sobre os calcanhares. — Rachel! — chamou ele, pairando sobre o convite que, provavelmente, tinha custado mais do que o meu último jantar. — Quando é que recebeste um convite do Trent? Para o casamento dele?

— Não me lembro. — Mergulhei a escova e lancei-me de novo ao trabalho, mas o som do papel de linho a deslizar pelo envelope fez-me endireitar de novo. — Ei! — protestei, limpando as mãos ao robe, o que fez soltar

o cinto. — Não podem fazer isso. É ilegal abrir correio que não seja dirigido à própria pessoa.

Jenks aterrou no ombro de Ivy e ambos me fitaram, longamente, sem largar o convite.

— O selo já estava partido — disse Ivy, sacudindo para o chão o tolo papel branco que eu recolocara cuidadosamente.

Trent Kalamack era a cruz da minha existência, um dos mais amados vereadores de Cincinnati e o solteirão mais desejado do hemisfério norte. Ninguém parecia importar-se com o facto de ele gerir metade do submundo da cidade e ser responsável por uma boa fatia do tráfico mundial de Enxofre. Já para não falar do seu envolvimento com a manipulação genética e os campos proibidos da medicina, que lhe podiam garantir a pena de morte. O facto de *eu* continuar viva graças a esse trabalho explicava, em grande medida, que mantivesse silêncio quanto a isso. Gostava tanto do Antártico como qualquer pessoa normal e seria lá que iria parar se isso se soubesse. Isso se não se limitassem a matar-me, a cremar-me e a enviar as minhas cinzas para o Sol.

De súbito, o facto de um demónio ter destruído a minha sala de estar não parecia assim tão mau.

— Ai, caramba! — voltou a praguejar Jenks. — A Ellasbeth quer que sejas uma das *damas de honor*?

Fechando o robe com um movimento brusco, avancei através do santuário e arranquei o convite das mãos de Ivy.

— Não é um convite, é um pedido mal formulado para que trate da segurança. A mulher odeia-me. Vejam, nem sequer assinou. Quase que aposto que nem sabe que foi enviado.

Agitei o convite no ar e enfiei-o numa gaveta, fechando-a com violência. A noiva de Trent era uma cabra, em todos os aspetos menos o literal. Esguia, elegante, rica e mordazmente educada. Tínhamo-nos dado muito bem na noite em que tomámos o pequeno-almoço juntos, só ela, eu e Trent entalado entre as duas. Claro que isso se poderia dever, em parte, ao facto de eu ter permitido que ela acreditasse que eu e Trent tínhamos sido namorados de infância, mas ela é que concluíra que eu era uma cortesã. Estúpido anúncio nas Páginas Amarelas.

A expressão de Ivy era de desconfiança. Ela sabia que não devia insistir quando se tratava de Trent, mas Jenks recusava-se a deixar o assunto.

— Sim, mas pensa bem, Rache. Vai ser uma festa e tanto. O melhor da sociedade de Cincinnati vai estar presente. Nunca se sabe quem pode aparecer.

Ergui uma planta e passei a mão por baixo dela, a minha versão de limpar o pó.

— As pessoas que querem matar o Trent — disse, alegremente. — Gosto de excitação mas não sou louca.

Ivy desviou o meu balde e a minha esfregona para uma parte seca do chão e borrifou uma boa camada do que quer que fosse que a garrafa sem rótulo continha.

— Vais? — perguntou, como se eu não tivesse já dito que não.

— Não.

Num único movimento, varri todos os papéis da secretária e guardei-os na gaveta de cima. Jenks aterrou na superfície limpa, as asas aquietando-se enquanto ele se encostava ao copo das canetas e cruzava as pernas e os braços numa posição que o tornava surpreendentemente atraente para um homem de dez centímetros.

— Porque não? — perguntou num tom acusatório. — Achas que ele te vai deixar pendurada?

Outra vez, acrescentei em pensamentos.

— Porque já salvei o seu maldito traseiro élfico uma vez — disse eu. — Fazê-lo uma vez pode ser considerado um erro. Fazê-lo duas vezes já não pode.

De balde e esfregona na mão, Ivy saiu, rindo.

— Diz para responder até amanhã — espicçou Jenks. — O ensaio é sexta-feira. Foste convidada.

— Eu sei. — Era também o dia do meu aniversário e eu não queria passá-lo com Trent. Irritada, dirigi-me para a cozinha atrás de Ivy.

Voando de costas, Jenks colocou-se mesmo à frente da minha cara, avançando ao longo do corredor, iluminado pela luz do Sol que entrava pela sala de estar.

— Há dois motivos para ires — disse ele. — Um, vai irritar Ellasbeth e, dois, podias cobrar-lhe o suficiente para pagar a nova santificação da igreja.

Os meus passos abrandaram e tentei afastar a feia expressão do meu rosto. Não era justo. Junto ao lava-loiça, Ivy franziu o sobrolho, pensando, sem dúvida, o mesmo que eu.

— Jenks...

— Só estava a dizer...

— Ela não vai trabalhar para Kalamack — ameaçou Ivy e, desta vez, ele fechou a boca.

Fiquei de pé no meio da cozinha, sem saber porque tinha ido até ali.

— Tenho de tomar um banho — disse eu.

— Vão — disse Ivy, lavando o balde, meticulosa e desnecessariamente, com água e sabão antes de o guardar. — Eu espero pelo tipo que vem fazer o orçamento.

Não gostava daquilo. O mais certo era que ela falsificasse a conta, sa-

bendo que os seus bolsos eram mais fundos do que os meus. Ivy tinha-me dito que estava quase falida, mas quase falido para o último membro vivo da família de vampiros Tamwood não significava o mesmo que para mim, tratava-se antes de ver a conta bancária reduzida a um número com seis algarismos. Quando queria alguma coisa, conseguia-a e eu estava demasiado cansada para discutir com ela.

— Fico a dever-te uma — disse, enquanto agarrava no chá frio que Ceri me tinha feito e me arrastava dali para fora.

— Céus, Jenks — dizia Ivy, enquanto eu evitava o meu quarto, onde as roupas continuavam espalhadas, e me dirigia para a casa de banho. — A última coisa de que ela precisa é de trabalhar para Kalamack.

— Só estava a pensar... — disse o *pixy*.

— Não, não estavas a pensar — disse Ivy em tom acusatório. — O Trent não é um franganote ricoço que se pode usar e abusar, é um barão da droga, sedento de poder e assassino, que fica bem de fato. Não te parece que ele possa ter outra razão para querer que seja ela a fazer a segurança do casamento para além do seu bem-estar?

— Não ia deixar que ela fosse sozinha — protestou Jenks e eu fechei a porta.

Dando um gole no chá amargo, enfiei o pijama na máquina de lavar e pus o chuveiro a correr para não ter de os ouvir. Por vezes, parecia-me que eles achavam que eu não os conseguia ouvir só porque não era capaz de ouvir um *pixy* a arrotar do outro lado do cemitério. Sim, tinham feito um concurso, certa noite. Jenks ganhou.

A água quente era maravilhosa e, depois de o forte cheiro do sabão de pinho ter lavado o odor angustiante a âmbar queimado, saí do chuveiro sentindo-me refrescada e quase acordada. Com uma toalha roxa à volta do corpo, limpei o embaciado do vidro comprido, aproximando-me para ver se tinha sardas novas. Não. Ainda não. Abrindo a boca, verifiquei os meus dentes belos e imaculados. Era bom não ter chumbos.

Podia ter coberto a minha alma de escuridão quando fiz a maldição demoníaca que me transformou em lobo, na primavera, mas não me ia sentir culpada pela pele bela e sem marcas com que tinha ficado quando voltei a assumir a minha forma humana. Os danos acumulados durante vinte e cinco anos de existência tinham sido removidos e, se não arranjasse forma de me livrar da fuligem demoníaca que cobrira a minha alma por causa da maldição, antes de morrer ia pagar por isso no fogo do inferno.

Pelo menos não me vou sentir demasiado culpada por isso, pensei, enquanto levava a mão ao creme para o corpo, forte em proteção solar. Certo era que não o ia desperdiçar. A família da minha mãe viera da Irlanda, muito antes da Viragem; dela herdara o cabelo ruivo, os olhos verdes e a

pele pálida, agora maravilhosamente suave e imaculada como a de um recém-nascido. Do meu pai herdara a altura, a constituição esguia e atlética, bem como a atitude. De ambos herdara uma condição genética que me teria matado antes do meu primeiro aniversário se o pai de Trent não se tivesse colocado acima da lei e revertido o seu efeito no laboratório de medicina genética ilegal.

Os nossos pais tinham sido amigos antes da sua morte, com uma semana de intervalo, em circunstâncias suspeitas. Pelo menos para mim eram suspeitas. Era por isso que eu desconfiava de Trent, como se o facto de ele ser um barão da droga, um assassino e um terrível adepto da manipulação não fosse suficiente.

De súbito esmagada pelas saudades do meu pai, vasculhei o armário atrás do espelho até encontrar o anel de madeira que ele me tinha dado no meu décimo terceiro aniversário. Fora a última coisa que tínhamos partilhado antes da sua morte. Olhei para o anel, pequeno e perfeito na palma da minha mão e, num impulso, coloquei-o no dedo. Já não o usava desde que o feitiço que outrora contivera para esconder as minhas sardas fora quebrado e não precisara dele desde que fizera aquela maldição demoníaca, mas sentia falta do meu pai e, depois de ter sido atacada por um demónio naquela manhã, fazia-me falta uma boa dose de segurança emocional.

Sorri para o anel que me envolvia o mindinho, sentindo-me imediatamente melhor. O anel vinha com um contrato de renovação de feitiço vitalício e eu tinha uma marcação para a quarta sexta-feira de julho, todos os anos. Talvez convidasse a senhora para um café. Talvez lhe pedisse para o alterar para um encantamento de proteção solar, se é que existia tal coisa.

O som de vozes, masculinas e femininas, que se erguia da cozinha tornou-se óbvio enquanto eu secava o cabelo com a toalha.

— Já chegaram? — resmunguei, tirando um conjunto de roupa interior, umas calças de ganga e uma camisola vermelha da máquina de secar. Vestindo-me, coloquei atrás de cada orelha uma gotinha de perfume destinado a impedir que o meu cheiro e o de Ivy se misturassem, penteiei o cabelo para trás com os dedos e saí.

Contudo, não foi um homem santo que encontrei na cozinha, rodeado por crianças *pixies*, foi Glenn.

Três

— OLÁ, GLENN — DISSE EU, ENQUANTO ME AFUNDAVA, DESCALÇA, NA CADEIRA. — Quem é que te anda a azucrinar, hoje?

O claramente desconfortável e bastante alto inspetor do D.F.I. estava de fato, o que não augurava nada de bom. Os filhos de Jenks estavam todos em cima dele, o que era muito estranho. Além disso, Ivy fitava-o a partir do seu computador, o que era algo perturbador. Por outro lado, tendo em consideração que, quando o conhecemos, ela quase o mordera de raiva e ele quase lhe dera um tiro, suponho que estivéssemos no bom caminho.

Jenks esfregou as asas, uma na outra, e os filhos dispersaram-se, erguendo-se em direção ao suporte de onde pendiam os meus utensílios mágicos e as minhas ervas, num remoinho de seda e guinchos que me fizeram doer os olhos, antes de voarem através do corredor, saindo, provavelmente, pela chaminé da sala de estar. Só então reparei que ele se encontrava no parapeito da janela, junto às suas artémias. *Como é que um pixy pode ter mais animais de estimação do que eu?*

Dirigi um sorriso cansado a Glenn, tentando compensar a atitude fria da minha companheira de casa. Entre nós estava um tabuleiro de cartão onde fumegavam dois copos e a brisa quente que entrava pela janela, vinda do jardim, empurrava o divinal aroma do café acabado de fazer na minha direção. Como queria um daqueles copos!

Os dedos de Ivy batiam agressivamente no teclado, enquanto ela se via livre do correio indesejado.

— O inspetor Glenn estava mesmo de saída, não estava?

O homem, alto e negro, cerrou silenciosamente o maxilar. Desde a última vez que o vira, livrara-se da barbicha e do bigode, que tinha substituído por brincos. Perguntei-me o que pensaria o pai sobre aquilo mas, pessoalmente, achei que valorizava a sua imagem, cuidadosamente mantida e polida, de agente da lei jovem e capaz.

O fato não deixava de ser de pronto-a-vestir, mas adequava-se ao seu belo físico como se tivesse sido feito por medida. Os sapatos, cujas biqueiras espreitavam sob a bainha das calças, pareciam suficientemente confortáveis para correr, se fosse preciso. O corpo musculado parecia pronto para isso, graças ao peito largo e à cintura estreita. O punho de uma arma brilhava do coldre preso ao cinto, dando-lhe um toque de perigo.

Não que eu esteja à procura de namorado, pensei. Tinha um excelente namorado, Kisten, e Glenn não estava interessado, embora eu tivesse a certeza de que “se provasse uma bruxa, tudo o resto seria uma estucha”. Além disso, sabia que a sua falta de interesse não nascia do preconceito, por isso não havia problema.

Exalei, os dedos a tremer de cansaço. Os meus olhos saltaram dos seus expressivos olhos castanhos, tensos de preocupação e irritação, para o café.

— Por acaso algum deles é para mim? — perguntei e quando ele acenou, estendi um braço na direção dos copos, dizendo: — Abençoado sejas até à Viragem!

Removendo a tampa de plástico, dei um gole. Fechei os olhos e mantive o segundo gole na boca por um instante. Tratava-se de um café duplo: quente, preto e, oh!, precisamente aquilo de que estava a precisar.

Ivy continuou a escrever e, enquanto Jenks se desculpava para ajudar o pequenote esquecido, que chorava numa concha da sopa, a regressar ao tronco no jardim, dediquei algum tempo a pensar o que estaria Glenn a fazer ali. Ainda para mais, a uma hora tão obscenamente matutina. Eram sete da manhã! Eu não tinha feito nada para irritar o D.F.I., tinha?

Glenn trabalhava para o Departamento Federal Inderland, a instituição humana que funcionava a nível local e nacional. O D.F.I. estava em grande desvantagem em relação ao S.I., o lado da moeda gerido por Inderlanders, no que dizia respeito à aplicação da lei mas, no decurso de uma investigação anterior em que tinha ajudado Glenn, descobrira que o D.F.I. tinha uma quantidade assustadora de informação sobre os Inderlanders, o que fazia com que desejasse não ter escrito todos aqueles resumos para o pai dele, no último outono. Glenn era o especialista em assuntos Inderland do D.F.I. de Cincinnati, o que significava que tinha coragem suficiente para tentar trabalhar dos dois lados. Tinha sido ideia do pai dele e, como eu tinha uma grande dívida para com ele, ajudava-o sempre que me pedia.

Contudo, ninguém estava a falar e eu calculei que era melhor dizer qualquer coisa, antes que adormecesse à mesa.

— Qual é o trabalho, Glenn? — perguntei, dando um gole e desejando que a cafeína começasse a fazer efeito.

Glenn levantou-se, as mãos grossas ajustando o crachá que trazia preso ao cinto. Com o maxilar quadrado apertado, olhou de relance para Ivy.

— Deixei uma mensagem, a noite passada. Não a ouviste?

A profundidade da sua voz era tão calmante como o café que me tinha comprado mas, regressando através do buraco para *pixies* na rede da janela, Jenks deu meia-volta.

— Acho que ouvi a Matalina — disse, desaparecendo e deixando para trás uma faixa cintilante de pó dourado.

Os meus olhos saltaram do pó de *pixy* para Ivy e esta encolheu os ombros.

— Não — disse eu.

Os olhos de Ivy ficaram negros.

— Jenks! — chamou ela, mas o *pixy* não apareceu.

Encolhi os ombros e dirigi a Glenn um olhar de desculpas.

— Jenks! — gritou Ivy. — Se vais carregar no botão para apagar a mensagem, é melhor que a apontes primeiro!

Inspirei fundo, mas Ivy interrompeu-me.

— Glenn, a Rachel ainda não se deitou. Podes voltar por volta das quatro?

— Por essa altura o turno da morgue já terá mudado — objetou. — Lamento que não tenhas ouvido a minha mensagem, mas importas-te de dar uma olhadela na mesma? Pensei que era por isso que estavam a pé.

A irritação apertava-me os ombros. Estava cansada, irritadiça e não gostava que Ivy tentasse controlar os meus assuntos. Num súbito assomo de antipatia, levantei-me.

Emoldurado pelo novo corte de cabelo, o rosto oval de Ivy fitava-me, inquisitivo.

— Onde é que vais?

Agarrei na minha mala, onde já se encontrava toda uma variedade de feitiços e amuletos, depois voltei a tapar o meu café.

— À morgue, aparentemente. Já antes estive acordada assim até tão tarde.

— Mas não depois de uma noite como a que acabaste de ter.

Em silêncio, desenrolei a minha pulseira do pé do cálice onde o *Sr. Peixe* nadava e lutei com o fecho. Glenn endireitou-se, lentamente, a postura revelando alguma preocupação. Certa vez perguntara-me porque é que eu vivia com Ivy, tendo em conta a ameaça que ela representava para a minha vida e o meu livre-arbítrio e, embora agora soubesse a resposta, revelar-lha faria com que ele se preocupasse mais, não menos.

— Caramba, Ivy — disse eu, consciente de que ele nos estava a analisar com um olhar profissional. — Prefiro fazê-lo agora. Pensa nisto como a minha história de dormir.

Dirigi-me para o corredor, tentando recordar onde tinha deixado as sandálias. *Na entrada*. Na cozinha, Ivy dizia:

— Não precisas de sair a correr sempre que o D.F.I. estala os dedos.

— Não! — gritei, em resposta, o cansaço deixando-me parva. — Mas tenho de arranjar dinheiro para pagar a nova santificação da igreja.

Os passos de Glenn hesitaram sobre o chão de madeira, atrás de mim.

— Já não é sagrada? — perguntou, enquanto saíamos para o santuário mais luminoso. — O que é que aconteceu?

— Tivemos um acidente.

A escuridão do *foyer* pareceu-me calmante, quando lá cheguei, e suspirei enquanto calçava as sandálias e abria a pesada porta da igreja. *Deus do Céu*, pensei, semicerrando os olhos perante o brilho forte da manhã do fim de julho. Não era de admirar que, àquelas horas, estivesse a dormir. Os pássaros chilreantes faziam imenso barulho e já estava calor. Se soubesse que ia sair, teria vestido uns calções.

Glenn amparou-me pelo cotovelo, quando tropecei no degrau e o café ter-se-ia entornado se eu não o tivesse voltado a tapar.

— Não és dada a manhãs, hã? — brincou, e eu afastei-me com um safanão.

— Jenks! — gritei, quando as minhas sandálias tocaram no pavimento rachado. O mínimo que ele podia fazer era vir comigo. Ao ver o carro de Glenn parado junto ao passeio, hesitei. — Vamos levar dois carros — ofereci, não querendo ser vista num carro do D.F.I. quando podia seguir ao volante do meu descapotável vermelho. Estava calor; podia baixar a capota.

Glenn riu.

— Com a carta suspensa? Sem hipótese.

O som das minhas sandálias sobre o passeio abrandou e olhei de lado para ele, irritada com a expressão divertida dos seus olhos negros.

— Raios, como é que descobriste?

Glenn abriu a porta do lado do passageiro para eu entrar.

— Ora, trabalho para o D.F.I.! A nossa força nas ruas tem-te ajudado de cada vez que saís para ir às compras. Se fores apanhada a conduzir com a carta suspensa, a S.I. vai atirar contigo para a prisão e nós gostamos de te ter na rua, onde podes fazer alguma coisa de bom, menina Morgan.

Entrei para o lugar da frente e pousei a mala no colo. Não sabia que o D.F.I. tinha ficado a *saber* e ainda menos desconfiava que tinham andado a distrair a S.I.

— Obrigada — disse, baixinho, e ele fechou a porta com um gemido de reconhecimento.

Glenn contornou o carro, enquanto eu apertava o cinto. Estava abafado e lutei com o controlo da janela para a baixar. O carro ainda não estava

ligado mas eu estava irritada. Enfiei o café no suporte e não parei de mexer no botão da janela até Glenn ter enfiado toda a sua altura no interior do carro e me ter deitado um olhar sério. Franzi o sobrolho de frustração.

— Não é justo, Glenn — queixei-me. — Eles não têm o direito de me tirar a carta. Estão a *embirrar* comigo.

— Faz as aulas de condução e despacha isto.

— Mas não é justo! Eles estão a tornar a minha vida difícil de propósito.

— Céus, imagina só! — A chave deslizou na ignição e Glenn fez uma pausa para tirar os óculos escuros do bolso e os colocar no rosto, o que multiplicou por dez o seu estilo. Permitindo que o rosto relaxasse de alívio, fitou a rua silenciosa, com as suas árvores de quase oitenta anos. — De que é que estavas à espera? — perguntou. — Deste-lhes uma desculpa. Eles aproveitaram-na.

Inspirei, frustrada, e sustive o ar nos pulmões. Tinha passado um sinal vermelho e então? Quando avançara, ainda estava amarelo. E houve uma vez em que percorri a interestadual um bocado depressa de mais. Mas suponho que ter deixado que o meu ex-namorado batesse contra mim com a sua *pickup* para ajudar um vampiro a dar início à sua existência morta-viva talvez me tenha custado mais alguns pontos. Ninguém tinha morrido a não ser o vampiro... e ele queria.

Voltei a remexer no botão e Glenn percebeu a indireta. O ar quente entrou no carro enquanto a janela se abria com um gemido, substituindo o odor do meu perfume com o aroma da relva cortada.

— Jenks! — gritei, quando Glenn ligou o carro. — Vamos embora!

O roncar do motor escondeu o matraquear das asas de Jenks, quando este voou, veloz, para o interior do carro.

— Desculpa pela mensagem, Rache — murmurou ao aterrar no retrovisor.

— Não te preocupes.

Estiquei o braço sobre a janela aberta, não querendo chateá-lo por causa daquilo. Tivera de aturar o meu irmão por lhe ter feito exatamente a mesma coisa e sabia que não tinha sido intencional.

Afundi-me no assento de cabedal, enquanto Glenn arrancava na rua deserta. Permaneceria assim até perto do meio-dia, quando a maior parte de Hollows começava a acordar. Sentia a pulsação lenta, devido à hora matutina, e o calor do dia deixava-me ensonada. Glenn mantinha o carro tão limpo quanto ele próprio; não havia um copo de papel manchado ou quaisquer papéis de trabalho no chão ou no banco de trás.

— Entã-ã-ão — disse eu, com a voz arrastada, ao mesmo tempo que bocejava, — o que é que temos na morgue, para além do óbvio?

Glenn olhou para mim de relance, enquanto parava num sinal de STOP.
— Um suicídio, mas é um homicídio.

Claro que sim. Dizendo que sim com a cabeça, acenei ao carro-patrolha da S.I. parado atrás de um arbusto demasiado crescido, depois fiz um gesto de orelhas de coelho e beijinhos ao pequeno lobisomem de fato de treino que dormitava num banco, ao sol, enquanto os observava. Era Brett. O lobisomem paramilitar que tinha sido expulso da matilha por não ter sido capaz de me raptar há alguns meses. Isso, claro, significava que era à minha matilha que ele queria pertencer. Fazia sentido, de uma forma distorcida. Eu tinha vencido a alfa dele; portanto era mais forte.

David, o meu alfa, não queria ter nada a ver com aquilo, já que uma matilha era algo que nunca tinha feito parte dos seus planos. Fora por isso que tentara contornar o sistema e começar uma matilha com uma bruxa, mantendo assim o seu emprego. Assim, Brett estava condenado a permanecer nos limites da minha vida, em busca de uma forma de entrar. Era incrivelmente elogioso, mas também deprimente. Ia ter de falar com David. Ter um lobisomem paramilitar ligado à minha vida caótica não era uma má ideia e o Brett desejava, realmente, alguém em quem confiar. Os lobisomens eram assim. O argumento de David de que Brett estava a tentar cair nas boas graças do seu alfa original espiando-me para ver se tínhamos o artefacto lobisomem que estava na origem da tentativa de rapto era uma treta. Toda a gente pensava que o artefacto tinha caído da ponte de Mackinac embora, na verdade, estivesse escondido na caixa de areia para gato de David.

Jenks tossiu para limpar a garganta e olhei de relance para o *pixy* que esfregou o polegar nos outros dedos num sinal universal para dinheiro. Os meus olhos seguiram os dele até Glenn.

— Ei — disse eu, mudando de posição no assento, — vão pagar-me, certo? — Glenn sorriu e, irritada, repeti, com voz mais aguda. — Vão pagar-me, certo?

Rindo, o inspetor do D.F.I. olhou de relance pelo retrovisor, para Brett, e acenou.

— Porque é que... — começou, mas interrompi-o.

— Ele quer entrar para a minha matilha, mas o David tem-se mostrado relutante — disse. — O que é que este corpo tem de tão importante para que seja preciso eu ir olhar para ele? Sou uma péssima detetive. Não é isso que faço.

O rosto quadrado de Glenn estava carregado de preocupação, enquanto os seus olhos abandonavam o lobisomem atrás de nós e pousavam em mim.

— Trata-se de uma lobisomem. A S.I. diz que foi um suicídio, mas eu acho que se trata de um homicídio e que eles o estão a encobrir.

Deixei que a pressão do ar empurrasse a minha mão para cima e para baixo, apreciando a brisa no meu cabelo ainda molhado do banho e a sensação da pulseira a deslizar pela pele. *A S.I. a encobrir um homicídio? Que grande surpresa.* Jenks parecia feliz, calado, agora que estávamos a trabalhar e a questão do dinheiro tinha sido levantada, ainda que não tivesse sido resolvida.

— Honorários de consultor — disse eu.

— Quinhentos por dia mais despesas — disse Glenn e eu ri.

— Experimenta o dobro disso, rapaz *ketchup*. Tenho um seguro para pagar. — *E uma igreja para santificar e uma sala de estar para reparar.*

A atenção de Glenn, até aqui na estrada, tornou-se distante.

— Por duas horas do teu tempo, seria o quê? Duzentos e cinquenta?

Raios. Ele queria pagar à hora. Franzi o sobrolho e as asas de Jenks abrandaram até parar. Talvez chegasse para pagar os painéis da sala de estar e o pessoal para os colocar. Talvez.

— Está bem — disse eu, vasculhando a mala em busca da agenda que Ivy me dera no ano anterior. Já não batia certo, mas as páginas estavam em branco e eu precisava de algum sítio para apontar onde gastava o meu tempo. — Mas podes esperar uma conta descritiva.

Glenn sorriu.

— O quê? — perguntei, semicerrando os olhos perante o Sol que aparecia e desaparecia.

Glenn ergueu um ombro e desceu-o de novo.

— Pareces tão... organizada — disse ele e, quando Jenks riu, estiquei o braço e bati no ombro de Glenn com as costas da mão.

— Só por isso, acabou-se o *ketchup* — murmurei, afundando-me no assento.

Glenn agarrou o volante com mais força e eu soube que tinha tocado num ponto fraco.

— Oh, não te preocupes, Glenn — brincou Jenks. — Vem aí o Natal. Ofereço-te uma garrafa de *jalapeño* extra-forte, que te vai deixar louco, se a Rachel deixar de te fornecer tomates.

Glenn olhou para mim de lado.

— Hum, na verdade, fiz uma lista — disse ele, procurando no bolso de dentro do casaco por uma folha de papel estreita com a sua caligrafia, clara e precisa.

Ergui as sobrancelhas quando peguei nela: *ketchup* picante, molho de barbecue, polpa de tomate, molho de tomate. O costume.

— Precisas de um novo par de algemas, certo? — perguntou ele, nervoso.

— Sim — respondi, sentindo-me de súbito muito mais acordada. —

Mas se me conseguisses arranjar algumas daquelas abraçadeiras que a S.I. usa para impedir as bruxas das linhas Ley de usarem a sua magia, seria ótimo.

— Vou ver o que consigo arranjar — disse ele e eu acenei, satisfeita.

Embora o pescoço rígido de Glenn me dissesse o quão desconfortável se sentia por trocar ferramentas de aplicação da lei por *ketchup*, achei divertido que o homem, estoico e puritano, se sentisse demasiado envergonhado para entrar numa loja que vendesse tomates. A humanidade evitava-os como se fossem uma praga, o que era compreensível tendo em conta que um tomate tinha transportado o vírus que dizimara uma parte considerável da sua população, há quatro décadas, o que levava à revelação das espécies sobrenaturais, até então escondidas devido ao elevado número de humanos. Porém, ele tinha sido obrigado a comer *pizza, pizza* a sério, não aquela porcaria com molho Alfredo que os humanos serviam e, desde aí, nunca mais parara.

Eu não o ia fazer passar um mau bocado por causa disso. Todos tínhamos os nossos medos. O facto de Glenn desejar algo que todos os outros seres humanos do planeta evitavam era a menor das minhas preocupações. *E se isso me garantir umas abraçadeiras que, um dia, me poderão salvar a vida*, pensei, enquanto me recostava no assento de pele, *então é um segredo que vale a pena manter.*

Quatro

A MORGUE ESTAVA SILENCIOSA E FRIA, COMO UM SALTO RÁPIDO DE JULHO para setembro, e senti-me feliz por ter vestido as calças de ganga. As minhas sandálias batiam ruidosamente nos sujos degraus de cimento, enquanto eu descia de lado, e a luz fluorescente da escadaria servia apenas para realçar a sensação lúgubre. Jenks instalara-se no meu ombro, em busca de calor, e Glenn virou abruptamente à direita quando chegou ao fim dos degraus, seguindo as grandes setas azuis pintadas na parede para lá dos elevadores e das portas duplas que anunciavam alegremente: MORGUE DE CINCINNATI, PROMOVEDO A IGUALDADE DE OPORTUNIDADES DESDE 1966.

Entre a obscuridade subterrânea e o café que Glenn me oferecera e que eu ainda trazia na mão, começava a sentir-me melhor, contudo o meu bom humor devia-se, em grande parte, ao cartão de identificação genuíno que Glenn me entregara quando começáramos a descer os degraus. Não se tratava de um sujo cartão amarelo, laminado, já muito dobrado, que todos os outros recebiam, mas um verdadeiro cartão de identificação, de plástico pesado, com o meu nome gravado. Jenks também tinha um e sentia-se terrivelmente orgulhoso, embora fosse eu a usá-lo, logo por baixo do meu. Aquele cartão garantiria a minha entrada na morgue, o que, de outra forma, jamais aconteceria. Bem, a não ser que estivesse morta.

Eu não fazia grande coisa pelo D.F.I. mas tinha-me tornado, de alguma forma, a sua pequena, a pobre bruxinha que tinha escapado à tirania da S.I. para trilhar o seu próprio caminho. Tinham sido eles a oferecer-me um carro, em vez de uma compensação monetária, quando a S.I. considerou faltoso o facto de eu ter ajudado o D.F.I. a resolver um crime que a S.I. tinha sido incapaz de solucionar. Depois disso, outras instâncias determinaram que, desde que não fizesse parte do rol de empregados do D.F.I., este me podia contratar, tal como a qualquer outra empresa ou indivíduo. *Toma, toma!*

Eram as pequenas coisas que nos alegravam o dia.

Glenn abriu uma das portas duplas e afastou-se para que eu pudesse entrar primeiro. Com as sandálias a bater no chão, analisei a recepção de dimensões consideráveis, mais retangular do que quadrada, metade vazia, metade repleta de arquivadores e uma feia secretária de aço que já ali devia estar desde os anos setenta. Atrás dela encontrava-se um rapaz, com idade para andar na faculdade, envergando uma bata branca, os pés sobre a secretária repleta de papéis e uma consola portátil nas mãos. Uma maca com um corpo coberto por um lençol esperava que lhe dessem atenção mas, pelos vistos, havia que lidar primeiro com os extraterrestres.

O miúdo louro ergueu os olhos quando entrámos e, depois de me ter olhado de alto a baixo, pousou o jogo e levantou-se. Fedia ali dentro: pinho e tecido morto. *Bah!*

— ‘Tão, Iceman — disse Glenn e Jenks gemeu de surpresa quando o puritano inspetor do D.F.I. trocou um complexo aperto de mão, braço, punho, cotovelo, estalo... com o rapaz atrás da secretária.

— Glenn — disse o rapaz louro, sem parar de olhar para mim pelo canto do olho. — Tens cerca de dez minutos.

Glenn deu-lhe uma nota de cinquenta e Jenks engasgou-se.

— Obrigado, devo-te uma.

— ‘Tá-se bem. Mas despacha-te.

O rapaz entregou a Glenn a chave presa a uma boneca *Morde-me Betty* nua. Não havia a mínima hipótese de alguém fugir com a chave da morgue.

Dirigi-lhe um sorriso ambíguo e encaminhei-me para outro conjunto de portas duplas.

— Menina! — chamou o rapaz e a colorida pronúncia adotada dissolveu-se num sotaque rural.

Jenks deu uma risadinha.

— Alguém quer sair contigo.

Arrastando as sandálias, virei-me e constatei que Iceman nos seguira.

— Menina Morgan — disse o rapaz, pousando o olhar nos crachás com o nome. — Se não se importasse. Podia deixar aqui o café? — Perante a minha expressão vazia, acrescentou: — Alguém pode acordar cedo de mais e como o enfermeiro vampiro saiu para almoçar, podia... — Encolheu-se. — Podia ser mau.

Os meus lábios abriram-se quando compreendi.

— Claro — disse, entregando-lho. — Sem problemas.

O rapaz relaxou de imediato.

— Obrigado. — Virou-se para a secretária, depois hesitou. — Hum, por acaso não é Rachel Morgan, a detetive privada, não?

Sobre o meu ombro, Jenks riu.

— Ena, parece que somos famosos.

Eu, por outro lado, sorria de orelha a orelha, fitando o rapaz de frente enquanto Glenn se remexia. Podia esperar. Não era reconhecida muitas vezes e era ainda mais raro não ter de fugir a correr quando o era.

— Sim, sou — disse eu, apertando-lhe a mão, de forma entusiástica. — É um prazer conhecer-te.

As mãos de Iceman eram quentes e os olhos denunciavam o seu prazer.

— Fixe — disse ele, saltitando. — Espera aqui, tenho uma coisa para ti.

Glenn apertou a *Morde-me Betty* com mais força, até ter percebido onde tinha os dedos e os ter deslizado para a chave minúscula.

— Está aqui — disse ele. — Dá-me um segundo. — Jenks começou a trautear a música de *Jeopardy!*, terminando quando o rapaz fechou uma gaveta triunfante. — Encontrei-a.

Regressou para junto de nós e eu senti o meu rosto perder toda a expressão quando vi o que ele me estendia orgulhosamente. *Uma etiqueta para identificar cadáveres?*

Jenks saiu do meu ombro, pregando um tal susto a Iceman que lhe deve ter roubado um ano de crescimento, e aterrou no meu pulso para a conseguir ver. Acho que ele nem se tinha apercebido da presença de Jenks.

— Ai, caramba, Rachel! — exclamou Jenks. — Tem o teu nome! E a caneta! — Ergueu-se no ar, rindo. — Não é querido? — troçou, mas o rapaz estava demasiado assustado para reparar.

Uma etiqueta para identificar cadáveres? Segurei-a na mão, intrigada.

— Hum, obrigada — consegui dizer.

Glenn emitiu um som trocista que lhe veio do fundo do peito. Começava a sentir-me como o fim de uma piada quando Iceman sorriu e disse:

— Eu estava a trabalhar na noite em que explodiu aquele barco, o Natal passado? Fi-la para ti, mas nunca apareceste. Guardei-a como recordação. — O rosto bem barbeado ficou, de súbito, nervoso. — Eu... hum, pensei que a pudesses querer.

Relaxando ao compreender, guardei-a na mala.

— Sim, obrigada — disse, depois toquei-lhe no ombro, para que ele soubesse que estava tudo bem. — Muito obrigada.

— Podemos ir agora? — resmungou Glenn e Iceman dirigiu-me um sorriso envergonhado antes de regressar à sua secretária, os passos rápidos agitando-lhe a bata. Suspirando, o inspetor do D.F.I. abriu uma das portas duplas para que eu passasse.

Na verdade, sentia-me muito feliz por ter aquela etiqueta. Tinha sido feita com a intenção de ser usada e, como tal, estava imbuída de uma for-

te ligação que um feitiço das linhas Ley podia aproveitar para chegar até mim. Valia mais que estivesse nas minhas mãos do que nas de outra pessoa. Quando tivesse tempo, ver-me-ia livre dela de forma segura.

Depois daquela porta havia outra, para formar uma espécie de passagem estanque. O cheiro a coisas mortas tornou-se mais forte e Jenks pousou no meu ombro, deixando-se ficar mesmo ao lado do lóbulo da orelha e da gotinha de perfume que eu colocara antes.

— Passas muito tempo aqui? — perguntei a Glenn quando entrámos na morgue propriamente dita.

— Algum.

O inspetor não olhava para mim, mais interessado nos números e cartões de identificação colocados nos respetivos suportes nas portas atrás das quais se encontravam as gavetas com os cadáveres. Eu estava a ficar arrepiada. Nunca tinha estado na morgue da cidade e fitei desconfiada as cadeiras de aspeto confortável, junto a uma mesinha de apoio na ponta mais distante do que parecia a sala de espera de um consultório médico.

A sala era comprida, com quatro filas de gavetas de ambos os lados da comprida zona central. Era uma zona exclusiva de armazenamento e autorreparação; nada de autópsias, necropsias ou reparação de tecidos assistida. Seres humanos de um lado, Inderlanders do outro, embora Ivy me tivesse dito que todas as gavetas tinham manivelas de abertura, pelo lado de dentro, para o caso de erro de arquivamento.

Segui Glenn até meio do lado Inderland, observando-o enquanto ele confirmava o nome na porta, comparando-o por duas vezes com o que se encontrava numa folha de papel antes de a destrancar e abrir com um puxão.

— Deu entrada na segunda-feira — disse, a sua voz sobrepondo-se ao som da base a deslizar. — O Iceman não gostou da atenção que lhe dedicaram, por isso ligou-me.

Segunda-feira. No dia anterior?

— A Lua cheia é só para a semana — disse eu, evitando o corpo envolto num lençol. — Não é um bocado cedo para um suicídio lobisomem?

Fitei os olhos castanhos de Glenn, lendo neles uma triste concordância.

— Foi o que eu pensei, também.

Sem saber o que encontraria, baixei os olhos enquanto Glenn afastava o lençol.

— Ai caramba! — exclamou Jenks. — A secretária do Sr. Ray?

Uma expressão triste fixou-se no meu rosto. Desde quando é que ser secretária se tornara uma profissão de alto risco? Era impensável que Vanessa se tivesse suicidado. Não era uma alfa mas estava perto.

A surpresa de Glenn deu lugar à compreensão.

— É verdade — ribombou a sua voz grave. — Roubaste aquele peixe do gabinete do Sr. Ray.

Senti uma onda de irritação varrer-me.

— Eu *pensava* que o estava a *salvar*. Além disso, o peixe *não* era dele. O David disse que o Sr. Ray tinha roubado o peixe.

De sobrancelhas unidas, Glenn parecia achar que tal não fazia diferença.

— Ela deu entrada sob forma de lobo — dizia, os seus modos profissionais, os olhos pousando apenas nas zonas feridas e rasgadas do corpo nu. Uma pequena mas bela tatuagem de uma carpa *koi* nadava sobre um fundo laranja e preto numa secção da parte superior do peito, um sinal permanente da sua inclusão na matilha de Ray. — O procedimento normal inclui conceder-lhes de novo a forma humana. É mais fácil determinar a causa da morte numa pessoa do que num lobo.

O cheiro a coisas mortas num pinhal começava a afetar-me. O facto de ainda não ter comido nada não estava a ajudar. O café já não estava a cair bem. Além disso, eu conhecia os procedimentos normais, tendo saído com um tipo que fazia os feitiços que forçavam a mudança. Era um cromo, mas tinha montes de dinheiro: o trabalho não era fácil e ninguém o queria.

Jenks estava frio contra o meu pescoço e, não vendo nada de especial para além do facto de ela estar morta e o braço ter sido rasgado até ao osso, murmurei:

— O que há de extraordinário?

Acenando, Glenn dirigiu-se a uma gaveta baixa no fundo da sala e, depois de ter verificado a etiqueta, abriu-a.

— Isto foi um suicídio lobisomem que deu entrada o mês passado — disse. — Consegues ver as diferenças. Já devia ter sido cremada, mas não sabemos quem é. Deram entrada mais duas desconhecidas lobisomem na mesma noite e estão a dar-lhes um pouco mais de tempo.

— Vieram todas juntas? — perguntei, aproximando-me para ver.

— Não — respondeu ele, baixinho, olhando para ela com pena. — Não existe qualquer ligação entre elas, a não ser a altura, e tem sido impossível encontrá-las na base de dados. Além disso, ninguém as reclamou nem correspondem a nenhum relatório de pessoas desaparecidas... em todos os Estados Unidos.

Do meu ombro ergueu-se a voz abafada de Jenks.

— Ela não cheira a lobisomem. Cheira a perfume.

Encolhi-me quando Glenn abriu o saco e nos mostrou que todo o flanco da mulher tinha sido rasgado.

— Autoinfligido — disse. — Encontraram tecido entre os dentes. Não

é incomum, embora os suicidas não sejam, por norma, tão brutais, limitando-se a rasgar uma veia e a esvaír-se em sangue. Foi encontrada por um corredor num beco de Cincinnati. O tipo chamou o canil.

As ténues rugas em redor dos olhos de Glenn tornaram-se mais profundas, de raiva. Não teve de me dizer que o corredor era humano.

Jenks estava em silêncio e eu procurei um distanciamento frio, enquanto a examinava. Era alta para um lobisomem, mas não demasiado. De peito farto, com cabelo pelos ombros, ligeiramente ondulado nas zonas que não estavam empastadas. Bonita. Sem tatuagens que conseguisse ver. Trinta e poucos? Tendo em conta a definição, cuidava de si. Perguntei-me o que poderia ser tão mau, para que achasse que a melhor resposta seria pôr um fim à vida.

Vendo que eu já estava satisfeita, Glenn abriu uma terceira gaveta.

— Esta foi atropelada — disse ele, abrindo o saco espesso. — O agente no local apercebeu-se de que se tratava de um lobisomem e ela ainda deu entrada no hospital. Chegaram a provocar a transformação para a tratar, mas ela acabou por morrer. — A testa ficou marcada por rugas enquanto ele fitava o corpo devastado. — O coração dela cedeu. Ali mesmo, na mesa de operações.

Obriguei-me a baixar os olhos, estremecendo perante as feridas e a pele rasgada pelo acidente. As agulhas de intravenosas ainda estavam presas ao corpo, prova dos esforços realizados para salvar a sua vida. A desconhecida número dois também tinha cabelo castanho, mais comprido mas igualmente ondulado. Parecia ser da mesma idade e tinha o mesmo queixo estreito. Para além de um arranhão na maçã do rosto, as suas faces estavam incólumes e ela tinha um aspeto profissional e calmo.

Atirar-se para a frente de um carro não era incomum, tratando-se do equivalente lobisomem de um homem que se atira de um local alto. A maior parte das vezes não conseguiam atingir o seu objetivo, acabando sob os cuidados de um médico, onde deviam ter estado desde o início.

Segui Glenn até uma quarta gaveta, descobrindo porque é que Jenks se mantivera tão silencioso quando ouvi um pequeno vómito e ele voou disparado para o caixote do lixo.

— Comboio — limitou-se a dizer Glenn, a voz suave de tristeza.

O café e a falta de sono estavam a dar cabo de mim, mas eu tinha visto as vítimas do ataque de um demónio e, comparado com isso, aquilo era como morrer a dormir. Acho que estava a ganhar pontos junto de Glenn enquanto fitava o corpo, tentando não inspirar o cheiro da decomposição que o frio da sala não podia impedir. Parecia que a desconhecida número três era tão alta como a primeira e tinha o mesmo corpo atlético. O cabelo castanho chegava-lhe aos ombros. Era impossível dizer se era bela ou não.

Vendo-me acenar, Glenn fechou o saco e a gaveta, repetindo esses mesmos gestos enquanto avançávamos de novo até ao corpo de Vanessa. Não sabendo bem porque é que ele me quisera mostrar aquilo, avancei atrás dele.

As asas de Jenks estavam silenciosas quando ele regressou e dirigi-lhe um sorriso de simpatia.

— Não digas à Ivy que não me aguentei — pediu, e eu acenei. — Todas cheiram ao mesmo — disse ele e eu senti-o agarrar-se à minha orelha para se tentar equilibrar, ao mesmo tempo que se mantinha tão perto quanto possível do meu pescoço perfumado.

— Bolas, Jenks, a mim *parecem-me* todas iguais. — Porém, acho que ele não apreciou a minha tentativa de humor.

Os passos de Glenn abrandaram até pararem e fitámos a secretária do Sr. Ray.

— Aquelas três mulheres foram suicídios — disse ele, — a primeira faleceu por automutilação, como parece ser o caso da secretária do Sr. Ray. Eu acho que ela foi assassinada e que o suicídio foi simulado depois.

Olhei para ele de relance, perguntando-me se estaria à procura de fantasmas no nevoeiro. Apercebendo-se das minhas dúvidas, passou uma mão pelo cabelo curto e frisado.

— Olha para isto — disse, inclinando-se sobre Vanessa e agarrando numa mão mole. — Vês? — disse, os dedos escuros envolvendo o pulso fino, em forte contraste com a pele pálida. — Parece um ferimento provocado por atilhos. Atilhos suaves, mas ainda assim atilhos. A mulher que chegou a dar entrada no hospital não tem marcas assim e eu *sei* que tiveram de a prender.

Muito bem. Agora estava a ficar interessada. Talvez Vanessa gostasse de jogos sexuais e tivesse ido longe de mais? Inclinando-me para a frente, concordei que o anel suave podia ter resultado de um atilho, mas foram as unhas que me chamaram a atenção. Tinham sido pintadas de forma profissional, mas as pontas estavam partidas e lascadas. Uma mulher prestes a suicidar-se não gasta um monte de dinheiro a arranjar as unhas para depois as partir antes de pôr fim à vida.

— Onde é que a encontraram? — perguntei baixinho.

Glenn apercebeu-se do meu interesse e dirigiu-me um sorriso que depressa se desvaneceu.

— Debaixo de uma doca, em Hollows. Um grupo em passeio viu-a antes que pudesse congelar.

Não querendo ser deixado de fora, Jenks voou do meu ombro e ficou a pairar por cima dela.

— *Ela* cheira a lobisomem — proclamou. — Peixe. E álcool etílico. Franzi o sobrolho.

— Então alguém a manteve presa contra a sua vontade e, depois, matou-a?

As asas de Jenks matraquearam.

— Ela tem um pedaço de adesivo médico preso nos dentes.

O ar que Glenn inspirara para se preparar para me responder explodiu dele.

— Estás a brincar!

A adrenalina começou a circular e, sentindo-me tonta, virei-me para ver.

— Não fui treinada para isto — disse, quando Glenn pegou numa caneta-lanterna e me fez sinal para que lhe abrisse a boca. Desajeitadamente, segurei-lhe o maxilar. — *Não* me vou pôr a vasculhar dentro dela com uma faca.

— Ótimo. — Glenn apontou-lhe a luz para os dentes. — Não tenho autorização para isso.

O guincho das portas duplas a abrir fez-me erguer a cabeça. Jenks praguejou enquanto eu largava o maxilar de Vanessa, quase lhe acertando com o braço quando me virei. A tensão que sentia transformou-se em medo, por um instante, quando me deparei com Denon, o meu antigo chefe na S.I., que se erguia no meio da sala como um rei dos mortos.

— Isto é uma questão Inderlander. Não têm, sequer, autorização para olhar para ela — disse, a voz melosa deslizando sobre a minha espinha como água sobre pedras.

Maldito fosse tudo aquilo, pensei, repelindo o medo. Ele já não era o meu patrão. Já não era nada. Porém, estava demasiado fundo para aceder a uma linha Ley e não gostava daquilo.

O vampiro vivo de sangue inferior sorriu, mostrando os dentes humanos, um branco ofuscante contra a sua belíssima pele de mogno. Icedman encontrava-se atrás dele, ao lado de um segundo vampiro vivo, desta feita de sangue superior, tendo em conta os caninos pequenos mas afiados. O cheiro a hambúrgueres e batatas fritas entrara com eles e, aparentemente, os cinquenta dólares de Glenn tinham-lhe comprado menos tempo do que estava à espera.

Jenks ergueu-se num zumbido de asas.

— Vejam só o que o gato trouxe consigo e vomitou — rosnou. — Cheira-me que costumava ser qualquer coisa, mas não consigo perceber o quê, Rache. Bolas de pelo de rato, talvez?

Denon ignorou-o, como costumava ignorar todos o que julgava demasiado reles para receberem a sua atenção, mas apercebi-me de um estremecimento no olho, embora continuasse a sorrir, tentando impressionar-me com a sua simples presença.

Glenn apagou a caneta-lanterna e guardou-a, o maxilar tenso, sem qualquer arrependimento. Denon não era algo de que se devesse ter medo. Não que alguma vez tivesse sido, mas agora ainda o era menos. Contudo, o mais certo era ser ele o motivo de eu ter a carta suspensa e isso irritava-me.

Com um passo treinado, o homem grande e musculoso avançou com passos suaves como os de um gato. Tecnicamente era *ghoul*, um termo rude para indicar um humano mordido por um morto-vivo e intencionalmente infetado com o vírus vampírico em quantidade suficiente para uma transformação parcial. Enquanto os vampiros de sangue superior, como Ivy, nasciam com o vírus e eram motivo de inveja devido ao facto de possuírem parte dos pontos fortes de um morto-vivo sem os inconvenientes, um vampiro de sangue inferior era pouco mais do que uma fonte de sangue, tentando manter-se sempre nas boas graças daquele que lhe prometera a imortalidade.

Denon esforçava-se, claramente, para aumentar a sua força humana e, embora os bíceps forçassem as mangas do polo e as coxas fossem espessas graças aos músculos criados a levantar ferro, continuava a ser inferior aos seus pares e assim se manteria até morrer e se tornar um verdadeiro morto-vivo. E isso dependia de o seu “patrocinador” se lembrar e/ou se dar ao trabalho de concluir o serviço. Com Denon a ficar com as culpas por ter permitido que Ivy deixasse o serviço da S.I. comigo, essa probabilidade estava cada vez mais distante. O mestre de Denon não tinha intercedido e Denon sabia-o. Isso tornava-o imprevisível e perigoso, tendo em consideração que estava a tentar voltar a cair nas boas graças do mestre. O facto de estar a trabalhar no turno da manhã era muito revelador.

Embora ainda fosse belo, tinha perdido o ar intemporal dos que se alimentam dos mortos-vivos. Porém, o mais certo era que estes continuassem a alimentar-se dele. Denon chegara a supervisionar todo um piso de agentes mas, desde a minha saída, era a segunda vez que o via a trabalhar nas ruas.

— Como está o carro, Morgan? — provocou com a sua bela voz e eu irritei-me.

— Ótimo. — A raiva sobrepusera-se ao cansaço, tornando-me um bocado parva. Os dois técnicos escapuliram-se, silenciosamente, e ouvi uma conversa baixa e os estalos metálicos de uma maca a ser montada.

Os olhos negros de Denon ergueram-se da secretária morta.

— Vieste ver o teu trabalhinho? — troçou, e Jenks iluminou-nos com um jorro de luz.

— Sai de cima do cadáver, Jenks — murmurei, saindo de trás da gaveta para ter espaço para me mexer. — Estás a enchê-lo de pó.

Denon sorriu, escondendo os dentes de tamanho humano, considerados ridículos. Pousei as mãos nas ancas e agitei o cabelo.

— Está a dizer que não se trata de um suicídio? — disse eu em tom provocatório, vendo uma oportunidade para o irritar. — Porque se está a dizer que sou responsável pelo homicídio dela, vou processar o seu traseiro cor de caramelo daqui até à próxima Viragem.

Num movimento suave, Glenn puxou o lençol sobre Vanessa. O inspetor ainda não tinha dito nada, o que eu achava espantoso tendo em consideração que há apenas um ano achava que não devia qualquer respeito aos vampiros. Era preferível deixar a troca de palavras aos que tinham maiores probabilidades de lhe sobreviver.

— As provas falam por si. — Denon avançou, obrigando Glenn e Jenks a recuar. — Vou entregar o corpo aos parentes mais próximos para que seja cremado. Saíam.

Maldito fosse, daqui até à Viragem, dentro de poucas horas, tudo teria desaparecido. Até os ficheiros em papel e no computador. Era por isso que estava a tratar daquilo a uma hora tão matutina. Quando todos chegassem ao trabalho, seria tarde de mais. De olhos semicerrados, forcei uma gargalhada. Era amarga e não gostei do seu som.

— É isso que faz agora? — trocei. — Foi relegado para a posição de *escriturário*?

Os olhos de Denon tentaram ficar pretos. Era parvo provocá-lo daquela forma, mas eu sentia a falta de sono e tinha Glenn ao meu lado. O que é que Denon podia fazer?

O som da maca a avançar intrometeu-se e Denon avançou, tentando empurrar Glenn com a sua presença. Este, no entanto, não se moveu.

— Não a pode levar — disse o inspetor do D.F.I., pousando uma mão possessiva na porta. — Isto acaba de se tornar uma investigação de homicídio.

Denon riu, mas os dois tipos que empurravam a maca hesitaram e trocaram olhares cúmplices.

— Foi considerado suicídio. Não tem qualquer jurisdição. O corpo é meu.

Raios. Ainda não tínhamos nada e, se não encontrássemos qualquer coisa, pareceríamos uns idiotas.

— Até ser determinado que um ser humano não a matou, tenho toda a jurisdição de que preciso — disse Glenn. — Ela tem marcas de pressão nos pulsos. Foi presa contra a sua vontade.

— Circunstancial. — Os dedos de Denon dirigiram-se à tranca da porta. Glenn não recuou e a tensão aumentou até as asas de Jenks começarem a emitir um gemido agudo.

Vasculhei a mala e saquei do telemóvel. Não que tivesse rede, ali em baixo.

— Podemos ter uma ordem do tribunal nas mãos dentro de quatro horas. O seu entusiasmo em destruir as provas constará da mesma. Continua a querer entregar o corpo?

Jenks pousou no meu ombro.

— Não consegues uma ordem do tribunal assim tão depressa — sussurrou, e eu comecei a suar. Sim, eu sabia que ia demorar um dia inteiro, isso se conseguisse arranjá-la, mas não podia permitir que Denon saísse dali com o corpo.

Denon cerrou o maxilar.

— As marcas de pressão não querem dizer pevas.

Jenks voou do meu ombro para pairar sobre o corpo de Vanessa.

— Então e marcas de agulha? — perguntou.

— Onde? — disse eu, atravessando de imediato a sala para as ver. —

Não as vejo.

O pequeno *pixy* fitava-nos, convencido.

— Porque são pequenas. Agulhas tamanho *pixy*. Como as de fibra ótica. É possível ver o vermelho na pele rasgada. Quem a drogou tentou escondê-las, rasgando o braço como se fosse um suicídio. Porém, estão lá. Vão precisar de um microscópio para as ver.

Um sorriso malandro repuxou os lábios de Glenn e, juntos, virámo-nos para Denon. A palavra de um *pixy* não tinha qualquer valor em tribunal, mas destruir provas conscientemente tinha. O vampiro parecia irritado. Ótimo. Odiaria pensar que era a única a ter uma péssima manhã.

— O braço dela tem de ser verificado — disse ele, bruscamente, os músculos rígidos com a tensão. — Quero ver o relatório antes mesmo de a tinta secar.

Oh, Deus, pensei, revirando os olhos. *Será que ele não podia ter escolhido uma analogia mais vulgar?*

Glenn fechou a gaveta, trancando-a antes de devolver a chave a Ice-man. Jenks pairava ao meu lado e eu não disse nada, sorrindo porque sabia que tinha razão e Denon estava errado, o que queria dizer que os homens da S.I. iam passar por tolos.

Porém, Denon deu uma gargalhada, surpreendendo-me.

— Continua a irritar as pessoas, Morgan, e não tarda as únicas dispostas a contratar-te serão os troles que vivem debaixo das pontes e depravados que lidam com magia negra. Ela morreu por culpa tua e de mais ninguém.

Senti o sangue abandonar-me o rosto e Jenks bateu as asas de forma agressiva. Denon não só sabia que ela tinha sido assassinada e estava a encobri-lo, como me culpava por isso.

— Seu filho da mãe — silvou Jenks e eu movi os dedos para lhe dizer que se mantivesse fora da discussão. Eu não era capaz de apanhar um *pixy* mas talvez um vampiro irritado o fosse.

Dirigindo-me um belo sorriso, Denon virou-se, tão confiante e sedento de poder como quando entrara. Jenks era um borrão de asas e raiva.

— Não lhe dê ouvidos, Rachel. A culpa não foi tua. Não pode ter sido.

Olhei para o cadáver coberto. *Por favor, Deus. Permite que não tenha nada a ver comigo.*

— Sim, eu sei — disse, esperando que ele tivesse razão. Era impossível. A minha única ligação a ela fora aquele peixe e essa questão tinha sido resolvida. Ela era a secretária do Sr. Ray, eu não tinha sido responsável por nada daquilo. Além disso, o peixe nem sequer pertencia ao Sr. Ray.

Glenn pousou uma mão reconfortante no meu ombro e atravessámos lentamente as portas duplas, dando tempo a Denon para se ir embora. Na receção estava apenas Iceman e o som de uma conversa chegava, fraco, do corredor. Esperei enquanto Glenn trocava algumas palavras com o enfermeiro, prometendo-lhe regressar para tratar da papelada depois de me acompanhar a casa. O corpo de Vanessa não poderia ser entregue à família enquanto não fosse afastada a possibilidade de se tratar de um homicídio, mas eu não retirava qualquer prazer de nada daquilo. A S.I. ia ficar muito irritada se eu desse cabo de um dos seus encobrimentos. Oba, oba!

Puxando a alça da mala sobre o ombro, acenei ao nervoso Iceman e acompanhei Glenn. Jenks estava em silêncio. Glenn segurava o meu café com uma mão e o meu cotovelo com a outra. Os meus pensamentos permaneceram fixos em Vanessa, enquanto ele me guiava através dos pisos superiores do edifício, de regresso ao sol. Não disse uma palavra durante todo o caminho até casa e a conversa entre Jenks e Glenn acabou por esmorecer. No seu silêncio pensei ouvir a sua concordância com a teoria de que eu tinha sido, de alguma forma, responsável pela morte da mulher. Mas não podia ter sido. Simplesmente não podia.

Não ergui os olhos do tablier até ter sentido a sombra suave da minha rua. Jenks murmurou qualquer coisa e deslizou pela janela aberta antes de Glenn ter parado completamente o carro. Ergui então os olhos, descobrindo a manha de nevoeiro a deslizar para a hora do dia a que eu normalmente acordava.

— Obrigado por me teres acompanhado — disse Glenn e virei-me para ele, surpreendida com o alívio sincero nos seus olhos. — O agente Denon dá-me calafrios — acrescentou e consegui dirigir-lhe um sorriso.

— É um otário — disse eu, pegando na mala que trazia ao colo.

Glenn ergueu as sobrancelhas.

— Se o dizes. Pelo menos o corpo da Vanessa não será destruído. Além disso, agora terei acesso a todos os registos de que precisar até ser afastada

qualquer possibilidade de envolvimento humano. Acho que posso tratar das coisas a partir daqui.

Suspirei.

— Então porque é que quiseste a minha companhia, Sr. Agente do D.F.I.?

Glenn sorriu, mostrando os dentes.

— Jenks encontrou as marcas de agulha e tu distraíste o Denon e forçaste-o a recuar. Uma ordem do tribunal? — disse ele, rindo. Encolhi os ombros e Glenn acrescentou: — Ele tem medo de ti, sabes?

— De mim? Não me parece. — Levei a mão à porta. Bolas, como estava cansada. — Vou mandar-te a conta — disse, confirmando as horas no relógio do tablier.

— Hum, Rachel — disse Glenn antes de eu sair, — havia outro motivo para a minha visita.

Hesitei e, com uma expressão infeliz, Glenn levou a mão debaixo do banco e entregou-me uma pasta grossa que um elástico mantinha fechada.

— O que é isto? — perguntei e ele fez-me um gesto para que a abrisse. Pousando-a no colo, puxei o elástico e folheei o ficheiro.

Tratava-se, na sua maior parte, de cópias de recortes de jornal e relatórios do D.F.I. e da S.I. sobre roubos que se estendiam por toda a América do Norte e alguns do outro lado do Atlântico, no Reino Unido e na Alemanha: livros raros, artefactos mágicos, joias com significado histórico... senti-me gelada, apesar do calor de julho, ao compreender que se tratava do ficheiro sobre Nick.

— Liga-me se ele tentar entrar em contacto contigo — disse Glenn, a voz com uma tensão curiosa. Não gostava de mo pedir, mas estava a fazê-lo.

Engoli em seco, incapaz de olhar para ele.

— O Nick caiu da ponte de Mackinac — disse, sentindo-me irreal. — Achas que ele sobreviveu? — Eu sabia que sim. Nick tinha-me telefonado mal compreendia que o que tinha roubado de mim fora o artefacto falso e que eu ficara com o verdadeiro.

Senti um peso no peito que me apertava. *Raios. Era disso que Newt estava à procura. Merda, merda, merda... fora por isso que Vanessa fora assassinada?* A S.I. sabia que eu possuía o foco, a certa altura, mas eles e todos os outros achavam que este tinha caído da ponte com Nick Sparagmos. Haveria alguém que soubesse que Nick sobrevivera e estivesse a matar lobisomens para tentar descobrir quem ficara com ele? *Oh, Deus! David.*

— Quero apanhá-lo, Rachel — disse Glenn, obrigando-me a regressar à realidade. — Sei que é o Nick.

Sentia-me como se estivesse envolta em algodão e sabia que os meus olhos estavam demasiado abertos quando me virei para ele.

— Suponho que ele fosse um ladrão. Não sabia até ele ter partido. Não queria acreditar — disse.

Os olhos de Glenn mostravam uma suave pena.

— Sei que não.

A minha pulsação acelerou e inspirei rapidamente. Glenn tocou-me no ombro pensando, provavelmente, que fora o choque de descobrir com toda a certeza que Nick era um ladrão que me fizera tremer as mãos, não o facto de eu saber o que Newt queria e o porquê do assassinato de Vanessa. Maldição, ela tinha sido drogada e depois assassinada por não saber nada sobre aquilo. Contar a Glenn não serviria de nada. Tratava-se de uma preocupação Inderland e ele acabaria por arranjar maneira de o matarem. Não podia lutar contra um demónio.

Como se eu pudesse?

Levei a mão à porta, a mente num turbilhão.

— Obrigada pela boleia, Glenn — disse, os meus bons modos em piloto automático.

— Ei, ei, ei — disse ele, pousando uma mão escura no meu braço. — Vais ficar bem?

Obriguei os meus olhos a cruzarem-se com os dele.

— Sim, vou ficar ótima — menti. — Isto deixou-me abalada, é tudo.

A mão de Glenn deslizou, eu pousei a pasta no assento entre nós e saí do carro, erguendo-me insegura no passeio. Os meus olhos saltaram para a casa onde Ceri vivia. O mais certo era que ela ainda estivesse a dormir, mas assim que acordasse, ia falar com ela.

— Rachel...

Talvez ela conhecesse uma forma de destruir o foco.

— Rachel?

Suspirando, inclinei-me para olhar para dentro do carro. Glenn estendia-me a pasta, os músculos do ombro retesados devido ao seu peso.

— Fica com isto — disse ele e, quando eu me preparei para protestar, acrescentou: — São cópias. Devias saber o que ele fez... seja como for.

Hesitando, recebi a pasta e senti o seu peso a puxar-me na direção do passeio.

— Obrigada — disse, não querendo saber. Fechei a porta e dirigi-me para a igreja.

— Rachel — chamou ele e eu estaquei e virei-me. — Os cartões de visitante? — pediu.

Oh, sim. Regressei ao carro e pousei a pasta no tejadilho enquanto retirava os cartões e lhos entregava através da janela.

— Promete-me que não conduzes enquanto não terminares as aulas — disse ele, despedindo-se.

— Claro — murmurei, recuperando a pasta e afastando-me. Tinha sido revelado de novo. O mundo sabia que o foco não se tinha perdido e, mal compreendessem que eu ainda o tinha, ia estar metida em sarilhos dos grandes.

Cinco

A MANHÃ QUENTE TINHA-SE TORNADO CHUVOSA QUANDO ME VOLTEI A levantar e senti-me estranha por acordar tão perto do pôr-do-sol. Tinha ido para a cama de mau humor e acordei igual, tendo sido arrancada à inconsciência por Skimmer a tocar à campainha, por volta das quatro da tarde. Tenho a certeza que Ivy atendeu tão depressa quanto pôde, mas voltar a adormecer exigia um esforço demasiado grande. Além disso, Ceri ia passar por lá, de noite, e não queria que ela me voltasse a encontrar de pijama.

Doía-me o braço, enquanto me erguia junto ao lava-loiça, de calções e t-shirt, a polir a chaleira de cobre; o nojo silencioso de Ceri perante a minha chaleira, esta manhã, tinha-me impelido a limpá-la. A elfa ia ajudar-me a desenhar outro círculo. Talvez a giz, desta vez, para não ser tão asqueroso. Começava a sentir-me desejosa da visita de Minias. Talvez ele destruísse o foco como pagamento por eu ter encontrado Newt e, depois de ter visto Ceri a negociar com Al, queria a ajuda dela com Minias. Aquela mulher era mais matreira na forma como construía as frases do que Trent.

Tinha telefonado a David, antes de adormecer e, depois de uma acalorada discussão que esvaziou a igreja de todos os *pixies*, ele disse-me calmamente que se o assassínio ainda não tinha ligado o foco a ele, o mais certo era que não o conseguisse fazer. Além disso, tirá-lo do congelador podia chamar a atenção. Eu não estava convencida e, se ele não mo trazia, eu teria de o ir buscar. O que significava trazê-lo para casa de autocarro ou na parte de trás da motorizada de Ivy. Nenhuma das opções parecia uma boa ideia.

Soprando um caracol de cabelo da frente, passei a chaleira por água, sequei-a e voltei a pousá-la sobre o fogão. Não estava a brilhar mas estava melhor. O cheiro forte do líquido de polir era pesado no ar fechado e, como a chuva tinha parado, abri a janela com dois dedos enrugados.

A humidade fria deslizou para a cozinha e fitei o jardim escuro e mo-

lhado, enquanto lavava as mãos. Franzi o sobrolho quando vi as unhas, o verniz estava estragado e as cutículas estavam verdes. *Raios. Tinha acabado de as arranjar.*

Suspirando, pousei o pano da loiça e virei-me para a despensa. Estava cheia de fome e, se não comesse qualquer coisa antes da chegada de Ceri, pareceria um porco quando devorasse todo o pacote de bolachas guardado para a ocasião. Penetrei na grande despensa, fitando as latas de fruta, os frascos de *ketchup* e as misturas para bolos, dispostos nas filas organizadas segundo as quais Ivy arrumara as nossas compras. O mais certo era que Ivy as rotulasse se eu deixasse. Levei a mão à massa de cotovelo e ao pacote de molho em pó: fácil, rápido e cheio de hidratos de carbono. Precisamente aquilo que o curandeiro recomendou.

Do santuário chegou um baque surdo e uma gargalhada leve, recordando-me que não estava sozinha. Ivy tinha convencido a sua antiga companheira de quarto, Skimmer, a mudar o mobiliário da sala de estar para o santuário, em parte para arranjar espaço para os Três Tipos e uma Mala de Ferramentas, que iam repor os painéis na parede, em parte para deixar algum espaço entre Skimmer e eu. Embora Skimmer fosse frustrantemente simpática, era a advogada de Piscary — como se o facto de ser uma vampira viva não fosse suficientemente assustador — e eu não gostava muito de ter de responder às suas simpatias.

Pousando a caçarola no fogão, vasculhei o armário por baixo da bancada até me ter lembrado que os filhos de Jenks estavam a usar o tacho grande para fazer as vezes de forte, no jardim. Irritada, enchi de água o meu maior caldeirão para feitiços e pousei-o no fogão. Misturar a preparação de alimentos com a preparação de comida não era boa ideia, mas eu já não usava aquele caldeirão para feitiços... desde que ficara com uma amolgadela do tamanho da cabeça de Ivy.

Derreti a manteiga para o molho, enquanto a água aquecia. Uma explosão de som ergueu-se do santuário e os meus ombros relaxaram ao ouvir o som beligerante da música de NIN. Desceram um pouco o volume e a voz alegre de Skimmer ergueu-se num agradável contraponto à suave resposta de Ivy. Ocorreu-me que, embora fosse uma vampira viva, Skimmer era muito parecida comigo no sentido em que era rápida a rir e não deixava que as coisas más a perturbassem exteriormente, uma qualidade de que Ivy parecia necessitar para se equilibrar.

Skimmer estava em Cincinnati há uns bons seis meses, tendo abandonado a Califórnia e um outro grupo de vampiros para ajudar Piscary a sair da prisão. Ela e Ivy tinham-se conhecido durante os últimos dois anos de liceu, na Costa Oeste, tendo partilhado tanto o seu sangue como os seus corpos e isso, não Piscary, fora o que levava Skimmer a abandonar o seu

mestre vampiro e a sua família. Conhecera-a no ano anterior, altura em que ela iniciara o nosso relacionamento com o pé errado, tendo-me tomado por espectro de Ivy e, de acordo com as boas maneiras vampíricas, tendo efetuado uma oferta cortês pelo meu sangue.

Os meus movimentos para mover o pedaço de manteiga pela caçarola abrandaram e tive de obrigar a mão a descer do pescoço, não gostando do facto de ter tentado tapar a cicatriz escondida por baixo da pele perfeita. O arrepio de desejo que a mulher provocara em mim tinha sido profundo e chocante, ultrapassado apenas pela vergonha que sentira por não ter percebido o teor da minha relação com Ivy. Raios, eu não a compreendia. Esperar que Skimmer a compreendesse trinta segundos depois de me ter conhecido, era ridículo.

Eu sabia que Ivy e Skimmer tinham recomeçado o seu relacionamento no ponto em que tinha parado, o que me parecia ser a razão porque Piscary concordara em aceitar Skimmer na sua camarilha caso a bela vampira conseguisse uma vitória no seu caso. Enquanto misturava a manteiga, o leite e o molho em pó, perguntei-me se Piscary teria começado a lamentar a sua clemência ao deixar que Ivy mantivesse uma amizade comigo, baseada não no sangue mas no respeito. Provavelmente esperava que Skimmer conduzisse Ivy a um estado de espírito mais vampírico.

No entanto, passara a ser muito mais fácil viver com Ivy durante os últimos meses, desde que começara a saciar a sua sede de sangue com alguém que amava e que podia sobreviver às suas atenções. Ela estava feliz. Sentia-se culpada, mas feliz. Não me parecia que Ivy conseguisse ser feliz sem um toque de culpa. Entretanto eu podia fingir que não estava a sentir a atração do êxtase de sangue, não abordando a questão porque Ivy tinha medo. Os nossos papéis tinham-se invertido e eu não tinha tanta prática quanto ela a dizer a mim mesma que não podia ter algo que queria.

A colher de madeira matraqueou contra a caçarola, enquanto a minha mão tremia, um arrepio de adrenalina a correr através de mim perante a recordação dos seus dentes a penetrar na minha pele, o medo e o prazer misturados numa sensação surreal enchendo-me com a força do êxtase.

Como se a memória a tivesse chamado, a silhueta esguia de Ivy apareceu no corredor. Envergando umas calças de ganga justas e uma camisa curta que deixava exposto o brinco que tinha no umbigo, dirigiu-se ao frigorífico em busca de uma garrafa de água. Os seus movimentos tornaram-se mais lentos quando sentiu o cheiro no ar, percebendo que eu estivera a pensar nela ou, pelo menos, em algo que me fazia correr o sangue e acelerar a pulsação. De pupilas dilatadas, fitou-me do outro lado da cozinha.

— O perfume já não está a funcionar — disse ela.

Escondi um sorriso, pensando que podia muito bem parar de o usar, embora forçá-la a morder-me outra vez fosse uma má ideia.

— É um antigo — disse eu. — Não tinha mais nada na casa de banho.

Para minha grande surpresa, Ivy abanou a cabeça e riu. Estava de bom humor e perguntei-me o que é que ela e Skimmer teriam estado a fazer, para além de mudar a mobília. *Nada que me dissesse respeito*, pensei, virando-me de novo para o molho.

Ivy estava em silêncio, bebendo mais um gole, encostada à bancada, as pernas cruzadas pelos tornozelos. Senti os seus olhos a percorrer a cozinha, pousando na chaleira que brilhava tenuemente num dos bicos de trás do fogão.

— A Ceri vem cá? — perguntou.

Acenando, olhei para o jardim húmido, coberto pelas sombras de um anoitecer antecipado devido às nuvens.

— Vai-me ajudar com o glifo de chamamento. — Olhei para ela de relance, sem deixar que a colher parasse. *No sentido dos ponteiros do relógio, no sentido dos ponteiros do relógio... nunca ao contrário.* — Quais são os teus planos para esta noite?

— Vou sair e só devo voltar perto do nascer do Sol. Tenho um trabalho. — Num movimento carregado de uma graça poderosa, usou uma mão para se sentar sobre a bancada.

— Vais levar o Jenks? — perguntei, desejando que ele ficasse comigo, mas colocando os meus medos em segundo lugar em relação a um trabalho de verdade.

— Não. — Ivy passou os dedos pelas pontas do cabelo curto, numa demonstração de nervosismo que me disse que ela ia fazer algo para Piscary, não em benefício da sua conta bancária. Ela era o delfim do mestre vampiro e isso vinha em primeiro lugar (desde que não me envolvesse a mim). — Achas que o demónio estava atrás daquela estátua horrenda?

— Do foco? — Passei um dedo pela colher, lambi-o e coloquei a colher no lava-loiça. — Quem mais poderia ser? A Ceri diz que, se a Newt soubesse que era o David quem a tinha, teria aparecido em casa dele, não aqui, mas vou recuperá-la, ainda assim. Alguém em Cincinnati sabe que a estátua não se perdeu. — O meu olhar tornou-se distante e uma terrível sensação de traição instalou-se no fundo do meu estômago. Para além de Ivy, Jenks e Kisten, a única pessoa que sabia que eu ainda tinha o foco era Nick. Não podia acreditar que ele me tivesse traído daquela forma, mas ele já *tinha* vendido informações sobre mim ao Grande Al. Além disso, agora estava zangado comigo.

A água estava a ferver e eu deitei para o tacho massa suficiente para três. Inclinando-se para a frente, Ivy puxou para ela a caixa de massa aberta.

— O que é que o Glenn queria? — perguntou, mastigando um cotovelo de massa seca.

Separando os pedaços de massa, baixei o lume.

— A minha opinião em relação ao assassinato de um lobisomem. Era a secretária do Sr. Ray. Quem quer que o tenha feito, tentou que parecesse um suicídio.

Erguendo as sobrancelhas finas, o olhar de Ivy saltou para o calendário preso à parede ao lado do computador.

— A uma semana da Lua cheia? É impossível tratar-se de um suicídio e a S.I. sabe-o.

Acenei.

— Acho que não estavam à espera que o D.F.I. se interessasse pelo caso. Ela tinha ferimentos provocados por atilhos e marcas de agulha. O Denon estava a tentar encobrir o caso.

Ivy hesitou, enquanto levava a mão à caixa para retirar mais um pedaço de massa.

— Achas que tem qualquer coisa a ver com o foco?

— Porque não? — disse eu, exasperada.

Maldição. Só tinha a feia estátua há dois meses e já se sabia que não se tinha perdido na queda da ponte de Mackinac. Afastando uma madeixa de cabelo, mexi a massa e tentei lembrar-me se tinha ido visitar, ou mesmo se ligara, a David durante todo esse tempo. Para além da noite em que lha entregara, não me parecia que o tivesse feito. Ele era o meu alfa, mas não estávamos casados nem nada do género. Raios, aquilo não era nada seguro. Tinha de lha tirar o mais depressa possível.

— Posso perguntar por aí, se quiseres — disse Ivy, puxando as botas para cima da bancada e sentando-se de pernas cruzadas com a caixa de massa no colo.

Os meus pensamentos voltaram a saltar para ela.

— Nem pensar — disse. — Quanto menos ondas levantar, mais segura estarei. Além disso, mesmo que descubras alguma coisa, não seremos pagas por isso.

Ivy riu e o meu estado de espírito ficou mais leve. Ivy não ria muitas vezes e eu adorava o som das suas gargalhadas.

— Era por isso que estavas a pensar no Nick? — perguntou ela, chocado-me. — Nunca fazes molho Alfredo a menos que estejas.

Abri a boca para protestar, depois fechei-a, batendo os dentes. *Raios. Ela tem razão.*

— Hum — disse, irritada, mexendo a massa. — O Glenn deu-me o ficheiro dele, hoje. Tem dez centímetros de espessura.

— A sério? — perguntou, com a voz arrastada. Ivy não gostara de Nick desde o primeiro dia.

— Sim, a sério. — Hesitei, observando o vapor a subir. — Já fazia isto há algum tempo.

— Lamento.

Forcei o meu rosto a assumir uma expressão vazia. Ivy odiava Nick mas lamentava de verdade que ele me tivesse partido o coração.

— Já o esqueci.

Era verdade. Exceto a parte de me sentir usada. Ele tinha andado a vender ao Al informações sobre mim em troca de favores *antes* de termos terminado. Idiota.

“Only” dos NIN silenciou-se e não fiquei surpreendida quando Skimmer entrou na cozinha, desejando, provavelmente, saber o que estávamos a fazer. Senti, mais do que vi, a postura de Ivy mudar, assumindo um aspeto mais fechado, quando o corpo de bailarina de Skimmer, envolto em ganga, deslizou para a divisão.

Ivy era tão aberta comigo como era com Skimmer, mas não se sentia confortável em permitir que Skimmer o soubesse. Nós as três tínhamos uma dinâmica estranha que não me agradava. Skimmer amava abertamente Ivy, tendo-se mudado para Cincinnati graças à promessa de, caso libertasse Piscary da prisão, lhe ser permitida a entrada na sua camarilha e ser autorizada a ficar. Fora eu quem o colocara lá e, no dia em que ele saísse, o mais certo era descobrir que a minha vida não valia um peido de trol. Ivy era uma parte considerável da razão porque eu continuava viva, o que a deixava numa posição complicada, sob uma pressão que aumentava a cada novo sucesso em tribunal.

Skimmer estava disposta a fazer o que fosse preciso para ficar com Ivy. Eu estava disposta a fazer o que fosse preciso para manter o meu corpo e a minha alma intactos. Ivy ia enlouquecer em silêncio, desejando que ambas fôssemos bem-sucedidas. Teria ajudado se Skimmer não fosse tão simpática.

A vampira perspicaz percebeu que tinha interrompido qualquer coisa e, prendendo o cabelo comprido, louro e muitíssimo liso, atrás da orelha, instalou-se na cadeira de Ivy, junto à mesa. Pelo canto do olho, vi as suas feições ficarem sérias por um momento quando ela e Ivy trocaram um olhar, mas depois estas suavizaram-se, o nariz e o queixo pequenos assumindo uma expressão agradável. Ao lado das feições delicadas de Skimmer, o meu queixo forte e as maçãs do rosto salientes pareciam-me quase Neandertais. Embora fosse espantosamente esperta e muitíssimo competente, os olhos

azuis e o bronzeado da Costa Oeste davam-lhe um ar inocente, um traço que, provavelmente, lhe garantiria várias vitórias na sua profissão, por ser subestimada pela concorrência.

— Almoço? — disse ela, alegremente, a voz agradável revelando uma pitada calculada de nervosismo.

— É apenas massa — disse, indo escorrer o macarrão. — Fiz o suficiente para três, se estiveres interessada.

Virei as costas ao lava-loiça, descobrindo que os seus olhos de um azul forte tinham uma íris azul cada vez mais pequena, o que os tornava ainda mais espantosos. Perguntei-me o que elas teriam estado a fazer no santuário. Havia mais de um sítio onde morder alguém e a maioria estava tapada pela roupa.

— Podem contar comigo — disse ela, olhando de relance para o relógio com os números marcados por diamantes. — Ainda tenho uma hora antes de ser precisa no escritório e, se não estiver lá, eles bem podem esperar por mim.

Aquilo era frio — tendo em consideração que ela era a chefe — mas a minha pressão sanguínea começou a subir quando ela avançou para o frigorífico, erguendo o braço para retirar um dos biscoitos de enxofre que Ivy guardava em cima dele. Deus, como odiava aquelas coisas; além disso vivia em terror do dia em que a S.I. arranjasse uma desculpa para fazer uma busca à minha cozinha e me arrastasse dali para fora.

— Porque é que não fazemos uma refeição a sério? — disse a vampira, obviamente consciente de que eu estava perturbada mas determinada a continuar. — A Ivy tem uma missão esta noite e eu tenho de voltar ao trabalho. Não demorávamos muito a preparar um almoço, agora mesmo.

Se a minha massa não te chega, porque é que disseste que sim?, pensei, irritada, mas refreei a minha primeira reação porque sabia que a oferta tinha a sua origem numa sincera tentativa de estabelecer um ambiente de camaradagem. Olhei de relance para o relógio, concluindo que tínhamos tempo suficiente antes de Ceri chegar, e, quando Ivy encolheu os ombros, acenei.

— Claro — disse. — Porque não?

Skimmer sorriu. Era óbvio que não estava habituada a que não gostassem dela e não era que eu a odiasse, mas sempre que ela aparecia, fazia qualquer coisa que me caía mal, ainda que não fosse por sua culpa.

— Vou fazer pão de alho — disse ela, alegremente, o cabelo a abanar enquanto abria a porta do armário em busca de especiarias.

— A Rachel é alérgica ao alho — disse Ivy e a vampira viva hesitou. Os seus olhos cruzaram-se com os meus e quase a conseguia ouvir censurar-se.

— Oh! Então pão tostado com ervas. — Com uma alegria forçada, lavou as mãos.

Eu não era verdadeiramente alérgica, apenas sensível devido à mesma deficiência genética que me teria matado se o pai de Trent não tivesse intervindo. Ivy deslizou da bancada e, depois de ter fechado a caixa da massa com um movimento rápido, começou a preparar uma salada. Estava mesmo ao lado de Skimmer e, quando as suas cabeças quase se tocaram, pareceu-me ouvir um suave encorajamento.

Erguendo-me junto ao fogão com a minha massa, dei por mim a começar a sentir pena de Skimmer. Ela estava mesmo a tentar, reconhecendo que eu era importante para Ivy e fazendo um esforço por ser educada. Skimmer sabia que Ivy me tivera debaixo de olho, tendo desistido de tentar ficar com o meu sangue e, depois de o ter, por fim, obtido, o encontro terminando suficientemente mal para a impedir de o voltar a tentar. Além disso, não era segredo nenhum que eu me estava nas tintas para o facto de elas partilharem o sangue e a almofada. Creio que isso tinha muito a ver com a atitude de Skimmer. Eu era uma das poucas amigas de Ivy e Skimmer sabia que a forma mais rápida de a irritar era ser má para mim.

Vampiros, pensei, deitando a massa para o molho. Nunca os compreenderei.

— Que tal um pouco de vinho? — perguntou Skimmer erguendo-se, junto ao frigorífico aberto, com uma barra de manteiga na mão. — O vinho tinto fica bem com massas. Trouxe uma garrafa o outro dia.

Eu não conseguia beber vinho tinto sem correr o risco de ficar com uma enxaqueca e Ivy raramente bebia, e ainda menos antes de uma missão. Abri a boca para dizer, simplesmente, para mim não, mas Ivy respondeu:

— A Rachel não tolera vinho tinto. É sensível ao enxofre.

— Oh, Deus. — O belo rosto de Skimmer estava marcado por rugas de expressão quando ela saiu detrás da porta. — Lamento. Não sabia. Há mais alguma coisa que não tolere?

Só a ti.

— Sabem que mais? — disse eu, colocando a tampa sobre o tacho com a massa já acabada e apagando o lume. — Vou buscar gelado. Mais alguém quer gelado?

Sem esperar por uma resposta, agarrei na minha mala e num dos sacos de lona de Ivy e saí da cozinha.

— Volto antes de o pão estar pronto! — gritei por cima do ombro.

O eco das minhas sandálias soava diferente no santuário e abrandei para ver a área agradável que Ivy e Skimmer tinham preparado num canto,

criando uma sala de estar temporária. A televisão seria uma treta, já que ali não havia cabo, mas tudo aquilo de que eu precisava era de uma aparelhagem. Skimmer devia ter trazido as plantas, já que não as vira antes. A maldita vampira estava quase a mudar-se para ali.

E eu estou a ter um problema com isso? Sentindo-me agora irritada comigo mesma, abri uma das pesadas portas, deslizando para o degrau largo e fechando-a com força. A luz por cima do letreiro estava acesa e fazia brilhar o chão molhado. O ar, suave da chuva, acariciou o meu ombro nu mas não me acalmou. Estaria perturbada por ter começado a pensar na igreja como minha ou por Skimmer estar a receber parte da atenção de Ivy?

Quero mesmo responder a isso?

O meu estado de espírito ficou ainda pior quando passei pelo meu carro no estacionamento. Não podia conduzir a porcaria do carro, até à porcaria da loja, por causa da porcaria da S.I.

Olhei para a rua em busca do lobisomem que queria entrar para a minha matilha, não tendo encontrado Brett. Talvez a chuva o tivesse afugentado. O tipo tinha de trabalhar a determinada altura.

O som da porta da igreja a fechar cortou o ar húmido e virei-me com uma expressão de desculpas estampada no rosto. Porém, não se tratava de Ivy.

— Vou contigo — disse Skimmer, enquanto vestia o leve casaco de cor creme e descia os degraus, dois a dois.

Maravilha. Virei-me e comecei a andar.

Em silêncio, Skimmer segurava a mala contra o corpo, com força, enquanto acompanhava os meus passos com total precisão, algo próxima de mais já que o passeio não era muito largo. Os nossos pés passaram por uma poça e eu olhei de relance para os seus botins brancos. Embora não fossem adequados a um detetive, ficavam-lhe muitíssimo bem, revelando os seus pés pequenos. *Que diabo é que ela quer?*

Skimmer inspirou lentamente.

— Eu e Ivy conhecemo-nos no dia em que ela se mudou para o meu quarto, no dormitório.

Uau! Não era disto que estava à espera.

— Skimmer...

A cadência das suas botas nunca abrandou.

— Deixa-me terminar — disse ela, as faces manchadas de vermelho sob o ocasional candeeiro de rua. — A minha antiga companheira de quarto foi expulsa e Ivy mudou-se para lá. O Piscary tinha lixado a cabeça dela em grande e os pais conseguiram tirá-la da influência dele durante alguns anos para que ela pudesse definir uma identidade própria que não depen-

desse dele. Acho que isso lhe salvou a vida. Tornou-a, sem dúvida, mais forte. Ela precisava de alguém e eu estava lá.

A minha pulsação acelerou e os meus passos abrandaram. Talvez eu devesse ouvir aquilo.

A postura de Skimmer ficou mais calma perante a minha resposta e os ombros estreitos perderam grande parte da tensão.

— Demo-nos bem — disse ela, o negro dos seus olhos inchando. — Ela estava longe do mestre e dos pais, com um ano de técnicas de mestre vampiro na ponta dos dentes. Eu estava à procura de sarilhos. Meu Deus, foi fantástico, mas ela assustou-me e levou-me a assentar e eu dei-lhe algo em que acreditar. — Skimmer fixou os olhos em mim. — Ela era heterossexual até me ter conhecido. Com exceção de algumas tendências latentes. Foram precisos dois semestres para a convencer de que me podia amar e a Kisten sem o trair.

Os meus passos leves pareciam agitar-me até aos ossos. *E isso era uma coisa boa?* Os nossos passos tinham abrandado, tornando-se menos zangados. Skimmer era uma vampira de topo e eu sabia que tudo o que ela dissesse tinha por intuito assustar-me. Não interessava. Ela não me conseguiria assustar mais do que Ivy.

— Era uma escola privada — disse Skimmer. — Todos viviam no campus. Esperava-se que, como colegas de quarto, Ivy e eu partilhássemos sangue, por uma questão de conveniência, mas não era algo em que se insistisse. O facto de nos termos tornado amantes significava... que éramos assim. Eu precisava dela para me equilibrar e ela precisava de mim para se sentir bem consigo mesma depois de Piscary a ter lixado.

A raiva na sua voz era espantosamente forte.

— Não gostas dele — disse eu.

Skimmer puxou a alça sobre o ombro, num movimento rápido, enquanto andávamos.

— Odeio-o. Mas farei tudo o que ele pedir, se isso implicar que posso ficar com a Ivy. — Os olhos dela cruzaram-se com os meus; a luz de um candeeiro próximo brilhava sobre ela. — Vou libertá-lo para poder ficar com a Ivy. Se ele te matar depois, o problema não é meu.

A ameaça era óbvia mas continuámos a andar, os passos dela a acompanhar os meus a um ritmo estável. Era por isso que estava a ser simpática comigo. Porquê correr o risco de antagonizar Ivy, se Piscary podia tratar de tudo?

Eu tremia por dentro mas Skimmer ainda não tinha acabado. As suas belas feições contorciam-se num conflito interior, enquanto acrescentava amargamente:

— Ela ama-te. Eu sei que ela me está a usar para te tentar fazer ciú-

mes. Não quero saber. — Corada, os seus olhos dilataram-se. — Ela quer partilhar tudo contigo e tu deita-lo fora. Porque é que vives com ela, se não queres que ela te toque?

De súbito, tudo começava a fazer muito mais sentido.

— Skimmer, estás enganada — disse, baixinho, a noite silenciosa com exceção do húmido zumbido do trânsito na rua adjacente. — Eu *quero* encontrar um equilíbrio de sangue com Ivy. Ela é que está a hesitar, não eu.

As botas brancas de Skimmer deslizaram no chão até parar e eu estaquei. A vampira viva fitava-me.

— Ela mistura sempre sexo com sangue — disse ela. — Usa-o para manter o controlo. Tu não queres fazer isso. A Ivy disse-mo.

— Não quero ter relações sexuais com ela, é verdade. Mas isso não significa que não possamos... — Hesitei. *Porque é que lhe estou a contar isto?*

Era óbvio o choque no rosto pálido de Skimmer e os seus contornos tornaram-se fortemente visíveis quando um carro passou por nós, as suas luzes empurrando-a para uma realidade crua que deixou a noite ainda mais escura depois de passar.

— Tu ama-la — gaguejou Skimmer.

Senti o rosto ficar vermelho. Está bem, eu amava Ivy, mas isso não significava que quisesse dormir com ela.

Skimmer encurvou-se, ficando quase feia.

— Fica longe dela — silvou.

— É a Ivy quem está a tomar as decisões, não eu — disse eu, rapidamente.

— Ela é minha! — gritou Skimmer, saltando na minha direção.

Movi-me instintivamente, sem medo, bloqueando-a e avançando de forma a desferir-lhe um pontapé lateral no flanco. Skimmer era uma bailarina, não uma praticante de artes marciais, e o pontapé acertou no alvo. Não foi muito forte, mas a vampira caiu sentada no passeio molhado, os olhos húmidos, enquanto recuperava o fôlego.

— Oh, Deus — desculpei-me, estendendo uma mão para a ajudar a levantar. — Lamento muito.

Skimmer agarrou-me a mão, fazendo-me perder o equilíbrio. Gritando, caí, rolando pela relva molhada e ficando completamente ensopada. A vampira viva não parou de me bater, enquanto eu me levantava, mas estava a chorar, as lágrimas deslizando silenciosas pelo seu rosto.

— Fica longe dela! — gritou. — Ela é minha!

Nas redondezas, um cão ladrou. Assustada, endireitei a t-shirt.

— Ela não é de ninguém — disse eu, não querendo saber se os vizinhos nos estavam a ouvir. — Não quero saber que as duas estejam a dormir juntas, a partilhar sangue ou o que seja; não me vou embora!

— Sua *cabra* egoísta! — espumou ela, e eu recuei quando ela avançou. — Ficar, sem permitir que ela te toque, é cruel. Porque é que vives com ela, se não queres que ela te toque?

As cortinas das casas próximas estavam a ser afastadas e eu comecei a temer que alguém chamasse a S.I.

— Porque sou amiga dela — disse, começando a ficar furiosa. — Ela só está assustada, percebes? E uma amiga não vira as costas quando outra amiga está assustada. Estou disposta a esperar até ela deixar de o estar. Deus sabe que ela esperou por mim. Ela precisa de mim e eu preciso dela... por isso, afasta-te!

Skimmer interrompeu o seu avanço, erguendo-se numa posição de aparente compostura, calma e irritação.

— Deixaste que ela provasse o teu sangue. O que é que *tu* podes ter feito para a assustar?

Estava molhada por ter caído sobre a relva e ergui os olhos das pernas húmidas.

— Confiei nela de tal forma que teria deixado que me matasse, se Jenks não a tivesse impedido.

Skimmer ficou ainda mais branca.

— Skimmer, lamento — disse, traçando gestos desamparados no ar. — Não planeei isto.

— Mas estás a dormir com Kisten — protestou. — Posso sentir o cheiro dele em ti.

Aquilo era muitíssimo embaraçoso.

— Foste tu quem lhe ensinou que ela podia amar duas pessoas ao mesmo tempo, não eu.

Com um movimento abrupto, Skimmer girou sobre os calcanhares e começou a avançar na direção de onde viera, o cabelo louro balançando e os passos determinados.

Na verdade, o facto de estar a dormir com Kisten ao mesmo tempo que queria que Ivy me mordesse era uma farpa na minha consciência. Porém, chegara à conclusão que, entre o medo de Ivy e a mentalidade vampírica que determinava que os múltiplos parceiros de sangue e cama fossem a norma, podia lidar com o problema quando este se apresentasse. Eu amava Kisten. Eu queria que Ivy me mordesse. Fazia sentido, se não pensasse demasiado nisso.

Deprimida, agarrei na minha mala e no saco de lona de Ivy.

— Se me voltares a atacar, parto-te a porcaria do braço — murmurei enquanto avançava atrás dela, sabendo que me podia ouvir.

Não sabia em que pé tínhamos ficado mas comer um gelado, agora, parecia tão apelativo como comer um cachorro-quente na neve. Talvez o

confronto fosse inevitável. Podia ter corrido pior. Ivy podia ter-nos ouvido.

— Estás bem? — perguntei quando a alcancei nos degraus da igreja, as luzes do santuário formando manchas amarelas no chão molhado.

Olhando para mim de lado, Skimmer levou a mão ao flanco, a sua expressão uma mescla de desconfiança taciturna e raiva.

— Amo a Ivy e farei qualquer coisa para a proteger. Compreendes?

Os meus olhos semicerraram-se perante a insinuação de que eu era uma ameaça para Ivy.

— Não a estou a pôr em perigo.

— Estás, sim. — A vampira viva levantou o queixo, erguendo-se um degrau acima de mim. — Se te matar acidentalmente, por a teres levado a fazer alguma coisa, ela jamais se perdoará. Eu conheço-a. Ela porá um fim a tudo, só para escapar à dor. Eu amo a Ivy e não vou permitir que ela se mate.

— Nem eu — respondi, de forma acalorada.

O rosto de Skimmer esvaziou-se de qualquer emoção, deixando-me gelada. Uma vampira silenciosa era uma vampira conspiratória. Abrindo a porta com um movimento brusco, entrou à minha frente. Ótimo. Pareceu-me ter acabado de entrar para a lista de alvos a abater de Skimmer.

Enquanto me apoiava na parede e descalçava as sandálias, Skimmer murmurou qualquer coisa sobre a casa de banho. Limpando as botas, avançou a passos rápidos, com um ruído considerável, e bateu com a porta. Eu segui o cheiro do pão quente até à cozinha, os passos silenciosos por estar descalça. Encontrei Ivy sentada em frente ao computador, a comprar músicas.

— Que sabor é que trouxeram? — perguntou.

— Hum, começou a chover — inventei — e decidimos que não valia a pena o esforço.

Não era uma verdadeira mentira, estava apenas a encarar os factos de um ponto de vista alternativo.

Ivy acenou, os olhos presos no ecrã. Estava à espera de algum tipo de reacção mas, depois, reparei que tinha as botas molhadas e senti-me afundar. Raios, ela tinha visto tudo.

Inspirei fundo para explicar, mas os seus olhos castanhos saltaram para os meus, impedindo-me de o fazer. Skimmer entrou, de telemóvel na mão.

— Ei, ligaram-me do escritório — disse ela, a mentira tão fácil como respirar. — Querem que volte mais cedo, por isso vou ter de falhar convosco. Almoçem as duas. Eu vou ter de adiar.

Ivy endireitou-se.

— Vais para o centro de Cincinnati? — Skimmer acenou e Ivy levan-

tou-se, espreguiçando-se. — Importas-te de me dar uma boleia? — perguntou. — O meu trabalho é lá. — Ivy olhou de relance para mim. — Não te importas, pois não, Rachel?

Como se pudesse dizer alguma coisa!

— Vai — disse-lhe, dirigindo-me para o fogão e mexendo a massa que estava a ficar fria. Os meus olhos saltaram para a garrafa aberta de vinho branco. — Vou ligar à Ceri. Talvez ela possa vir mais cedo.

Podia apostar que iam as duas visitar Piscary. Porque é que não o admitiam?

— Vemo-nos mais tarde, Rachel — disse Skimmer, tensa, depois dirigiu-se para a frente da igreja, os passos sonoros.

Ivy puxou a mala de cima da mesa. O meu olhar caiu sobre as suas botas e, quando o voltei a erguer, vi um toque de culpa.

— Não o vou fazer — disse ela. — Se te morder, lançarei tudo o que temos para a eternidade.

Encolhi os ombros, pensando que ela tinha razão mas só se fôssemos parvas. Se nos tinha ouvido, então também sabia que eu estava disposta a esperar. Além disso, achar que eu seria capaz de satisfazer toda a sua sede de sangue era de loucos. Nem sequer queria tentar. Só queria demonstrar que a aceitava tal como ela era. Só tinha de esperar até que ela estivesse pronta para acreditar nisso.

— É melhor ires andando — disse eu, não querendo que ela ali estivesse quando Minias aparecesse.

Ivy hesitou na soleira.

— O almoço foi uma boa ideia.

Encolhi os ombros sem erguer os olhos e, depois de um momento de hesitação, ela saiu. Os meus olhos seguiram os seus passos molhados e franzi o sobrolho quando ouvi Ivy dizer, defensivamente:

— Eu disse-te que ela sabia. Tiveste sorte por ela não te ter batido com mais nada para além do pé.

Cansada, deixei-me cair na minha cadeira, o cheiro da massa cozida, do molho com vinagre e do pão torrado pesado no ar. Eu sabia que Ivy não ia sair da igreja. O que significava que a única forma de Skimmer poder ficar com Ivy só para ela era se eu estivesse morta.

Que simpático, não?

Seis

BATI COM A COLHER PARA A SACUDIR QUANDO OUVI A PORTA DA FRENTE a abrir e a voz de Ceri, suave, em conversa. Jenks tinha ido buscá-la, tendo aparecido quando Ivy e Skimmer saíram. O *pixy* não gostava da magra vampira loura e tinha desaparecido. O Sol já se pusera e estava na altura de chamar Minias. *Eu* não gostava da ideia de acordar os demónios adormecidos, mas precisava de reduzir a confusão na minha vida e chamá-lo era a forma mais fácil de o fazer.

Maldição, o que é que eu estou a fazer, a chamar um demónio? E que raio de vida é esta em que chamar um demónio é a primeira coisa na minha lista de coisas a fazer?

Os passos de Ceri eram suaves no corredor e virei-me, deparando-me com o seu sorriso, quando o seu riso agradável perante algo que Jenks dissera encheu a cozinha. Envergava um vestido leve, de linho, com três tons de roxo, o cabelo, comprido e quase transparente, preso por uma fita da mesma cor e afastado do pescoço para se proteger do calor húmido. Jenks estava pousado no ombro dela, parecendo pertencer ali, e *Rex*, a gata de Jenks, estava nos braços dela. A gatinha ronronava, os olhos fechados e as patas molhadas da chuva.

— Olá, Rachel — disse a mulher de aparência jovem, a voz transportando consigo a suave calma de uma noite húmida de verão. — O Jenks disse que precisavas de companhia. Hum, isso é pão com ervas?

— A Ivy e a Skimmer iam almoçar comigo — disse eu, virando-me para ir buscar dois copos de vinho. — Hum... — Hesitei, de súbito envergonhada e perguntando-me se ela teria ouvido a... discussão entre mim e Skimmer. — Não foi possível e agora tenho um monte de comida e ninguém para me ajudar a comê-la.

Os olhos verdes de Ceri, semicerrados de preocupação, disseram-me que nos tinha ouvido.

— Nada de sério?

Abanei a cabeça, pensando que a coisa podia ficar muito séria, muito depressa, se Skimmer se esforçasse por isso.

Dito aquilo, a esguia elfa sorriu, deslizando até ao armário em busca de dois pratos, como se a cozinha fosse dela.

— Adorava almoçar contigo. O Keasley sentir-se-ia perfeitamente feliz com sandes de filete todas as noites mas, para ser sincera, aquele homem não seria capaz de reconhecer boa comida mesmo que eu lha metesse na boca e mastigasse por ele.

A conversa sobre coisa nenhuma conduziu-me a um melhor estado de espírito e, relaxando, preparei dois pratos de macarrão com molho Alfredo, enquanto Ceri fazia um chá com as folhas especiais que deixara ali. Jenks deixou-se ficar sentado no ombro dela e, observando-os, lembrei-me de como Jih, a filha mais velha dele, se tinha afeiçoado a ela. Não pude deixar de me perguntar se elfos e *pixies* não teriam um historial de coexistência. Sempre achara estranho que Trent se esforçasse tanto para manter *pixies* e fadas longe dos seus jardins pessoais. Quase como um viciado que afasta de si qualquer possível tentação, mais do que a minha primeira teoria de que temesse que, literalmente, cheirassem que se tratava de um elfo.

Foi com uma nova calma que segui Ceri até ao santuário, com o copo de vinho e o prato, para aproveitar o espaço mais fresco. O chá já se encontrava sobre a mesinha de apoio entre o sofá de bombazina e o par de poltronas a condizer, no canto. Não sabia como é que ela conseguia suportar o chá quente mas, vendo-a no seu vestido leve, tinha de admitir que parecia mais fresca do que eu, nos meus calções e camisa, embora eu tivesse muito mais pele à mostra. Devia ser uma coisa dos elfos. Começava a achar aquilo muitíssimo injusto.

Pousado ao nosso lado estava o espelho onde seria desenhado o pentagrama de chamamento, o meu último pedaço de giz magnético, um pouco de teixo, um punhal cerimonial, uma tesoura de prata, um saquinho branco de sal marinho e um esboço que Ceri desenhara mais cedo, usando os lápis de cor de Ivy. Ceri também trouxera um balde da despensa. Não queria saber. Não queria mesmo saber. O círculo ia ser diferente do que ela tinha desenhado no chão ainda esta manhã: uma ligação permanente que não teria de ser invocada com o meu sangue sempre que quisesse atendê-la. A maior parte das coisas sobre a mesa destinava-se a fazer com que a maldição aderisse ao espelho.

O som suave dos nossos pratos era agradável, enquanto nos instalávamos, e deixei-me cair numa das poltronas fofas, querendo fingir, mesmo que por apenas alguns instantes, que éramos apenas três amigos a almoçar

juntos numa noite chuvosa de verão. Minias podia esperar. Deslizei o prato para o colo e peguei no garfo, apreciando a calma.

Pousando a garrafa intacta de vinho tinto na mesa ao seu lado, Ceri pegou na chávena de chá com os dedos ligados e bebeu graciosamente. O nervosismo começou a infiltrar-se e a percorrer a minha espinha, estragando-me o apetite. Jenks dirigia-se ao mel com que Ceri adoçava o chá e a elfa tapou-o, afastando-o do alcance do *pixy*. Resmungando, Jenks esvoaçou até às plantas sobre a minha secretária e amuou.

— Tens a certeza que é seguro? — perguntei, o meu olhar saltando para a parafernália reunida. Não compreendia a magia das linhas Ley e, como tal, não confiava nela.

As sobranceiras de Ceri ergueram-se enquanto ela cortava um pedaço de pão com ervas. Uma madeixa do seu cabelo esvoaçava na brisa que entrava pelas janelas de bandeira por cima dos vitrais fixos, escuros contra a noite.

— Nunca é seguro chamar a atenção de um demónio, mas não queres deixar de resolver isto.

Acenei com a cabeça e apanhei mais um pedaço de massa com o garfo. Tinha pouco gosto e pousei o garfo.

— Achas que a Newt vem com ele?

Ceri corou ligeiramente.

— Não. O mais provável é que ela não se lembre de ti e Minias não permitirá que a relembram. Ele é repreendido quando ela se porta mal.

Perguntei-me o que saberia Newt de tão horrível para ter de o esquecer se quisesse manter-se sã.

— Ela apoderou-se do teu círculo. Nunca pensei que isso fosse possível.

Ceri limpou, delicadamente, o canto da boca com um guardanapo para esconder o medo.

— A Newt faz o que quer porque ninguém é suficientemente forte para a responsabilizar — disse ela. A minha ansiedade deve ter sido visível, porque ela acrescentou: — Trata-se de arte, neste caso. A Newt sabe tudo. É só uma questão de se recordar durante tempo suficiente para o ensinar a alguém.

Talvez fosse por isso que Minias se mantinha ao lado dela, apesar dos perigos. Ele estava a aprender algumas coisas, pouco a pouco.

Ceri levou a mão ao controlo remoto e apontou-o à aparelhagem. Tratava-se de um gesto muito moderno para uma personalidade tão antiga e eu sorri. Quem não soubesse que ela tinha passado mil anos, sem envelhecer, como familiar de um demónio, poderia pensar que era uma jovem muito segura de trinta e poucos anos.

O som suave do *jazz* que se erguia no ar foi interrompido.

— O Sol já se pôs. Devias desenhar o círculo de chamamento antes da meia-noite — disse ela, alegremente, e o meu estômago contorceu-se. — Lembras-te das figuras desta manhã? São as mesmas.

Fitei-a, tentando não parecer uma idiota.

— Hum, não.

Ceri acenou, depois traçou cinco movimentos claros com a mão direita.

— Lembras-te?

— Hum, não — repeti, não fazendo ideia da ligação entre as figuras desenhadas e os movimentos das suas mãos. — E pensei que serias tu a fazê-lo. O desenho, quero eu dizer.

A respiração de Ceri fugiu-lhe num longo suspiro de exasperação.

— Trata-se, sobretudo, de magia das linhas Ley — disse ela. — Carregada de simbolismo e determinação. Se não fores tu a desenhá-lo desde o início, serei eu a receber as chamadas... e, Rachel, eu gosto de ti, mas não vou fazer isso.

Encolhi-me.

— Desculpa.

Ceri sorriu, mas apercebi-me de uma careta numa altura em que ela pensou que eu não estava a olhar. Ceri era a pessoa mais simpática que eu conhecia, dando doces às crianças e aos esquilos, sendo educada com os vendedores que lhe batiam à porta, mas tinha pouca paciência quando se tratava de ensinar. O seu temperamento abrupto não combinava bem com a minha falta de concentração e com os meus hábitos de estudo caóticos.

Corando, pousei o prato e deslizei o espelho para o colo, sentindo o frio penetrar-me nas pernas. Já não tinha fome e a impaciência de Ceri estava a fazer com que me sentisse burra. Peguei no giz magnético, nervosa.

— Não sou muito boa nisto — murmurei.

— Por isso é que vais desenhar com giz e só depois o vais gravar — disse ela. — Vamos, podes começar.

Hesitei, fitando a superfície vazia do espelho. *Raios*.

— Vamos, Rache! — incitou Jenks, descendo para aterrar no espelho. — Segue-me. — Com as asas a bater a toda a velocidade, começou a andar, traçando um círculo largo.

Preparei-me para o seguir e Ceri disse:

— Primeiro o pentagrama.

Afastei a mão do espelho, num gesto brusco.

— Certo.

Jenks ergueu os olhos para mim, em busca de direção, e eu senti-me afundar. Ceri pousou o prato, o seu desagrado óbvio.

— Não sabes nada sobre isto, pois não?

— Jesus, Ceri — queixei-me, observando Jenks que avançava furtivamente para roubar uma gota de mel da colher de Ceri. — Não terminei nenhuma aula de magia das linhas Ley. Sei que os meus pentagramas são uma porcaria e não faço ideia do significado desses símbolos nem de como se desenham. — Sentindo-me burra, agarrei no copo de vinho — o branco, não o tinto que Ceri tinha trazido — e dei um gole.

— Não devias beber quando fazes magia — disse Ceri.

Frustrada, pousei o copo, quase com força suficiente para o entornar.

— Então porque é que estás aqui? — disse, um pouco alto de mais.

Jenks fitou-me numa expressão de aviso e eu expeli o ar. Não gostava de me sentir como uma idiota.

— Rachel — disse a mulher, baixinho, e eu fiz uma careta perante a censura na sua voz. — Lamento. Não devia esperar que tivesses as capacidades de um mestre quando estás apenas a começar. É que...

— ... não passa de um estúpido pentagrama — terminei por ela, tentando encontrar algum humor na situação.

Ceri ficou vermelha.

— Na verdade, queria simplesmente despachar isto esta noite.

— Oh! — Envergonhada, olhei para o espelho vazio, o meu reflexo era uma sombra cinzenta que me fitava. Ia ficar uma porcaria. Eu sabia-o.

— O vinho é um substituto para o sangue da invocação, além disso lavarás o sal do espelho quando terminares — disse Ceri, e o meu olhar saltou para o balde, compreendendo porque é que ela o tinha levado. — O sal age como nivelador, removendo o excesso de determinação nas linhas que desenhares sobre o espelho, para além de conduzir a acidez do teixo de volta ao seu estado neutro.

— O teixo é tóxico, não ácido — disse eu e ela acenou, como se pedisse desculpas.

— Mas vai gravar o espelho, quando o cobrires com a tua aura.

Blah. Era uma dessas maldições. Maravilha.

— Desculpa-me por ter perdido a calma contigo — disse baixinho, o meu olhar pousando-se no dela e afastando-se. — Não sei o que estou a fazer e não gosto disso.

Ceri sorriu e inclinou-se sobre a mesa, entre nós.

— Gostavas de saber o significado por detrás dos símbolos?

Acenei, sentindo a tensão dissipar-se. Se ia fazer aquilo, era melhor que soubesse.

— São representações pictóricas de gestos das linhas Ley — disse ela, movendo a mão como se estivesse a usar linguagem gestual. — Vês?

Fechou a mão num punho, o polegar sobre o indicador enroscado, virando a mão para que o polegar estivesse apontado para o teto.

— Este é o primeiro — acrescentou ela, depois apontou para o primeiro símbolo na cábula pousada sobre a mesa. Era um círculo atravessado por uma linha vertical. — A posição do polegar é indicada pela linha — acrescentou ela.

Olhei da figura para o meu punho, virando a mão até combinarem. *Muito bem.*

— Este é o segundo — disse ela, fazendo o sinal de “tudo bem”, e inclinando a mão até as costas desta estarem paralelas ao chão.

Imitei-a, sentindo o início da compreensão enquanto olhava para o círculo com três linhas que saíam pelo lado direito. O polegar e o indicador desenhavam um círculo, os três dedos esticados como as linhas que se estendiam do lado direito da figura. Olhei de relance para a figura seguinte, de um círculo cortado por uma linha horizontal e, antes que ela tivesse tempo de mudar a posição dos dedos, fechei a mão num punho, virando-a para que o polegar ficasse paralelo ao chão.

— Sim! — disse Ceri, seguindo o meu gesto, com um dela. — E o próximo será...?

Pensativa, apertei os lábios e fitei o símbolo. Parecia-se com o anterior, com um dedo espetado de um dos lados.

— Indicador? — calculei e, quando ela acenou, espetei o dedo, ganhando um sorriso.

— Exatamente. Experimenta fazer o gesto com o mindinho e verás que parece errado.

Encolhi o indicador e espetei o mindinho. Parecia, de facto, errado, por isso regresssei ao gesto correto.

— E este? — perguntei, enquanto fitava a figura no último espaço. Havia um círculo por isso soube que algo estava a tocar no meu polegar, mas qual dos dedos?

— O dedo médio — disse Ceri e eu fiz o gesto, sorrindo.

A elfa recostou-se, sem deixar de sorrir.

— Vejamos, então.

Sentindo-me agora mais confiante, fiz os cinco gestos, lendo-os à medida que percorria o pentagrama, no sentido dos ponteiros do relógio. Aquilo não era assim tão difícil.

— E a figura no centro? — perguntei, olhando para a comprida linha horizontal do centro da qual se erguiam três raios equidistantes uns dos outros. Fora ali que estivera a minha mão quando contactara Minias, mais cedo e, pelo aspeto, os meus dedos deveriam tocar nas pontas das linhas.

— Esse é o símbolo para a ligação aberta — disse ela. — Como uma

mão aberta. O círculo interno, que toca no pentagrama, é a nossa realidade e o círculo externo a eternidade. A tua mão faz a ponte entre ambos. Existe um padrão alternativo, com uma série de símbolos entre os dois círculos que servem para esconder a tua localização e identidade, mas é mais difícil.

Jenks deu uma risadinha, continuando a tentar raspar mel da colher de Ceri.

— Aposto que também é mais difícil — disse. — E queremos acabar isto antes do nascer do Sol.

Ignorei-o, sentindo que talvez estivesse a começar a compreender aquilo.

— E o pentagrama serve apenas para dar estrutura à maldição — acrescentou Ceri, destruindo o meu bom humor. *Oh, sim! Tinha-me esquecido que era uma maldição. Mas que bom!*

Vendo a minha careta, Ceri inclinou-se sobre a mesa e tocou no meu braço.

— É uma maldição muito pequena — disse ela, a sua tentativa de me consolar tornando as coisas ainda piores. — Não é má. Estás a perturbar a realidade e isso deixa uma marca, mas a sério, Rachel, é uma coisa pequena.

Vai levar a coisas piores, pensei, depois obriguei-me a sorrir. Ceri não tinha qualquer obrigação de me ajudar com aquilo. Devia sentir-me agradecida.

— Muito bem, primeiro o pentagrama.

Com um matraquear de asas, Jenks aterrou sobre o espelho, estremeendo uma vez antes de pousar as mãos nas ancas e olhar para mim.

— Começa aqui — disse ele, afastando-se — e segue-me.

Olhei para Ceri, para saber se isso seria permitido e ela acenou. Os meus ombros acalmaram-se, depois ficaram de novo tensos. O giz parecia quase escorregadio enquanto deslizava sobre o espelho, como um lápis de cera numa pedra quente. Sustive a respiração, esperando sentir um arrepio de poder a crescer, mas não senti nada.

— Agora aqui — disse Jenks, ao mesmo tempo que se erguia no ar e pousava num outro local.

Entretive-me a ligar os pontos, o meu lábio abrindo caminho por entre os meus dentes, até o pentagrama ocupar quase todo o espelho. As minhas costas sentiam a tensão e eu endireitei-me.

— Obrigada, Jenks — disse e ele ergueu-se no ar, corado.

— Na boa — disse ele, enquanto se ia sentar no ombro de Ceri.

— Agora os símbolos — indicou Ceri e eu estendi a mão para o triângulo superior, tendo o cuidado de não esborratar as minhas outras linhas. — Esse não! — exclamou ela, antes que o giz pudesse tocar no vidro e eu saltei. — O inferior esquerdo — acrescentou, sorrindo para suavizar a voz.

— Quando desenhas, debes erguer-te no sentido dos ponteiros do relógio.
— Ceri cerrou a mão, os olhos saltando para a cábula. — Primeiro este.

Olhei de relance para o diagrama, depois para o pentagrama. Inspirando fundo, segurei com mais força o giz.

— Desenha-o de uma vez, Rache — queixou-se Jenks e, enquanto o murmúrio dos carros sobre o chão molhado me acalmava, desenhei-os a todos, sentindo que a mão ficava mais segura com cada nova figura.

— Tão bem como eu — elogiou Ceri e eu recostei-me e deixei que o ar escapasse dos meus pulmões.

Pousando o giz, abanei a mão. Eram apenas algumas figuras, mas a minha mão começava a doer. Olhei de relance para o teixo e Ceri acenou uma vez.

— Deverá gravar o espelho, se acederes a uma linha e deixares a tua aura deslizar para o espelho — disse ela e o meu rosto cerrou-se numa careta.

— Tem mesmo de ser? — perguntei, recordando a desconfortável sensação de queda quando a minha aura deslizava de mim. Depois olhei para a igreja. — Eu não devia estar num círculo?

O cabelo de Ceri agitou-se quando ela se afastou para empilhar os nossos pratos.

— Não. O espelho não vai recolher toda a tua aura, só um pouco. Não tem qualquer mal.

Ceri parecia confiante, mas ainda assim... não gostava de perder pita-da da minha aura. E se Minias aparecesse ou ligasse entretanto?

— Oh, pelo amor das maçazinhas verdes — disse Ceri, soturnamente.
— Se fizer com que andes mais depressa!

Encolhi-me, sentindo-me uma medricas, depois saltei quando ela acedeu à linha nas traseiras e, com uma palavra de latim murmurado, ergueu um círculo. As asas de Jenks atingiram um tom mais agudo quando a grande bolha de eternidade coberta de escuridão cintilou e ganhou forma à nossa volta. Ceri estava mesmo no meio, como acontece quando se trata de círculos não desenhados e eu podia sentir a pressão da eternidade contra as minhas costas. Deslizei para a frente e as asas de Jenks atingiram um tom ainda mais agudo. O *pixy* acabou por se instalar na mesa, junto ao sal. Eu sabia que ele não gostava de se sentir preso mas, depois de ter visto a impaciência de Ceri, decidi que Jenks era um rapazinho crescido e que podia pedir que o deixassem sair se o incomodava assim tanto.

O círculo de Ceri era mantido apenas com a força da sua vontade, sem qualquer desenho, tendo a sua origem apenas na imaginação dela. Não seria suficiente para conter um demónio, mas tudo o que eu queria era algo que mantivesse ao longe as influências nebulosas, enquanto a minha aura

não estava a proteger a minha alma. Porquê convidar os problemas? Com isso em mente, fui presenteada com um suspiro de indignação quando agarrei no telemóvel e tirei a bateria. Uma chamada poderia abrir caminho a um oportunista.

— Não vais perder toda a tua aura — disse ela, afastando os pratos empilhados.

Sim, bem, sentia-me melhor e, por muito que eu gostasse de Ceri e a respeitasse pelo seu conhecimento, ia seguir à risca o conselho do meu pai para nunca praticar alta magia sem a proteção de um círculo. O mais certo era que as maldições demoníacas coubessem nessa categoria.

Assim, foi com muito mais confiança que agarrei no estilete de teixo improvisado, que se encontrava sobre a mesa, e acedi a uma linha através do círculo de Ceri. A energia jorrou — quente, confortável e demasiado rápida para o meu gosto — e eu inclinei a cabeça e estalei o pescoço para esconder o meu desconforto. O meu *chi* parecia zumbir e os dedos que envolviam o teixo tiveram pequenos espasmos. Apertei-os e um formigueiro correu do centro do meu ser para as pontas dos dedos. Nunca sentira nada assim enquanto estava a fazer um feitiço, por outro lado aquilo era uma maldição.

— Estás bem? — perguntou Jenks e eu pestanejei, afastando o cabelo dos olhos e acenando.

— A linha parece quente esta noite — disse eu e o rosto de Ceri ficou vazio.

— Quente? — perguntou ela e eu encolhi os ombros.

Os olhos de Ceri tornaram-se distantes e pensativos por um momento e depois ela apontou para o espelho marcado a giz.

Os meus olhos fixaram-se nas linhas a giz e, sem hesitar, apontei para o pentagrama.

O pau de teixo tocou no vidro pousado no meu colo e, com um estremecimento, a minha aura jorrou de mim como água gelada. Arquejei perante a sensação, a minha cabeça ergueu-se de súbito e os meus olhos cruzaram-se com os de Ceri.

— Ceri! — gritou Jenks. — Ela está a perder o controlo! Aquela coisa maldita deixou-a!

A elfa refreou rapidamente o seu alarme, mas não tão depressa que eu não o tivesse visto.

— Ela está ótima — disse Ceri, levantando-se e levando a mão ao giz sobre a mesa. — Rachel, estás ótima. Deixa-te ficar sentada. Não te mexas.

Assustada, fiz precisamente isso, escutando o bater do meu coração enquanto ela desenhava um círculo no interior do primeiro e invocava, de imediato, uma barreira mais segura. A aura danificada pela fuligem tinha colorido o meu reflexo e tentei não olhar para ela. O clique do giz a bater na

mesa foi sonoro e Ceri sentou-se à minha frente, as pernas dobradas sob o corpo e as costas direitas.

— Continua — disse ela e eu hesitei.

— Isto não era suposto acontecer — disse eu, e os olhos dela cruzaram-se com os meus; havia neles um toque de vergonha.

— Estás ótima — disse ela, afastando o olhar. — Quando preparei o desenho para que pudesses reconhecer as chamadas do Al, não estava a contar com uma ligação assim tão profunda. Foi um erro não ter criado um círculo seguro. Desculpa.

Era difícil à orgulhosa elfa pedir desculpas e, sabendo disso, aceitei-as sem sentimentos de “Eu bem te disse.” Eu não sabia que raio estava a fazer, por isso não podia esperar que ela acertasse em tudo. Ainda assim, senti-me feliz por ter insistido no círculo. Muito feliz.

Voltei de novo o olhar para o espelho, tentando não o fixar no meu reflexo. Sentia-me tonta sem a minha aura, irreal, e o meu estômago estava num turbilhão. O cheiro a âmbar queimado erguia-se e fazia-me cócegas no nariz enquanto eu desenhava as linhas de contenção e semicerrei os olhos, vendo o fumo ligeiro que se erguia de ambos os lados do espelho nos locais onde o teixo queimava o espelho.

— É suposto fazer isto, certo? — perguntei e Ceri murmurou qualquer coisa que parecia positivo.

A cortina ruiva formada pelo meu cabelo solto bloqueou-me a visão mas ouvi-a sussurrar algo a Jenks e o *pixy* voou até ela. Estremeci, sentindo-me nua sem a minha aura. Tentava não fixar o olhar no espelho enquanto traçava as figuras, a minha aura como uma névoa, ou brilho, em redor da sombra negra de um reflexo. A minha aura, outrora de um alegre tom de ouro puro, tinha sido manchada com uma camada sobreposta de fuligem demoníaca. *Na verdade*, pensei enquanto concluía o pentagrama e começava a traçar o primeiro dos símbolos, *o preto confere-lhe alguma profundidade, quase como uma patina envelhecida*. Sim, claro.

Uma onda de arrepios provocou-me câibras na mão, enquanto terminava o último dos símbolos. Exalando, comecei a traçar o círculo interior, recorrendo aos pontos do pentagrama para me guiar. O fumo do espelho a arder tornou-se mais espesso, distorcendo-me a visão, mas eu soube assim que o início e o fim do círculo se tocaram.

Os meus ombros estremeçeram quando senti uma vibração crepitar através de mim, primeiro na aura sobre o espelho e depois no meu corpo físico. O círculo interior tinha sido fechado e parecia ter sido gravado na minha aura ao ser traçado no espelho.

Com a pulsação acelerada, comecei a desenhar o segundo círculo. Também este ressoou ao ser terminado e eu estremeci quando a minha

aura começou a abandonar o espelho de adivinhação, puxando para mim toda a figura e transportando consigo a maldição.

— Deita-lhe sal, Rachel. Antes que te queime — disse Ceri em tom de urgência e o saco de sal marinho, branco e com atilhos, deslizou para o meu campo visual.

Os meus dedos lutaram com os atilhos e acabei por fechar os olhos para conseguir avançar mais depressa. Sentia-me desligada. A minha aura regressava a mim de forma dolorosamente lenta, parecendo arrastar-se sobre a minha pele, sendo absorvida camada por camada, queimando-me. Tive a sensação de que, se não terminasse aquilo antes que toda a minha aura regressasse, ia doer mesmo muito.

O sal silvou suavemente ao tocar no espelho e estremeci perante a sensação de areia invisível a arranhar-me a pele. Não me dando ao trabalho de traçar o desenho, despejei todo o saco, o coração a bater enquanto o peso do sal sobre o espelho pareceu tornar pesado o meu peito.

O balde surgiu aos meus pés e o vinho junto ao meu joelho, silenciosa e discretamente. Com as mãos a tremer, agarrei na minha enorme faca ritual, espetando o polegar e deixando cair três gotas de sangue no vinho, enquanto a voz de Ceri pairava nos limites da minha consciência e me dizia o que fazer: sussurrando, guiando, instruindo-me quanto à forma de mover as mãos, de terminar aquela coisa antes que eu desmaiasse devido à força das sensações.

O vinho jorrou sobre o espelho e deixei escapar um gemido de alívio. Era como se conseguisse sentir o sal a dissolver-se sobre o espelho, a unir-se a este, selando o poder da maldição e aquietando-o. Todo o meu corpo martelava, o sal no meu sangue ecoava com o poder, ocupando novos canais e tornando-se dormente.

Os meus dedos e a minha alma estavam frios do vinho e mudei-os de posição, sentindo o que restava do sal arenoso a ser levado.

— *Ita prorsus* — disse, repetindo as palavras de invocação que Ceri me dera, mas só quando levei o dedo molhado de vinho à língua, é que o feitiço foi, de facto, invocado.

A onda de fuligem demoníaca ergueu-se do meu trabalho. Raios, podia vê-la, qual névoa negra. Baixando a cabeça, absorvi-a — não lutei contra ela, absorvi-a —, aceitando-a com uma sensação de inevitabilidade. Era como se uma parte de mim tivesse morrido aceitando que não podia ser quem queria, pelo que tinha de me esforçar por transformar quem era em alguém com quem pudesse viver. A minha pulsação acelerou, depois aquietou-se.

A pressão do ar alterou-se e senti as bolhas de Ceri descerem. Sobre nós o sino ressoava ligeiramente no campanário. As vibrações que não con-

seguíamos ouvir pressionavam a minha pele e era como se eu conseguisse sentir a maldição a instalar-se em mim, em ondas pequenas e suaves, impelida por ondas de som tão baixas que só podiam ser sentidas. Depois terminou e a sensação desapareceu.

Inspirando, concentrei-me no espelho molhado de vinho que tinha nas mãos. Uma gota vermelha e brilhante pendia do espelho, caindo de seguida e ecoando no vinho salgado dentro do balde. O espelho refletia, agora, o mundo com uma névoa escura, cor de vinho, que se tornava mais clara junto ao pentagrama envolto num duplo círculo à minha frente, gravado numa espantosa perfeição cristalina. Era lindíssimo, sem dúvida, apanhando e refletindo a luz em tons carmesim e prata, todo ele brilhante e facetado.

— Eu fiz isto? — disse, surpreendida, e girei os olhos.

Fiquei pálida. Ceri fitava-me com as mãos no colo, Jenks pousado no seu ombro. Não que parecesse assustada, apenas muito, muito preocupada. Movi os ombros, sentindo uma leve conexão entre a minha mente e a minha aura que não estava lá antes. Ou talvez estivesse mais sensível a ela.

— Fica melhor? — perguntei, preocupada com a falta de resposta de Ceri.

— O quê? — perguntou ela, e as asas de Jenks agitaram-se até não serem mais do que um borrão, fazendo esvoaçar uma madeixa do cabelo da elfa.

Olhei de relance para o balde de vinho salgado ao meu lado — quase não me recordando de o ter despejado sobre o espelho —, depois pousei o espelho na mesa. Os meus dedos afastaram-se dele, mas era como se ainda o sentisse comigo.

— A sensação de ligação? — disse, desconfortável.

— Consegues senti-la? — guinchou Jenks e Ceri mandou-o calar, as sobranceiras unindo-se ao centro.

— Não devia? — perguntei, enquanto limpava as mãos a um guardanapo, e Ceri afastou o olhar.

— Não sei — disse ela, baixinho, pensando sem dúvida noutra coisa.

— O Al nunca mo disse.

Começava a sentir-me mais normal. Jenks avançou e eu continuei a limpar as mãos, ensopando a humidade.

— Estás bem? — perguntou ele e eu acenei, largando o guardanapo e puxando as pernas para as cruzar. Peguei no espelho para o pousar sobre o colo. Fazia-me sentir como se estivesse no liceu, a brincar com um tabuleiro Ouija na cave de alguém.

— Estou ótima — disse, tentando ignorar o facto de que achava o padrão branco e cristalino que tinha traçado no espelho lindíssimo. — Vamos a isto. Quero ser capaz de dormir esta noite.

Ceri mexeu-se, chamando a minha atenção para ela. As suas feições angulares estavam fechadas e ela pareceu assustada por um pensamento súbito.

— Hum, Rachel — gaguejou, levantando-se. — Importas-te que esperemos? Só até amanhã?

Oh, Deus! Tinha feito aquilo mal.

— O que é que eu fiz? — perguntei, repentinamente, corando.

— Nada — apressou-se a responder, estendendo um braço na minha direção mas sem me tocar. — Estás ótima. Mas acabaste de reajustar a aura e, se calhar, devias passar por todo um ciclo solar, para te aquietares, antes de o tentares usar. O círculo de chamamento, quero eu dizer.

Olhei para o espelho, depois para ela. O rosto de Ceri estava ilegível. A elfa estava a esconder as suas emoções com grande sucesso. Eu tinha feito aquilo mal e ela estava zangada. Ceri não estava à espera que toda a minha aura deslizesse, mas fora isso que acontecera.

— Raios — disse eu, enojada. — Fiz isto mal, não foi?

A elfa abanou a cabeça, mas já estava a reunir as suas coisas para sair.

— Fizeste-o corretamente. Tenho de ir. Tenho de verificar uma coisa.

Apressei-me a levantar, batendo na mesa e quase virando o copo de vinho branco quando pousei o espelho.

— Ceri, para a próxima fá-lo-ei melhor. A sério, estou a ficar melhor nestas coisas. Já me ajudaste tanto — disse, mas ela saiu do meu alcance, disfarçando o movimento com um deslizar na direção dos chinelos. Estaquei, assustada. Ela não queria que eu lhe tocasse. — O que é que eu fiz?

Lentamente, ela parou, ainda sem olhar para mim. Jenks pairava entre nós. Lá fora, os vizinhos gritavam despedidas calorosas e uma buzina ressoou. Com relutância, os seus olhos cruzaram-se com os meus.

— Nada — disse ela. — Estou certa de que a razão porque toda a tua aura deslizou para o espelho foi o facto de ter sido o teu sangue a invocar a maldição e não o de outro demónio, como aconteceu comigo, quando o Al me usou para receber as chamadas dele. Tens de deixar que a tua alma se reinstale firmemente antes de usar a maldição, mais nada. Um dia, pelo menos. Amanhã à noite.

Apercebi-me da preocupação de Jenks. O *pixy* também tinha ouvido a mentira na voz dela. Ou estava mentir sobre o motivo porque a minha aura tinha abandonado o meu corpo ou sobre o facto de termos de esperar para chamar Minias. Uma assustava-me como o caraças e a outra era, simplesmente, estranha. *Ela não quer tocar-me?*

A elfa virou-se para sair e eu olhei de relance para o círculo de chamamento, belíssimo e de aparência inocente, sobre a mesinha do café, refletindo o mundo com uma capa cor de vinho.

— Espera, Ceri. E se ele ligar esta noite?

Ceri parou. De cabeça baixa, regressou, pousou a mão sobre a figura do meio, os dedos afastados, e murmurou uma palavra em latim.

— Pronto — disse, olhando para mim de relance, hesitante. — Coloquei uma mensagem de “não incomodar”. Expirará ao nascer do Sol. — Ela inspirou fundo, parecendo tomar uma decisão. — Isto era necessário — disse ela, como que para se convencer a si mesma, mas, quando acenei o meu acordo, as suas feições contorceram-se no que pareceu uma expressão de medo.

— Obrigada, Ceri — disse eu, espantada, e ela deslizou pela porta da frente e atravessou-a sem qualquer ruído. Ouvi os seus pés a bater no chão molhado enquanto ela corria, depois mais nada. Virei-me para Jenks que ainda pairava. — Que raio foi aquilo? — perguntei, sentindo-me insegura.

— Talvez ela não seja capaz de admitir que não sabe porque é que toda a tua aura abandonou o corpo — disse ele, vindo sentar-se no meu joelho, quando eu me deixei cair no sofá e pousei as plantas dos pés na ponta da mesa. — Ou talvez ela esteja zangada consigo mesma por quase te ter exposto sem aura. — O *pixy* hesitou, depois disse: — Não recebeste um abraço de despedida.

Levei a mão ao copo e bebi um gole, sentindo um formigueiro a percorrer a minha aura manchada pelo vinho, quase como se respondesse ao que eu acabara de beber. Lentamente, a sensação desapareceu. Recordei o círculo de Ceri a descer e a sensação do sino a ressoar através de mim quando a maldição foi invocada. Soubera bem. Fora agradável. Não fazia mal, pois não?

— Jenks — disse eu, desconfiada, — quem me dera que me dissessem que raio se está a passar.

Sete

O SOL DA TARDE ERA QUENTE NOS MEUS OMBROS, NUS COM EXCEÇÃO DAS alças do meu top. A chuva da noite anterior deixara o chão macio e o calor húmido que pairava cerca de dois centímetros e meio acima da terra perturbada era reconfortante. Estava a aproveitá-lo para cuidar do meu teixo, tendo em mente a possibilidade de fazer algumas poções de esquecimento para o caso de Newt voltar a aparecer. Tudo aquilo de que precisava agora era das flores de lilás, prensadas e fermentadas. Não era ilegal *fazer* encantamentos de esquecimento, só *usá-los*, e quem me culparia por usar um deles num demónio?

O som suave de uma ponta cortada a cair num dos meus caldeirões para feitiços mais pequeno ecoou e, com o rosto virado para a terra, ajoelhei-me em frente à lápide da qual crescia e introduzi os dedos entre os ramos, colhendo os que cresciam para dentro, próximos do centro da planta.

A reação de Ceri ao facto de a minha aura ter abandonado o meu corpo na noite anterior deixara-me inquieta, mas o sol sabia bem e isso dava-me novas forças. Podia ter estabelecido uma forte ligação à eternidade mas nada tinha mudado. Além disso, Ceri tinha razão. Precisava de uma forma de Minias me contactar sem ter de aparecer. Assim era mais seguro. Mais fácil.

Um sorriso atravessou-me o rosto e afastei a atenção da poda da árvore, começando a arrancar as ervas daninhas de forma a aumentar o círculo de terra limpa. Fácil como um desejo. E os desejos voltam sempre para nos assombrar.

Olhando de relance para o ângulo do Sol, decidi que devia dar o trabalho por terminado e ir-me lavar antes que Kisten chegasse para me levar à aula de condução. Ergui-me, sacudindo a terra das calças de ganga e das ferramentas de jardinagem. Pousei o olhar na lápide manchada pela poluição, depois no cemitério murado, na zona residencial de Hollows para lá

dele e, ainda mais longe, nos altos edifícios de Cincinnati do outro lado do rio. Adorava aquele local, um espaço de calma rodeado por vida, zumbindo como mil abelhas.

Dirigi-me para a igreja, sorrindo e tocando nas pedras, enquanto avançava, reconhecendo-as como velhos amigos e perguntando-me como seriam as pessoas por elas guardadas. Havia uma pequena reunião de *pixies* junto à porta das traseiras e avancei na sua direção, curiosa quanto ao que se estaria a passar. O meu ligeiro sorriso aumentou quando um agitar de asas de libelinha se aproximou, revelando Jenks. O *pixy* esvoaçou à minha volta, ficando bem nas roupas de jardinagem casuais.

— Ei, Rachel, já terminaste? — perguntou ele, como forma de cumprimento. — Os meus filhos estão mortinhos por ver o que estiveste a fazer.

Evitando o círculo de terreno blasfemo que envolvia a imagem de um anjo a chorar, fitei-o, de olhos semicerrados.

— Claro. Diz-lhes só para terem cuidado com as pontas gotejantes. São tóxicas.

Jenks acenou, as asas nada mais que um borrão de gaze quando ele se colocou do meu outro lado, para que eu não tivesse de olhar para o Sol.

— Eles sabem. — Hesitou. Depois, com uma rapidez que revelava o seu embaraço, perguntou: — Vais precisar de mim, hoje?

Ergui os olhos dos meus passos incertos, depois baixei-os de novo.

— Não. O que se passa?

Um sorriso repleto de orgulho parental desceu sobre ele e uma ténue centelha de ouro reluziu quando libertou um pouco de pó.

— É a Jih — disse satisfeito.

Estaquei. Jih era a filha mais velha que agora vivia do outro lado da rua, com Ceri, onde estava a construir um jardim para se sustentar e a uma futura família. Vendo a minha preocupação, Jenks riu.

— Ela está ótima! Mas tem três pretendentes *pixy* atrás dela e do seu jardim e quer que eu construa qualquer coisa com eles para que possa ver como trabalham e tomar uma decisão com base nisso.

— Três! — Agarrei melhor o meu caldeirão para feitiços. — Deus do Céu! A Matalina deve estar felicíssima.

Jenks pousou no meu ombro.

— Suponho que sim — resmungou. — A Jih está fora de si. Gosta de todos eles. Eu limitei-me a roubar a Matalina e não me dei ao trabalho de passar pela demorada corte com supervisão paterna. A Jih quer fazer uma cabana de libelinha. O pobre tipo que ganhar vai precisar dela.

Queria olhar para ele, mas o *pixy* estava demasiado perto.

— Roubaste a Matalina?

— Sim. Se tivéssemos passado por todos os passos, nunca teríamos conseguido os jardins da frente ou os canteiros.

Fixei o olhar nos meus pés e fui escolhendo o caminho de forma a não o perturbar. Jenks tinha abandonado a tradição para tomar conta de um pedaço de jardim de quinze por vinte centímetros e alguns canteiros. Agora, tinha um jardim murado que se estendia por quatro quarteirões. Jenks estava a sair-se bem na vida. Bem o suficiente para permitir que os filhos ocupassem parte do seu tempo com os rituais que marcavam a vida de um *pixy*.

— É bom que a Jih possa contar contigo para a ajudar.

— Suponho que sim — murmurou ele, mas eu pude perceber que estava ansioso pela oportunidade de guiar a filha e de a ajudar a tomar uma boa decisão em relação à pessoa com quem ia passar o resto da vida. *Talvez seja por isso que não paro de tomar decisões tão fantásticas no que diz respeito à minha própria vida amorosa*, pensei, sorrindo perante a ideia de Jenks me acompanhar num primeiro encontro e interrogar o pobre tipo. Depois pestanejei. Jenks tinha avisado Kisten para se comportar quando saí com ele da primeira vez. Raios, teria Kisten recebido o selo de aprovação de Jenks?

A brisa das asas de Jenks arrefecia o suor no meu pescoço.

— Ei, tenho de ir. Ela está à minha espera. Vemo-nos logo à noite.

— Claro — disse eu e ele ergueu-se no ar. — Diz-lhe que mando os parabéns!

O *pixy* bateu continência e saiu a voar. Observei-o durante um instante, depois prossegui em direção à porta traseira, imaginando o sofrimento a que ele ia sujeitar os três jovens pretendentes *pixy*. O cheiro divinal de queques a cozer saía pela janela da cozinha e, inspirando fundo, subi os poucos degraus. Olhei para as solas dos ténis, bati os pés e entrei na sala de estar destruída. Os Três Tipos e uma Mala de Ferramentas ainda não tinham aparecido e o cheiro a madeira partida misturava-se com o odor dos bolos a cozer. O meu estômago roncou, por isso dirigi-me para a cozinha. Estava vazia com exceção dos queques a arrefecer sobre o fogão e, depois de ter deitado os raminhos no lava-loiça, lavei as mãos e fitei os bolos que arrefeciam. Aparentemente, Ivy já estava acordada e com vontade de cozinhar. Inusitado, mas ia aproveitar a situação.

Equilibrando um queque e a comida para gatos, dei de comer, tanto a mim quanto ao *Sr. Peixe*, depois enfiei uma t-shirt verde-escura sobre o top e deixei-me cair na minha cadeira, contente com o mundo. Sobressaltei-me perante o súbito arranhar de garras e uma bola laranja de terror felino entrou na cozinha e escondeu-se debaixo da minha cadeira. Os *pixies* jorraram atrás dela, uma tempestade redemoinhante de guinchos e assobios agudos que me fazia doer o crânio.

— Fora! — gritei, levantando-me. — Saiam! A igreja é o espaço seguro dela, por isso *fora!*

O pó de *pixy* tornou-se mais espesso, fazendo-me lacrimejar os olhos mas, depois de ruidosas queixas e murmuradas manifestações de decepção, o pesadelo Disney desapareceu, tão depressa como tinha aparecido. Sorrindo, espirei para debaixo da cadeira. *Rex* estava enrolada, os olhos negros e a cauda em desalinho, a imagem do medo. Jenks já devia estar com Jih, já que os filhos sabiam que ele lhes dobraria as asas ao contrário, até perderem o pó, se os apanhasse a atazanar a gata dele.

— O que se passa, doce? — cantei, sabendo que não devia tentar fazer-lhe festas. — Os *pixies* mauzões incomodaram-te?

Desviando os olhos, a gata agachou-se, feliz por ficar onde estava. Funhando, encostei-me cuidadosamente, sentindo-me uma grande protetora. *Rex* nunca procurava a minha atenção mas, quando o perigo espreitava, era junto de mim que se refugiava. A Ivy dizia que era uma coisa de gatos. Por mim, tudo bem.

Levei a mão ao verniz, dando cuidadosas dentadas ao pequeno-almoço, entre pinceladas de retoque. O som suave de passos no corredor fez-me erguer os olhos quando Ivy entrou e sorri. Trazia vestidas as calças justas de exercício e brilhava ligeiramente de suor.

— O que foi aquilo? — perguntou, dirigindo-se ao fogão e retirando um queque da sua forma.

De boca cheia, aponte para debaixo da minha cadeira.

— Oh, pobre gatinha — disse ela, sentando-se no seu lugar e descendo a mão até ao chão.

O desagrado repuxou-me a testa quando a tola gata avançou para ela, a cabeça erguida e a cauda lisa. A minha irritação aumentou quando *Rex* lhe saltou para o colo, instalando-se de forma a olhar para mim. A gata virou-se, de súbito, para o corredor e o bater forte de uns saltos tornou-se mais sonoro. De olhos muito abertos, fitei Ivy, mas a minha pergunta foi respondida quando *Skimmer* entrou, penteada, arranjada e de aspeto tão perfeito como um bolo de noiva intacto, com a sua camisa branca e calças de fato pretas.

Quando é que ela chegou?, pensei, corando de seguida. *Ela não chegou a sair a noite passada.* Olhei de relance para Ivy, concluindo que tinha razão quando a minha companheira de casa tirou *Rex* do colo e mostrou grande interesse nos seus *emails*, abrindo-os e deitando fora a publicidade não solicitada, evitando-me. Raios, o que elas faziam juntas não me preocupava. Mas, aparentemente, preocupava Ivy.

— Olá, Rachel — disse a esguia vampira. Depois, antes que eu pudesse responder, dobrou-se para dar um beijo a Ivy. Esta ficou rígida de surpresa

e eu pestanejei quando Ivy se afastou antes que o beijo se pudesse tornar mais apaixonado, que era, sem dúvida, para onde Skimmer o desejava conduzir. Endireitando-se calmamente, Skimmer dirigiu-se para os queques. — Devo sair do trabalho por volta das dez da noite — disse, colocando um queque num prato e sentando-se propositadamente entre nós. — Queres encontrar-te comigo para jantar?

O rosto de Ivy espelhava a sua irritação perante a tentativa do beijo. Skimmer estava a fazer aquilo para me incomodar, talvez até para me assustar, e Ivy sabia-o.

— Não — respondeu Ivy, sem levantar os olhos do ecrã. — Tenho coisas planeadas.

Como por exemplo?, pensei, concluindo que a minha relação com Skimmer ia despencar como um tijolo com asas. Eu não estava nada, *nada* preparada para algo assim.

Skimmer partiu o queque em dois, cuidadosamente, depois levantou-se e foi buscar uma faca e a manteiga. Deixando-as junto ao prato, vagueou até à cafeteira, com a presença e o poder de uma sala de audiências nos passos. *Maldição. Estou em apuros.*

— Café, Ivy? — perguntou, o sol ofuscante sobre a sua camisa, imaculada e engomada para o escritório.

— Claro. Obrigada.

Sentindo a tensão, *Rex* escapuliu-se. Quem me dera poder fazer o mesmo.

— Toma, docinho — disse a vampira, levando uma caneca a Ivy. Não se tratava da caneca de tamanho gigante com o logótipo dos Encantamentos Vampíricos de que Ivy gostava, mas talvez ela a usasse porque eu usava.

Ivy recuou quando Skimmer lhe tentou roubar outro beijo. Em vez de ficar chateada, a vampira viva voltou a sentar-se e começou a espalhar manteiga no seu queque, de forma meticulosa. Skimmer estava a provocar tanto Ivy como eu, mantendo sempre o controlo, embora Ivy fosse a mais dominante das duas.

Eu não ia sair porque ela estava a tentar deixar-me desconfortável. Sentindo a subida da minha pressão sanguínea, instalei-me na minha cadeira. Aquela era a minha cozinha, raios.

— Acordaste cedo — disse a vampira loura de olhos azuis, como se isso significasse alguma coisa.

Lutei para impedir os meus olhos de se semicerrarem.

— Foste tu que fizeste isto? — perguntei, erguendo o que restava do meu queque.

Skimmer sorriu, mostrando os afiados dentes caninos.

— Sim, fui.

— São bons.

— Não tens de quê.

— Eu não disse obrigada — ripostei, e a mão de Ivy sobre o rato parou. Skimmer comeu o seu queque, observando-me sem pestanejar e com as pupilas a crescer lentamente. A minha cicatriz começou a titilar e levantei-me.

— Vou tomar um duche — disse, irritada por ela me estar a deixar nervosa, mas precisava de me lavar.

— Vou alertar a imprensa — disse Skimmer, lambendo a manteiga dos dedos de forma sugestiva.

Ja dizer-lhe que enfiasse a afirmação pelo traseiro acima e pusesse um ovo, mas a campainha da frente tocou e as minhas boas maneiras permaneceram intactas.

— É o Kisten — disse eu, depois agarrei na mala. Estava suficientemente limpa e a última coisa que queria era ter três vampiros na minha cozinha enquanto estava nua no banho. — Vou-me pôr a andar.

Ivy afastou-se do computador, obviamente surpreendida.

— Onde é que vais?

Olhei de relance para Skimmer, sentindo o meu rosto começar a corar.

— Aula de condução. O Kisten vai levar-me.

— Oh, que querido! — disse Skimmer e eu cerrei os dentes.

Recusando-me a responder, dirigi-me para o corredor com a intenção de avançar diretamente para a porta, joelhos sujos ou não. Um estalo forte fez-me estacar e, quando me virei, já só vi um borrão de movimento. Skimmer estava vermelha, claramente chocada e ofendida, mas Ivy estava composta. Tinha acontecido qualquer coisa e Ivy arqueou uma sobrancelha numa expressão divertida.

A campainha da porta da frente voltou a tocar, mas eu não era uma pessoa suficientemente boa para sair dali sem dizer nada.

— Vais estar em casa a horas de jantar, Ivy? — perguntei, erguendo uma anca. Talvez fosse maldoso, mas eu era maldosa.

Ivy deu uma dentada no queque, cruzando as pernas e inclinando-se para a frente.

— Vou andar dentro e fora — disse ela, limpando o canto da boca com o mindinho. — Mas devo estar em casa por volta da meia-noite.

— Muito bem — disse, alegremente. — Vejo-te mais tarde. — Sorri a Skimmer que se encontrava agora sentada muito direita, mas obviamente dividida entre a vontade de espumar de raiva e de amuar. — Adeus, Skimmer. Obrigada pelo pequeno-almoço.

— Não tens de quê.

Tradução: espero que te engasgues, cabra.

A campainha tocou pela terceira vez e eu apressei-me a percorrer o corredor, o meu bom humor restaurado.

— Cá vou! — gritei, sacudindo o cabelo. Estava bem assim. Afinal, era só um bando de adolescentes.

Saquei o casaco de aviador de Jenks do cabide à entrada e enfiei-o, só para o estilo. O casaco era uma recordação da sua passagem pelo tamanho de gente. Eu ficara com o casaco, Ivy com o robe de seda, e tínhamos deitado fora as duas dúzias de escovas de dentes. Escancarando a porta, descobri Kisten à minha espera, o *Corvette* junto ao passeio. O vampiro não tinha muito para fazer antes do pôr-do-sol e o seu fato de bom corte tinha sido substituído por umas calças de ganga e uma t-shirt preta, enfiada nas calças para realçar a cintura. Sorrindo com a boca fechada, para esconder os caninos afiados, oscilava nas suas botas, do calcanhar para a biqueira, os dedos enfiados nos bolsos da frente, afastando o cabelo pintado de louro dos olhos azuis com um movimento ensaiado que dizia que ele era, decerto, um “espanto”. O que fazia com que isso resultasse era o facto de ele o ser.

— Estás com ótimo aspeto — disse eu, a minha mão livre deslizando entre a cintura estreita e o braço dele, usando-o para me equilibrar quando me inclinei para ele e me estiquei em busca de um beijo de início de tarde, ali mesmo, na soleira da porta.

De olhos fechados, inspirei profundamente quando os lábios dele tocaram nos meus, assimilando, intencionalmente, o cheiro a cabedal e incenso que cobria os vampiros como se fosse uma segunda pele. Kisten era como uma droga, libertando feromonas para relaxar e acalmar as possíveis fontes de sangue. Não estávamos a partilhar o sangue, mas quem era eu para não aproveitar mil anos de evolução?

— Pareces suja de terra — disse ele, quando os nossos lábios se afastaram. Voltei a endireitar-me, o meu sorriso crescendo quando vi o dele no momento em que acrescentava: — Gosto de terra. Estiveste no jardim. — Erguendo as sobrancelhas, voltou a puxar-me contra ele, levando-nos para a entrada escura. — Cheguei cedo? — perguntou, a riqueza da sua voz sob a minha orelha lançando arrepios pelo meu corpo.

— Sim, graças a Deus — respondi, apreciando a ligeira excitação. Gostava de beijar vampiros no escuro. A única coisa melhor era fazê-lo num elevador a descer para uma morte certa.

Estava a bloquear a sua passagem para o santuário e, quando ele percebeu que não o ia convidar para entrar, o aperto das suas mãos nos meus braços tornou-se hesitante.

— A tua aula é só à uma e meia. Tens tempo para tomar um duche — disse ele, sendo óbvio que queria saber porque é que eu estava a correr porta fora.

Talvez se me ajudares, pensei, malandra, incapaz de impedir um sorriso. Kisten fixou o seu olhar no meu e uma centelha de excitação correu através de mim, as narinas dele abriram-se para ler o meu estado de espírito. O vampiro vivo não era capaz de ler os meus pensamentos, mas era capaz de ler a minha pulsação, a minha temperatura e, tendo em consideração o ar lúbrico que eu sabia que tinha, não era muito difícil perceber o que me ia na mente.

Os dedos dele apertaram-se em redor dos meus braços e do corredor chegou a voz de Ivy:

— Olá, Kist.

— Bom-dia, querida — respondeu Kisten, sem afastar o olhar e não se dando ao trabalho de tirar da voz o ardor que crescia entre nós.

Ivy fungou, o som suave da porta da casa de banho a fechar uma clara indicação de que ela não tinha nada contra a relação que eu e Kisten tínhamos, apesar do seu antigo estatuto de namorado/namorada. Se ele tocasse no meu sangue, as coisas tornar-se-iam complicadas, razão pela qual Kisten usava capas nos dentes sempre que dormíamos juntos. Porém, se fosse partilhar o meu sangue com alguém que não Ivy, ela preferiria que fosse com Kisten. E era... esse o ponto em que nos encontrávamos.

A relação de Ivy e Kisten era agora mais platónica, com um pouco de sangue à mistura para manter a proximidade. A nossa situação transformara-se num número de equilíbrioso quando ela provou o meu sangue e jurou nunca mais lhe tocar, mas também não queria que Kisten lhe tocasse, incapaz de abdicar da esperança de podermos encontrar uma maneira de fazer com que a situação funcionasse, ao mesmo tempo que negava qualquer possibilidade. Desafiando o seu atual papel de submisso, Kisten dissera a Ivy que estava disposto a arriscar, caso eu sucumbisse à tentação e o deixasse romper a minha pele. Porém, até lá, podíamos fingir que tudo era normal. Ou o que quer que fosse que passasse por normal nos dias que correm.

— Vamos embora de uma vez? — disse eu, o ardor arrefecendo perante a recordação de que aquela situação lixada só seria possível enquanto se mantivesse o *status quo*.

Rindo, ele deixou que eu o empurrasse até à porta, mas o óbvio pigarrear de Skimmer transformou-o de vampiro flexível em rocha inamovível e eu curvei-me sobre mim mesma, admitindo a derrota, quando a voz provocante dela ecoou no santuário.

— Bom-dia, Kisten.

O sorriso de Kisten aumentou, enquanto o seu olhar saltava entre nós as duas, apercebendo-se sem dúvida da minha exasperação.

— Podemos ir? — sussurrei.

De sobranceiras erguidas, virou-me para a porta.

— Olá, Dorothy. Estás com boa cara, hoje.

— Não me chames isso seu F.D.P. — disse ela, a sua voz deslizando nas minhas costas, enquanto eu me esgueirava à frente de Kisten.

Aparentemente, Skimmer nutria por Kisten os mesmos sentimentos que nutria por mim. Não fiquei surpreendida. Ambos representávamos uma ameaça à sua pretensão a Ivy. Nenhum de nós se apresentava como um verdadeiro obstáculo — eu bloqueada por Ivy e Kisten devido ao passado de ambos — mas não havia como dizer-lho. A existência de múltiplos parceiros de sangue e de cama era a norma entre os vampiros, mas o mesmo se passava com os ciúmes.

Inspirei fundo quando a porta se fechou atrás de nós, semicerrando os olhos por causa do Sol e sentindo os ombros a relaxar. A sensação durou cerca de três segundos, até Kisten ter perguntado:

— A Skimmer dormiu aqui?

— Não quero falar disso — resmunguei.

— Assim tão mau, hã? — acrescentou ele, avançando com passos leves ao meu lado.

Olhei com tristeza para o meu descapotável, depois para o *Corvette* dele.

— Ela já não está a ser simpática — queixei-me e Kisten acelerou o passo para me abrir, cavalheirescamente, a porta antes que eu pudesse levar a mão ao puxador.

Dirigindo-lhe um sorriso de agradecimento, deslizei para o interior, instalando-me no espaço familiar do carro com o seu rico perfume a cabeçal e incenso. Deus, como cheirava bem ali; fechei os olhos e recostei-me, enquanto Kisten dava a volta ao carro. Mantive-os fechados enquanto ele prendia o cinto e ligava o carro, usando toda a minha força de vontade para me obrigar a relaxar.

— Conta-me — disse ele, quando o carro arrancou e eu mantive o silêncio.

Cem pensamentos atravessaram a minha mente, mas tudo o que saiu foi:

— A Skimmer... — Hesitei. — Ela descobriu que é a Ivy quem não permite que se estabeleça um equilíbrio de sangue entre nós, não eu.

O suave suspiro de Kisten atraiu a minha atenção. O sol brilhou sobre a barba rala e refreei um impulso para lhe tocar. Observei enquanto o seu olhar saltava entre nós e a igreja, através do retrovisor. Deprimida, abri o vidro e deixei que a brisa da manhã me agitasse o cabelo.

— E? — insistiu ele, enquanto acelerava, enfiando-se à frente de um *Buick* azul que ia a deitar fumo.

Segurando o cabelo longe dos olhos, franzi o sobrolho.

— Ficou mazinha. Está a tentar afugentar-me. Eu disse-lhe que a Ivy só estava assustada e que vou esperar até que não esteja, por isso a Skimmer passou de “Quero ser tua amiga porque a Ivy é tua amiga” para “Chupa-me os dedos dos pés e morre”.

As mãos de Kisten apertaram ainda mais o volante e ele carregou no travão com um pouco de força a mais, quando chegámos ao semáforo. Compreendendo o que acabara de dizer, corei. Eu sabia que ele preferia que eu ansiasse por uma dentada dele. Porém, se eu deixasse que ele me mordesse, Ivy ficaria louca.

— Desculpa, Kisten — sussurrei.

O vampiro manteve o silêncio, os olhos fixos no semáforo vermelho.

Estendendo um braço, toquei-lhe na mão.

— Amo-te — sussurrei. — Mas permitir que me mordas destruiria tudo. A Ivy não o suportaria.

Jenks diria que o facto de eu dizer não a Kisten tinha mais a ver com a ameaça de a sua dentada ser muito mais excitante do que uma verdadeira dentada. Como queiram. Se Kisten conseguisse estabelecer comigo uma relação mais próxima, quando Ivy não podia, ela sairia magoada e ele também a amava, com a lealdade fanática que os abusos partilhados muitas vezes geram; Piscary tinha dado cabo dos dois.

Da minha mala ergueu-se o toque do meu telemóvel mas deixei-o tocar. Isto era mais importante. O semáforo passou a verde e Kisten acelerou para o trânsito, as mãos mais relaxadas sobre o volante. Ivy sempre fora o parceiro dominante no seu relacionamento, mas ele estava disposto a lutar por mim se eu alguma vez me sentisse suficientemente tentada para lhe dar o meu sangue. O problema era que dizer não nunca fora o meu ponto forte. Eu cortejava a desgraça sempre que dormia com ele, mas isso fazia com que a relação sexual fosse espantosa. Além disso, eu nunca disse que era esperta. Na verdade, tudo aquilo era bastante estúpido. Mas já tínhamos falado disso antes.

Deprimida, deixei que o meu braço pendesse do lado de fora da janela e observei Hollows, enquanto a zona residencial dava lugar à zona comercial. O sol brilhava tenuemente sobre a minha pulseira e o seu distinto padrão de corrente. Ivy tinha uma pulseira de tornozelo com o mesmo padrão. Já tinha visto outros, aqui e ali por toda a Cincinnati, recebendo encolheres de ombros e sorrisos sempre que tentava esconder a minha pulseira. Sabia que, muito provavelmente, era uma forma de Kisten mostrar ao mundo as suas conquistas, mas ainda assim usava-a. Tal como Ivy.

— A Skimmer não te vai magoar — disse Kisten baixinho e virei-me para ele.

— Não fisicamente — concordei, aliviada por ele estar a lidar tão bem com aquilo. — Mas podes ter a certeza que vai acrescentar um pouco mais de amor à petição para a libertação de Piscary.

Kisten ficou sério perante aquelas palavras e o silêncio encheu o carro, enquanto pensávamos no que podia acontecer se ela tivesse sucesso. Ambos estaríamos na merda. Kisten tinha sido o delfim de Piscary, tendo traído o mestre vampiro na noite em que eu espancara Piscary até à submissão. Por ora, Piscary estava a ignorá-lo, mas se saísse da prisão, estava certa de que teria uma ou duas coisas a dizer ao seu ex-delfim, mesmo que tivesse sido Kisten a manter os negócios de Piscary intactos, já que Ivy se recusava a fazê-lo, independentemente do seu estatuto de delfim.

O meu telefone voltou a tocar. Retirando-o da mala, espreitei para ver se se tratava de um número conhecido antes de o pôr a vibrar. Estava com Kisten e atender a chamada seria falta de educação.

— Não estás zangado? — perguntei, hesitante, observando enquanto a emoção no seu rosto passava de preocupação em relação ao seu bem-estar físico para preocupação em relação ao seu estado emocional.

— Zangado por te sentires atraída pela Ivy? — perguntou, o sol brilhando sobre ele enquanto atravessávamos a ponte. Senti o rosto a ficar quente e ele tirou a mão da minha para poder avançar por entre o trânsito mais compacto. — Não — disse ele, os olhos ligeiramente dilatados. — Eu amo-te, mas a Ivy... Desde que deixou a S.I. e foi viver contigo, nunca a vi tão feliz, tão estável. Além disso — prosseguiu, instalando-se numa posição sugestiva, — a continuar assim, posso ainda vir a ter a oportunidade de participar num *ménage a trois* e peras.

Fiquei de boca aberta e bati-lhe.

— Nem pensar!

— Ei — disse ele, rindo, embora os seus olhos se mantivessem presos ao trânsito. — Não desdenhes até experimentares.

Cruzei os braços sobre o peito e olhei através da janela.

— Não vai acontecer, Kisten. — Mas, quando os meus olhos se cruzaram com os deles, pude perceber que só se estava a meter comigo. *Acho*.

— Não faças planos para sexta-feira — disse ele, enquanto parávamos noutra semáforo.

Refreei um enorme sorriso, mas por dentro cantava. *Ele lembrou-se!*

— Porquê? — perguntei, fingindo não saber.

Kisten sorriu e eu perdi a batalha comigo mesma para me manter impávida.

— Vou levar-te a sair no teu aniversário — disse. — Fiz reservas para o restaurante da Carew Tower.

— Estás a gozar! — exclamei, os meus olhos saltando para o topo do

edifício em questão. — Nunca lá fui comer. — Encolhi-me, o meu olhar tornando-se distante enquanto começava a traçar planos. — Não sei o que vestir.

— Algo que saia facilmente? — sugeriu Kisten.

Atrás de nós ouviu-se uma buzina e, sem olhar, Kisten acelerou.

— Tudo o que tenho são coisas cheias de fechos e fivelas — brinqueei.

Kisten ia dizer qualquer coisa, mas o telefone tocou. Franzi o sobrolho quando ele levou a mão ao aparelho. Eu nunca atendia chamadas quando estávamos juntos. Não que recebesse muitas. Porém, não estava a tentar gerir o submundo de Cincinnati para o meu patrão.

— Fechos e fivelas? — disse ele, enquanto abria a tampa do telemóvel. — Isso também pode funcionar. — Enquanto o sorriso desaparecia, disse para o telefone: — Felps.

Recostei-me, sentindo-me bem só de pensar naquilo.

— Olá, Ivy. O que é que se passa? — perguntou Kisten e eu endireitei-me.

Depois, lembrando-me do telemóvel, tirei-o da mala e olhei para ele. Raios, tinha perdido quatro chamadas. Porém, não era um número que reconhecesse.

— Mesmo ao meu lado — disse Kisten, olhando para mim de relance, e senti a preocupação a aumentar. — Claro — acrescentou, passando-me de seguida o telefone.

Oh, Deus, o que foi agora? Sentindo-me como se tivesse tido um presentimento, perguntei:

— Foi o Jenks?

— Não — disse a voz irritada de Ivy e eu relaxei. — Foi o teu lobisomem.

— O David? — gaguejei, e Kisten virou para o parque de estacionamento da escola de condução.

— Ele tem estado a tentar ligar-te. — Era um tom simultaneamente chateado e preocupado. — Ele diz... estás pronta para isto? Ele diz que tem estado a matar mulheres e que não se lembra. Ouve, importas-te de lhe ligar? Ele já telefonou para aqui duas vezes nos últimos três minutos.

Queria rir mas não podia. O homicídio de lobisomens que a S.I. estava a encobrir. O demónio que devastara a minha sala de estar à procura do foco. Merda.

— Está bem — disse baixinho. — Obrigada. Tchau.

— Rachel?

A voz dela estava alterada. Eu estava preocupada e ela sabia-o. Inspirei, tentando encontrar uma centelha de calma.

— Sim.

Pude perceber, pela sua hesitação, que não a tinha enganado, mas ela sabia que, fosse o que fosse, eu não ia fugir de medo. Ainda.

— Tem cuidado contigo — disse ela, com a voz tensa. — Liga-me se precisares de mim.

A minha tensão diminuiu. Era bom ter amigos.

— Obrigada. Eu ligo.

Desliguei, olhei de relance para os olhos expressivos de Kisten que esperava por uma explicação, depois saltei quando o meu telemóvel, que eu pousara no colo, vibrou. Inspirando fundo, peguei nele e fitei o número. Era o número de David. Agora reconhecia-o.

— Não vais atender? — perguntou Kisten, as mãos no volante, embora estivéssemos estacionados.

No lugar ao lado, observei uma rapariga a bater com a porta do monovolume de mãe. O rabo-de-cavalo a abanar e a boca a mexer-se sem parar, ia conversando enquanto se dirigia para a aula com uma amiga. Ambas desapareceram através das portas de vidro e a mulher atrás do volante limpou um olho e observou através do retrovisor. Kisten inclinou-se para a frente para se colocar na minha linha de visão. O telemóvel voltou a vibrar e um sorriso triste ergueu os cantos da minha boca enquanto abria o telemóvel com um movimento de pulso.

Queria-me parecer que não ia conseguir assistir à aula.

Oito

A MÃO DE DAVID TREMIA QUASE IMPERCETIVELMENTE, ENQUANTO ACEITAVA o copo de água fria da torneira. Levou-o à testa, por um momento, enquanto se recompunha, depois bebeu um gole e pousou-o sobre a mesinha de centro de freixo maciço à nossa frente.

— Obrigado — disse o pequeno homem, depois pousou os cotovelos nos joelhos e deixou a cabeça pender sobre as mãos.

Dei-lhe uma palmadinha no ombro e afastei-me dele, instalando-me no sofá. Kisten estava ao lado da televisão, de costas para nós, a observar a coleção de sabres de David da Guerra Civil, encerrada num armário iluminado. O ténue odor a lobisomem fez-me cócegas no nariz, nada desagradável.

David estava em farrapos e a minha atenção saltitava entre o homem abalado, vestindo um fato destinado ao escritório, e a sua moradia em banda, bem organizada, sem dúvida pertencente a um solteirão. Tinha os habituais dois pisos, num complexo com cinco a oito anos. O mais certo era que a tapete nunca tivesse sido substituída e perguntei-me se seria alugada ou propriedade de David.

Estávamos na sala de estar. De um lado, para lá da pequena faixa ajardinada, encontrava-se um parque de estacionamento. Do outro, passando pela cozinha e pela sala de jantar, encontrava-se um grande pátio comum, os restantes apartamentos suficientemente longe para garantirem uma certa privacidade graças à simples distância. As paredes eram espessas, daí o silêncio, e o papel clássico, em tons de castanho e creme, dizia que tinha sido ele a decorar a casa. *Casa própria*, concluí, recordando-me de que, enquanto perito regulador de seguros da Seguradora Animalomem, recebia uma boa maquia para sacar a história verdadeira aos relutantes segurados que tentavam esconder o motivo que levava a árvore de Natal a entrar em combustão espontânea e consumir toda a sala de estar.

Embora o seu apartamento fosse um espaço de calma e paz, o lobisomem parecia destruído. David era um solitário, possuindo o poder pessoal e o carisma de um alfa, sem as responsabilidades. Tecnicamente falando, eu era a sua matilha, um acordo mutuamente benéfico no papel, que ajudava a impedir que David fosse despedido e me dava a oportunidade de obter um seguro estrondosamente barato. Essa era toda a extensão do nosso relacionamento, mas eu sabia que ele me usava para impedir as mulheres lobisomem de se insinuarem na sua vida.

O meu olhar pousou sobre o espesso caderno de contactos ao lado do telefone. *Aparentemente isso não fazia com que tivesse menos aventuras.* Bolas, ele precisava de um elástico para manter aquela coisa fechada.

— Melhor? — perguntei e David ergueu os olhos.

Os seus lindíssimos e profundos olhos castanhos estavam muito abertos, numa expressão de medo que parecia desadequada. David tinha um corpo espantosamente firme, feito para correr, escondido por baixo do fato de corte confortável. Era óbvio que seguia a caminho do escritório quando acontecera o que quer que fosse que o tinha deixado em tal estado de agitação e preocupava-me que algo o pudesse abalar daquela forma. David era a pessoa mais estável que eu conhecia.

Os seus sapatos brilhavam sob a mesinha de centro e ele estava bem barbeado, nem um pelo escuro lhe marcava a pele bronzeada, um pouco áspera. Vira-o, certa vez, com um casaco comprido e um chapéu de abas largas, enquanto me perseguia, e parecia o Van Helsing; o brilhante cabelo preto era comprido e ondulado e as sobrancelhas espessas concediam-lhe uma certa autoridade. Além disso, possuía mais ou menos a mesma confiança que a personagem ficcional, ainda que, naquele momento, essa confiança estivesse manchada pela preocupação e pela distração.

— Não — disse ele, a voz baixa e penetrante. — Acho que estou a matar as minhas namoradas.

Kisten virou-se e eu ergui uma mão para impedir que o vampiro dissesse qualquer coisa parva. David era sensato e, enquanto perito regulador de seguros, tinha uma mente ágil, era esperto e difícil de surpreender. Se ele achava que estava a matar as namoradas, tinha de haver uma razão para isso.

— Sou toda ouvidos — disse eu, ao seu lado, e David inspirou fundo, obrigando o seu corpo a endireitar-se, ainda que se mantivesse na beira do sofá.

— Estava a tentar arranjar alguém com quem sair este fim de semana — começou, olhando de relance para Kisten.

— Para a Lua cheia? — interrompeu Kisten, despoletando a minha irritação e a de David.

— A Lua cheia é apenas na segunda-feira — disse o lobisomem. — Além disso, não sou um lobisomem desportista universitário, sob o efeito do acónito, a dar-te cabo do bar. Tenho tanto controlo sobre mim mesmo durante a Lua cheia como tu.

Era óbvio que se tratava de um tema sensível e Kisten ergueu uma mão, num gesto reconciliador.

— Desculpa.

A tensão na divisão desceu e os olhos assustados de David pousaram-se no caderno de contactos.

— A Serena ligou-me a noite passada, a perguntar se eu estava constipado. — Ele ergueu os olhos para mim, depois afastou-os. — O que achei estranho, já que estamos no verão, mas depois liguei à Kally para ver se ela estava livre e ela fez-me a mesma pergunta.

Kisten engasgou-se.

— Saíste com duas mulheres no mesmo fim de semana?

A testa de David enrugou-se.

— Não, saí com elas com uma semana de intervalo. Por isso liguei a algumas mulheres, já que não tinha notícias delas há quase um mês.

— Tem grande procura, hã, *Mr. Peabody*?

— Kisten — murmurei, não gostando da referência à personagem de animação. — Para. — O gato de David espreitava para mim do cimo das escadas. Nem sequer tentei levá-lo a descer, deprimida.

David não sentia qualquer receio do vampiro vivo. Não ali, no seu próprio apartamento.

— Sim — disse ele, beligerante. — Na verdade, tenho. Queres esperar na varanda?

Kisten ergueu a mão, num gesto que dizia “Como queiras”, mas eu não tive qualquer dificuldade em acreditar que aquele atraente lobisomem de trinta e poucos anos fosse contactado por mulheres que queriam sair com ele. David e eu sentíamos-nos confortáveis com a nossa relação profissional, embora eu achasse algo irritante que ele tivesse problemas com os relacionamentos entre espécies diferentes. Porém, enquanto ele me respeitasse enquanto pessoa, eu estava disposta a permitir que ele deixasse escapar uma boa fatia da população feminina. Quem perdia era ele.

— Para além da Serena e da Kally, não consegui falar com nenhuma. — Os olhos dele voltaram a cair sobre o caderno de contactos, como se este estivesse possuído. — Nem uma.

— Por isso achas que estão mortas? — perguntei, não compreendendo o motivo por detrás do raciocínio.

Os olhos de David estavam aterrorizados.

— Tenho tido sonhos muito esquisitos com elas — disse. — Com as minhas namoradas. Acordo sempre na minha própria cama, limpo e descansado, não coberto de lama e nu no parque, por isso nunca lhes dediquei grande atenção, mas agora...

Kisten deu uma gargalhada e eu fitei-o, desejando tê-lo deixado no carro.

— Estão a evitar-te, homem-lobo — disse o vampiro e David endireitou-se, fortalecido pela raiva.

— Elas desapareceram — murmurou.

Observei, desconfiada, sabendo que Kisten era demasiado esperto para o levar longe de mais, mas David estava errático.

— Ou não atendem o telefone ou as suas colegas de quarto não sabem onde é que estão. — Os olhos dele deslizaram para os meus, assustados. — É com essas que estou preocupado. Com aquelas com quem não consegui falar.

— Seis mulheres — disse Kisten, erguendo-se agora junto à parede envidraçada que dava para um pequeno pátio. — Isso não é muito mau. Metade delas talvez tenha mudado de cidade.

— Num mês e meio? — disse David, num tom cáustico. Depois, como se tivesse sido galvanizado pela admissão, foi à cozinha, os passos rápidos devido à energia nervosa.

Ergui as sobrancelhas. *David tinha saído com seis mulheres em outras tantas semanas?* Os lobisomens não eram mais lúbricos do que o resto da população, mas recordando a sua relutância em assentar e começar uma matilha, concluí que não era uma questão de não conseguir manter uma namorada, mas de gostar de se divertir. De se divertir à grande. *Cruzes, David.*

— Elas desapareceram — disse, estacando na cozinha como se se tivesse esquecido porque é que ali fora. — Eu acho... acho que estou a perder a consciência e a matá-las.

Senti um nó no estômago, perante o som perdido da sua voz. Ele acreditava, de facto, que estava a matar aquelas mulheres.

— Bem, aí tens — disse Kisten. — Uma delas descobriu que és um engatatão e ligou às restantes. Foi apanhado, *Mr. Peabody*. — Ele deu uma gargalhada. — Está na hora de começar um novo caderno de contactos.

David pareceu sentir-se insultado e eu pensei que Kisten estava a ser inusitadamente insensível. Talvez tivesse ciúmes.

— Sabes que mais? — disse, virando-me para Kisten. — Precisas de te calar.

— Ei, só estou a dizer...

David sacudiu-se, como se se tivesse lembrado porque é que tinha ido

à cozinha, abriu uma lata de comida de gato e colocou o seu conteúdo num prato que depois pousou no chão.

— Rachel, recusavas-te a falar com um homem com quem tivesses dormido, mesmo que estivesse zangada com ele?

Ergui as sobrancelhas. David não se tinha limitado a sair com seis mulheres em seis semanas, também tinha dormido com elas?

— Hum... — gaguejei. — Não. No mínimo queria dizer-lhe o que me ia na cabeça.

De cabeça baixa, David acenou.

— Elas desapareceram — disse. — Estou a matá-las. Eu sei que estou.

— David — protestei, vendo um toque de preocupação no rosto de Kisten, — os lobisomens não perdem a consciência e desatam a matar pessoas. Se assim fosse, tinham sido caçados até à extinção, há séculos, pelos outros Inderlanders. Tem de haver outra razão para não estarem a falar contigo.

— Porque eu as matei — sussurrou David, dobrado sobre a bancada.

O meu olhar deslizou para o relógio de parede. Duas e quinze. Tinha faltado à minha aula.

— Não faz sentido — disse eu, indo sentar-me num banco alto. — Queres que peça à Ivy para as localizar? Ela é muito boa a encontrar pessoas.

Parecendo aliviado, ele acenou. Ivy podia encontrar qualquer pessoa, desde que tivesse tempo para isso. Andava a resgatar vampiros e humanos raptados de casas de sangue ilegais e ex-namorados ciumentos desde que deixámos a S.I. Fazia com que os meus salvamentos de familiares parecessem enfadonhos, mas cada uma tinha os seus próprios talentos.

Os meus movimentos, balouçando o banco alto para trás e para a frente, abrandaram. Já que estava ali, devia tratar de levar o foco para casa, comigo. Qualquer pessoa que se desse ao trabalho de investigar um pouco descobriria que eu pertencia à matilha de David. Sendo um solitário e tendo sido treinado para reagir à violência, David era um alvo difícil. Qualquer pessoa que trabalhasse com ele, por outro lado...

— Oh, merda — disse, tapando a boca quando me apercebi de que falara em voz alta. Tanto Kisten como David olharam para mim. — Hum, David, falaste sobre o foco às tuas namoradas?

A confusão dele transformou-se numa raiva suave.

— Não — disse, em tom perentório.

Kisten olhou para o homem mais baixo.

— Queres-me dizer que papaste seis mulheres em seis semanas e nunca lhes mostraste o foco para as impressionar?

David cerrou o maxilar.

— Não preciso de atrair as mulheres para a minha cama. Convido-as

e, se elas estiverem dispostas a isso, vêm. De qualquer forma, mostrar-lhes o foco não as teria impressionado. São humanas.

Afastei os cotovelos da bancada, o rosto quente de indignação.

— Sais com mulheres *humanas*? Não sais com uma bruxa porque não acreditas em casais interespécies, mas *dormes com mulheres humanas*? Seu grandessíssimo hipócrita!

David fitou-me com olhos suplicantes.

— Se eu saísse com uma mulher lobisomem, ela queria fazer parte da minha matilha. Já falámos disto antes. Além disso, os lobisomens têm a sua origem nos humanos...

Estreitei os olhos.

— Pois, já percebi — disse, não gostando daquilo.

Os lobisomens tinham a sua origem nos seres humanos, tal como os vampiros, mas, ao contrário dos vampiros, a única forma de se ser um lobisomem era nascer como tal.

Normalmente.

Os meus pensamentos saltaram para a manhã do dia anterior e para o facto de ter sido acordada por um demónio decidido a destruir a minha igreja em busca do foco. *Oh, merda!*, pensei, lembrando-me de manter a boca fechada, desta vez. As namoradas desaparecidas. Três corpos não identificados na morgue: atléticas, profissionais e todas com um aspeto semelhante. Tinham dado entrada como lobisomens, mas se o que eu pensava que tinha acontecido *aconteceu*, não estariam na base de dados animalomem, mas na humana. Suicídios da Lua cheia do mês anterior.

— David, lamento — sussurrei e tanto Kisten como David olharam para mim.

— O que foi? — disse David, desconfiado, não perturbado.

Fitei-o, sentindo-me impotente.

— A culpa não foi tua. Foi minha. Não to devia ter dado. Não sabia que bastava que o tivesses na tua posse. Jamais to teria dado, se soubesse. — Ele fitava-me sem perceber e, sentindo-me doente, acrescentei: — Acho que sei onde estão as tuas namoradas. A culpa é minha, não tua.

David abanou a cabeça.

— Teres-me dado o quê?

— O foco — respondi, o rosto contorcido pela pena. — Acho... que transformou as tuas namoradas.

O rosto de David ficou branco e ele pousou a mão na bancada.

— Onde é que elas estão? — sussurrou.

Engoli em seco.

— Na morgue da cidade.

Nove

DUAS VIAGENS À MORGUE EM OUTROS TANTOS DIAS, PENSEI, ESPERANDO não estar a dar início a um novo padrão. Os meus ténis de jardinagem eram silenciosos no chão de cimento; os passos de David, ao meu lado, um pouco atrás, tinham o peso de uma profunda depressão. Kisten vinha atrás dele e a sua inquietação talvez tivesse sido divertida se não nos tivéssemos dirigido até ali para identificar três mulheres lobisomens desconhecidas.

O foco estava agora na minha mala, silencioso e aquiescente dado a distância em relação à Lua cheia. Ainda mantinha o frio do congelador de David e eu sentia-o gelado contra mim. A experiência dizia que, na próxima segunda-feira, a estátua de osso deixaria de ter a forma do rosto de uma mulher e passaria a ter a de um focinho de lobo com um brilho prateado, a saliva a pingar e emitindo um guincho agudo que só os *pixies* podiam ouvir. *Tenho de me livrar desta coisa.* Talvez a pudesse usar para pagar uma das minhas marcas demoníacas. Porém, se Newt ou Al a vendessem a outra pessoa e isso gerasse uma luta pelo poder entre os Inderlanders, eu sentir-me-ia responsável.

Chegámos ao final da escadaria e, com os dois homens atrás de mim, virei abruptamente à direita e segui as setas até à porta dupla.

— Olá, Iceman — disse eu, abrindo o lado esquerdo da porta oscilante e entrando na sala como se fosse dona do espaço.

O jovem endireitou-se, retirando os pés da secretária.

— Menina Morgan — disse ele. — Caramba, assustou-me.

Kisten entrou atrás de mim, os olhos saltavam por todo o lado.

— Vens cá muitas vezes? — perguntou, quando o rapaz atrás da secretária pousou a consola portátil e se levantou.

— A toda a hora — respondi, estendendo a mão para apertar a que Iceman me oferecia. — Tu não?

— Não.

A atenção de Iceman saltou de mim para Kisten, demorando-se por fim em David que se mantinha com as mãos ao lado do corpo. O entusiasmo que sentira ao ver-me diminuiu quando percebeu que estávamos ali para identificar alguém.

— Oh, hum, ei — disse, a mão deslizando da minha, — é ótimo vê-la, mas não a posso deixar entrar, a menos que esteja acompanhada por alguém da S.I. ou do D.F.I. — Ele encolheu-se. — Lamento.

— O inspetor Glenn vem a caminho — disse eu, sentindo-me animada.

Claro que estava ali para identificar um cadáver... ou três, mas eu conhecia alguém que o Kisten não conhecia e isso não acontecia muitas vezes.

O alívio devolveu-lhe a expressão de jovem que devia estar a servir batidos no centro comercial e não a tomar conta da morgue.

— Ótimo — disse ele. — Podem sentar-se numa maca enquanto esperam.

Olhei de relance para a maca vazia contra a parede.

— Hum, acho que vou ficar de pé — disse. — Este é Kisten Felps — acrescentei, virando-me de seguida para David. — E este é David Hue.

David controlou-se e, assumindo um ar profissional, avançou de mão estendida.

— Prazer em conhecer-te — disse, afastando-se mal terminou o aperto de mão. — Quantas... quantas mulheres lobisomem desconhecidas costumam ter, em média, por mês?

A voz transportava um toque de pânico e Iceman assumiu uma postura fechada, voltando a sentar-se atrás da sua secretária.

— Lamento, Sr. Hue. Não devia mesmo...

David ergueu uma mão e virou-lhe as costas, a cabeça baixa de preocupação. O meu bom humor desapareceu. A forte cadência de uns sapatos de sola dura vinda do corredor exterior chamou-nos a atenção e suspirei de alívio quando a forte estatura de Glenn atravessou a ombreira, a mão espessa segurando a pesada porta metálica sem esforço, a pele escura e as unhas rosadas realçadas contra a forte brancura da madeira estalada. Envergava o costumeiro fato e gravata, o punho da arma visível através do casaco aberto. Inclinando-se, deslizou para o interior da sala quase de lado, para não ter de abrir a porta toda.

— Rachel — disse, quando a porta se fechou. Pousou o olhar em David e Kisten, as sobranceiras assumindo a expressão fechada que destinava aos assuntos oficiais do D.F.I.

A confiança de David tinha dado lugar à depressão e Kisten estava nervoso. Começava a ficar com a distinta sensação de que ele não gostava de estar ali.

— Olá, Glenn — disse eu, consciente da minha aparência pouco profissional de ténis, t-shirt verde desbotada e calças de ganga manchadas de terra. — Obrigada por deixares que te arrancasse detrás da tua secretária.

— Disseste que era sobre as mulheres lobisomem desconhecidas. Como é que poderia recusar?

O maxilar de David ficou mais tenso. A sua reação não passou despercebida a Glenn, cujo olhar se suavizou compreendendo agora o porquê da presença de David. Podia sentir Kisten atrás de mim e virei-me para ele.

— Glenn, este é Kisten Felps — disse, mas Kisten já tinha avançado, sorrindo de lábios apertados.

— Já nos conhecemos — disse Kisten, agarrando a mão de Glenn e dando-lhe um firme aperto. — Bem, por assim dizer. Foste tu quem deixou a dormir o pessoal do Piscary's o ano passado.

— Usando a arma de bolas explosivas da Rachel — disse Glenn, subitamente nervoso. — Eu não...

Kisten soltou-lhe a mão e recuou.

— Não, não me acertaste. Mas vi-te no meio da confusão. Bons tiros. É difícil manter uma mão certa quando se tem a vida em perigo.

Glenn sorriu, mostrando os dentes lisos e uniformes. Era o único tipo do D.F.I. que eu conhecia, para além do pai dele, que era capaz de falar com um vampiro sem medo e que sabia que devia levar o pequeno-almoço quando batia à porta de uma bruxa ao meio-dia.

— Sem ressentimentos? — perguntou Glenn.

Encolhendo os ombros, Kisten virou-se para as portas duplas que davam acesso ao corredor.

— Todos fazemos o que temos de fazer. Só nos nossos dias de folga é que podemos ser nós mesmos.

Não estás a brincar, pensei, perguntando-me em que tipo de sarilhos se veria Kisten metido se Piscary saísse da prisão. Não era só comigo que o mestre vampiro tinha assuntos pendentes. Embora Piscary *pudesse* magoar Kisten enquanto ainda estava preso, tinha a sensação de que o vampiro morto-vivo gostava de suscitar o medo do desconhecido. Podia perdoar Kisten por me ter dado o fluido de embalsamamento que, teoricamente, o deveria ter incapacitado, encarando a traição como o ato de um criança indisciplinada e rebelde. Talvez. Comigo, estava simplesmente furioso.

Arrastando os sapatos, David aproximou-se.

— David. David Hue — disse, de olhos semicerrados. — Podemos despachar isto, por favor?

Glenn apertou-lhe a mão, o rosto expressivo assumindo um distanciamento profissional que eu sabia que ele usava para poder dormir durante a noite.

— Claro, Sr. Hue — disse ele.

O inspetor do D.F.I. olhou para Iceman e o estudante universitário lançou-lhe a boneca *Morde-me Betty* com a chave. Quando a apanhou, a ponta das orelhas do tenso e meticuloso agente do D.F.I. escureceram de vergonha.

— Rachel? — murmurou Kisten, quando nos dirigimos para a porta. — Hum, se pudesses apanhar boleia com o David, eu preciso de me pôr a andar daqui.

Estaquei. Glenn afastou o olhar da porta que segurava aberta para que eu passasse. Através dela podia ver a confortável área de descanso e o colega de Iceman, que andava de um lado para o outro com uma prancheta, a espreitar para nós por cima dos óculos. *O Kisten tem medo dos mortos?*

— Kisten... — censurei, incrédula.

Tinha feito planos para parar no Big Cherry, a caminho de casa, para comprar a dose de produtos à base de tomate de Glenn, numa loja de encantamentos para comprar o vinho de lilás e num outro sítio qualquer para comprar uma caixa de velas de aniversário, na esperança de que pudesse haver um bolo algures no meu futuro. Porém, Kisten recuou um passo.

— A sério — disse. — Tenho de ir. Hoje vão chegar uns queijos raros e se não estiver lá para assinar a encomenda, vou acabar por ter de ir aos correios levantá-los.

Queijos raros, o tanas. Odeio não ter o meu próprio carro. Erguendo uma anca, inspirei fundo para me queixar, mas David interrompeu-nos.

— Eu levo-te a casa, Rachel — disse, calmamente.

Os olhos de Kisten eram suplicantes. Desistindo, murmurei:

— Vai lá. Ligo-te mais tarde.

Kisten saltitou de um pé para o outro, a sua normal compostura desaparecendo e dando lugar a uma vulnerabilidade encantadora. Inclinando-se para mim, deu-me um beijo rápido no pescoço.

— Obrigado, querida — sussurrou. Apertou-me o ombro com mais força e, usando uma pontinha dos dentes, lançou um arrepio de desejo até ao centro do meu ser.

— Para com isso — sussurrei, afastando-o ligeiramente e sentindo-me corar.

Sorrindo, ele recuou. Com um aceno de cabeça seguro de si mesmo para os restantes homens, enfiou as mãos nos bolsos e saiu com passos largos.

Deus me ajude, pensei, descendo a mão do pescoço. Tinha a sensação de que ele acabara de me usar para restabelecer a sua confiança. Claro que tinha medo dos mortos, mas eu era a sua namorada e, aparentemente, pro-

vá-lo em frente de três outros tipos tinha reafirmado a sua masculinidade. Por mim, tudo bem.

O meu rosto ainda estava quente quando Glenn pigarreou.

— O que foi? — murmurei, enquanto entrava antes dele. — É o meu namorado.

— Hum, hum — murmurou ele em resposta, apertando a *Morde-me Betty* e fazendo a chave tilintar. O vampiro vivo que verificava as etiquetas saiu, depois de um olhar de Glenn. Ficámos só nós e quaisquer vampiros recém-mortos que estivessem a refrescar as ideias até ficar escuro.

David estava a estalar os dedos quando Glenn parou ao lado de uma das gavetas, fitando o lobisomem.

— Acha que conhece estas mulheres? — perguntou e eu ericei-me. Havia mais do que um toque de desconfiança na sua voz, a sua necessidade de culpar alguém por aquelas mortes começava a vir ao de cima.

— Sim — disse, antes que David pudesse abrir a boca. — Ele não consegue entrar em contacto com algumas namoradas e, como tem estado a guardar para mim algo que certas pessoas matariam para obter, achámos que era melhor confirmar para que pudéssemos dormir à noite.

David parecia aliviado com a minha explicação, mas Glenn não estava contente.

— Rachel — disse ele, enquanto os dedos curtos manobravam a chave, mas sem abrir a gaveta. — Trata-se de lobisomens. Tecnicamente não é do foro do D.F.I. Se alguém se queixar, posso ver-me em grandes sarilhos.

Conseguia sentir o medo e a antecipação crescentes de David e perguntei-me se tinha sido por isso que Kisten partira. Embora não lhe fosse dirigido, era possível que o perturbasse.

— Abre de uma vez a gaveta — ripostei, começando a sentir-me irritada. — Achas mesmo que devia chamar o Denon? Ele atiraria com David para a torre e enfiá-lo-ia debaixo de um holofote. Além disso — disse, rezando que estivesse errada, — se eu tiver razão, então isto é um assunto do D.F.I.

Os olhos castanhos de Glenn estreitaram-se e, sob o sobrolho franzido de David, o inspetor do D.F.I. abriu a gaveta. Olhei de relance quando ouvi o som áspero do saco a abrir, vendo a bela mulher sob uma nova luz, imaginando o medo e a dor de se ver transformada num lobo sem fazer ideia do que se estava a passar. Deus, devia ter pensado que estava a morrer.

— Essa é a Elaine — suspirou David e eu peguei-lhe no braço quando o seu equilíbrio vacilou.

Glenn entrou em modo inspetor, o olhar forte e a postura rígida, mais ameaçador. Disse-lhe com o olhar que ficasse em silêncio. As suas perguntas podiam esperar. Tínhamos mais duas caixas de Pandora para abrir.

— Deus! Lamento, David — disse baixinho, desejando que Glenn fechasse a gaveta.

Como se tivesse ouvido o meu pedido mudo, ele deslizou lentamente a Elaine para o interior do armário.

O rosto de David estava pálido e tive de lembrar a mim mesma que, embora ele fosse perfeitamente capaz de tomar conta de si próprio e não fosse nada fraco no que dizia respeito à confiança, aquelas eram mulheres que ele tinha conhecido intimamente.

— Mostre-me a próxima — disse ele, o odor almiscarado mais forte no ar fechado.

Glenn arrancou uma página escrita da sua agenda e enfiou-a atrás do cartão de identificação antes de passar para a seguinte. Tinha o estômago num turbilhão. Aquilo não estava nada bom. Não só havia o problema de David estar envolvido nas mortes acidentais de três mulheres, como agora ia ter de explicar ao D.F.I. porque é que elas tinham certidões de nascimento humanas.

Que grande treta. Como diabo ia eu lidar com aquilo? Todos os mestres vampiros do país, todos os alfas com ilusões de grandeza viriam atrás de mim, os primeiros para destruírem o foco, os segundos para se apoderarem dele. Fingir que tinha caído da ponte de Mackinac não ia funcionar pela segunda vez. Talvez... talvez tivesse sido um acaso. Talvez Elaine fosse um lobisomem e só tivesse dito a David que era humana por saber que ele jamais sairia com uma cadela.

Glenn destrancou a segunda gaveta e, quando a rodeámos, abriu o saco. Observei David e não Glenn. Soube a resposta quando os seus olhos se fecharam e a sua mão tremeu.

— Felicia — sussurrou. — Felicia Borden. — Estendeu a mão para lhe tocar, afastando com os dedos trémulos o cabelo castanho. — Lamento, Felicia. Eu não sabia. Lamento. O que... o que é que fizeste a ti mesma?

A voz faltou-lhe e eu lancei um olhar de relance a Glenn. O agente do D.F.I. acenou. David estava prestes a perder a compostura. Era melhor despacharmos depressa a parte difícil.

— Vamos, David — disse, com voz calma, pegando-lhe no braço e fazendo-o recuar um passo. — Mais uma.

David afastou o olhar da mulher e Glenn fechou rapidamente a gaveta com o som de metal a raspar em metal. Faltava apenas a mulher que tinha sido colhida por um comboio. Provavelmente não se tratara de um suicídio. O mais certo era que tivesse enlouquecido devido à pressão de uma primeira transformação, sem alívio para a dor ou compreensão, correndo cegamente em busca de uma resposta. Ou talvez se tivesse perdido nas glórias da sua recém-descoberta liberdade e sobrestimado as suas capacida-

des. Quase desejava que se tratasse da segunda, por trágico que fosse. Não gostava da ideia de que tivesse enlouquecido. Tal significava, apenas, que David sentiria ainda mais culpa.

Mantive-me com David do lado direito da última gaveta. Compreendendo que ele estava a sustentar a respiração, deslizei a minha mão para a dele. Estava fria e seca. Acho que ele estava a começar a entrar em choque.

Glenn abriu a última gaveta com relutância, sendo óbvia a sua pouca vontade de mostrar a David o corpo destroçado da mulher.

— Oh, Deus — gemeu David, virando-lhe as costas.

Os meus olhos ardiam com as lágrimas que se iam formando e sentia-me impotente. Pousei o braço no ombro dele e conduzi-o à zona informal onde os parentes esperavam que os seus amados acordassem. As costas de David estavam curvadas e ele movia-se sem pensar, agarrando as costas da cadeira antes de se deixar cair nela.

Senti David deslizar de debaixo de mim e ergui-me sobre ele, enquanto o lobisomem pousava os cotovelos nos joelhos e deixava a cabeça pender sobre as mãos.

— Não queria que isto acontecesse — disse ele, a voz soando morta. — Não é suposto isto acontecer. Não é suposto isto acontecer!

Glenn fechara a última gaveta e avançava para nós com o passo agressivo de um agente do D.F.I.

— Para trás — avisei. — Já percebi o que estás a pensar, mas ele não matou estas mulheres.

— Então porque é que se está a tentar convencer de que não as matou?

— O David é um perito regulador de seguros, não um assassino. Tu próprio o disseste... trata-se de suicídios.

David emitiu um profundo gemido de dor. Virando-me para ele, toquei-lhe no ombro.

— Ah, raios. Desculpa. Não o disse com essa intenção.

David não ergueu os olhos mas falou, a voz com um tom monocórdico.

— Elas estavam completamente sós. Não tinham ninguém que as ajudasse, ninguém que lhes dissesse o que esperar. Que a dor passaria. — Ergueu a cabeça e tinha lágrimas nos olhos. — Passaram por tudo sozinhas e a culpa é minha. Podia tê-las ajudado. Teriam sobrevivido se eu lá estivesse.

— David... — comecei, mas o seu rosto perdeu, de súbito, toda a expressão e ele levantou-se.

— Tenho de ir — gaguejou. — Tenho de ligar à Serena e à Kally.

— Um momento, Sr. Hue — disse Glenn, com voz firme, e eu dirigi-lhe um olhar feio.

O rosto de David estava branco e a sua estrutura, pequena mas poderosa, estava tensa.

— Tenho de ligar à Serena e à Kally! — exclamou ele e Iceman espreitou pela porta.

Erguendo as mãos num gesto apaziguador, coloquei-me entre Glenn e o lobisomem aflito.

— David — disse, em tom calmante, pousando suavemente a mão no braço dele, — elas vão ficar bem. Ainda falta uma semana para a Lua cheia. — Virei-me para Glenn, a voz ficando mais forte. — Já disse para te afastares.

Os olhos do inspetor semicerraram-se perante o meu tom duro mas, embora ele fosse o especialista em assuntos Inderland do D.F.I., eu era uma Inderlander.

— Para trás! — insisti, depois baixei a voz para não acordar ninguém. — O David é meu amigo e vais dar-lhe algum espaço ou, Deus me ajude, Glenn, vou mostrar-te o que é que uma bruxa má e louca é capaz de fazer.

Glenn cerrou o maxilar. Fitei-o com igual intensidade. Nunca tinha usado a minha magia sobre ele, mas tínhamos ido ali para responder à questão de se o foco estaria a transformar seres humanos em lobisomens, não para nos sujeitarmos a uma acusação de homicídio.

— David — disse, os olhos fixos em Glenn, — senta-te. O inspetor Glenn tem algumas perguntas.

Deus, espero ter algumas respostas.

Os dois homens relaxaram e, depois de Iceman ter deixado a porta fechar-se, sentei-me também e cruzei as pernas como se fosse a anfitriã daquela bela festinha. David voltou a sentar-se mas Glenn continuava de pé e fitava-me de sobrolho franzido. Por mim, tudo bem. Ele é que ia ficar com rugas.

Depois comecei a pensar. Raios, não era suficientemente esperta para inventar uma mentira convincente. Tinha de lhe contar a verdade. Odiava isso. Estremecendo, ergui os olhos para os de Glenn.

— Ei... hum... — gaguejei. — Consegues manter um segredo? — Pensei nos vampiros adormecidos, feliz por as gavetas serem insonorizadas. Era pena que não fizessem o mesmo em relação aos cheiros.

Glenn exalou como se estivesse a perder ar, a sua atitude passando da de um agressivo agente do D.F.I. num beco sem saída para a de um polícia de bairro junto à esquina.

— Como és tu, Rachel, vou ouvir. Durante algum tempo.

Está bem, era justo, já que tinha ameaçado atingi-lo com a minha magia. Olhei de relance para David e, vendo que ele deixava tudo nas minhas mãos, entrelacei os dedos e pousei-as no colo.

— O motivo porque não consegues encontrar estas mulheres na base de dados é por não constarem dos ficheiros Inderland.

As sobranceiras de Glenn ergueram-se.

— Constam dos ficheiros humanos — disse eu, quase capaz de ouvir os ferrolhos a deslizar, a minha vida a tomar um novo, e provavelmente mais curto, caminho.

O tecido do fato de Glenn emitiu um som suave quando ele se virou.

— Humanas? Mas...

— Elas entraram como lobisomens, sim — concluí. Puxei a mala para a frente, deixando-a pousada sobre o colo, mas não lhe ia dizer que tinha o foco comigo. O mais certo era que insistisse em tomar posse dele e, quando eu recusasse, a sua testosterona e a minha bruxice viriam ao de cima. Era melhor evitá-lo. Eu gostava de Glenn e sempre que me via obrigada a usar a magia, costumava perder um amigo.

Ao meu lado ergueu-se a voz vazia de emoção de David.

— Eu transformei-as. Não foi minha intenção. — A cabeça dele voltou a erguer-se. — Acredite em mim, não queria que isto acontecesse. Não pensei que *pudesse* acontecer.

— Não pode — disse Glenn, numa mescla de raiva e confusão. — Se esta é a tua ideia de uma piada...

Glenn não acreditava em mim.

— Não te parece que podia inventar uma história melhor se me quisesse meter contigo? — perguntei. — Tenho renda para pagar e vou perder o dia aqui, na morgue. — Olhei de relance para o espaço estéril. — Por muito agradável que isto seja.

O homem alto franziu o sobrolho.

— Os seres humanos não podem ser transformados em lobisomens. É um facto.

— E há quarenta anos todos acreditavam que a inexistência de vampiros e *pixies* era um facto. Então e os contos de fadas? — inquiri. — Nos mais antigos, uma dentada podia transformar um ser humano num lobisomem. Bem, são verdadeiros e a prova é o facto de poderes encontrar aquelas mulheres na base de dados humana.

O rosto de Glenn, contudo, dizia que ele continuava a não acreditar.

Deixando cair a cabeça, disse para o chão.

— Sabes, há uma estátua demoníaca. — *Deus, isto soa tão parolo.* — Dei-a ao David para que a guardasse, porque ele é um lobisomem e o Jenks dizia que lhe estava a provocar dores de cabeça. É magia da má, Glenn. Quem quer que a possua adquire a capacidade de transformar os seres humanos em lobisomens. Os lobisomens querem-na e os vampiros estão dispostos a matar qualquer pessoa que se achesse no seu caminho,

para a destruir e assim manter o equilíbrio de poder Inderland. — Ergui os olhos e, embora ele me estivesse a ouvir, pude perceber que ainda não estava pronto para abdicar das suas crenças firmes. — Eu tinha presumido que seria necessário um qualquer ritual para transformar um humano. — Sentindo-me culpada, toquei no braço de David. — Aparentemente, não.

— Mordeu-as? — perguntou Glenn em tom de acusação.

— Dormi com elas. — A voz de David tinha um toque defensivo. — Tenho de ir. Tenho de ligar à Serena e à Kally.

A mão de Glenn deslizou até ficar pousada sobre o punho da arma. Podia ter-me sentido ofendida, mas não me pareceu que se tivesse apercebido.

— Escuta — disse, exasperada, — lembras-te, em maio, quando re-bentaram os tumultos no centro comercial, entre os vampiros e os lobisomens? — Glenn acenou e eu deslizei para a ponta da cadeira, não gostando de ver a mão dele na arma. — Bem, isso aconteceu porque três matilhas de lobisomens pensaram que eu *tinha* o artefacto e estavam a tentar fazer-me sair do meu esconderijo.

Os olhos dele abriram-se muito. Começava a acreditar.

— E, se se ficar a saber que não caiu da ponte de Mackinac mas que se encontra em Cincinnati a transformar mulheres em lobisomens, vou ter a cabeça a prémio. — Hesitei. — Outra vez.

O agente do D.F.I. exalou, longa e lentamente, mas não consegui perceber o que é que ele estava a pensar.

— Foi por isso que a secretária do Sr. Ray foi assassinada, não foi? — perguntou ele, apontando para as gavetas nas suas costas.

— Provavelmente — disse eu, baixinho. — Mas não foi o David.

Maldição. O Denon tinha razão. A morte dela era, de certa forma, culpa minha. Infelicíssima, afastei o olhar da gaveta. Os meus olhos pousaram em David, dobrado sobre si mesmo e lutando para aceitar a morte das três mulheres. Se aquilo se soubesse, estávamos ambos mortos. A minha atenção regressou a Glenn.

— Não vais dizer a ninguém, certo? — perguntei. — Tens de manter isto em silêncio. Dizer aos parentes que elas morreram num acidente.

Glenn abanou a cabeça.

— Vou manter isto tão controlado quanto me for possível — disse, avançando e colocando-se em frente a David. — Mas não vou deixar de fazer um relatório. Sr. Hue? — prosseguiu, num tom respeitoso. — Importa-se de me acompanhar ao D.F.I. para que possamos preencher a papelada adequada?

Raios. Recostei-me na cadeira almofadada, fazendo erguer à minha volta uma lufada de ar com cheiro a incenso.

— Não o vais prender, pois não? — perguntei e David ficou ainda mais branco.

— Não. Só vou recolher o seu testemunho. Para sua própria protecção. Se me tiverem dito a *verdade* — disse, realçando a palavra como se eu não o tivesse feito, — não têm nada com que se preocupar. Nem tu nem o Sr. Hue.

Eu dissera a verdade mas, por algum motivo, não me sentia mais segura. Sabia bem que tinha uma expressão de desagrado estampada no rosto quando me levantei para me colocar ao lado de David.

— Queres que vá contigo? — perguntei, pensando se teria de trocar a minha saída da igreja e da vida de Ivy por algum trabalho *pro bono* de Skimmer.

O lobisomem abanou a cabeça, parecendo abalado mas recomposto no seu fato e gravata.

— Está tudo bem, Rachel. Sei tudo sobre papelada. — Sorrindo, numa expressão de exausta aceitação, fitou Glenn. — Se pararmos em minha casa, posso dar-lhe os nomes e moradas de todas as mulheres com que dormi desde que tomei posse do... daquela coisa.

Com os lábios grossos apertados, Glenn passou a mão pelo cabelo muito curto.

— Exatamente com quantas mulheres é que teve relações sexuais nos últimos dois meses, Sr. Hue?

David ficou vermelho.

— Seis, penso eu. Preciso de consultar a agenda para confirmar.

Glenn emitiu um som ligeiro e quase o pude ver a conceder um pouco mais de respeito ao homem atraente. *Deus, os homens são uns porcos.*

— Vou apanhar o autocarro para casa — disse, querendo ficar sozinha, já para não falar em evitar uma viagem ao D.F.I. *Cruzes, e eles estavam a começar a gostar de mim.*

— Não me custa nada deixar-te em casa — ofereceu Glenn. — Também posso tomar posse do artefacto. Não há qualquer motivo para te colocares em perigo.

As minhas sobranceiras ergueram-se e mantive os olhos fixos na mala.

— Foi enviado pelo correio — menti, não querendo discutir os motivos pelos quais não lho queria entregar. — Assim que chegar à minha caixa do correio, ligo-te.

Mentira, mentira, menti-i-i-i-ira, mentira, mentira.

Os olhos castanhos de Glenn semicerraram-se e senti-me a ficar quente. David nada disse, sabendo onde estava e, aparentemente, concordando com a minha decisão. Recompondo-me, ajustei a alça da mala e dirigi-me para a porta. Aquilo não tinha corrido nada bem. Talvez a pudesse vender

online e doar o dinheiro a um fundo de ajuda às vítimas de guerra, porque ia haver uma guerra.

— Obrigado pela sua cooperação, Sr. Hue — dizia Glenn atrás de mim. — Sei que isto é difícil mas as famílias daquelas mulheres ficarão agradecidas por saberem o que aconteceu.

— Não lhes diga que transformei as suas filhas — sussurrou David. — Deixe que seja eu a fazê-lo. Conceda-me esse favor.

Olhei de relance para trás, enquanto abria as portas oscilantes. Glenn estava curvado, numa expressão de simpatia, enquanto avançava ao lado do homem mais baixo. Procurei dentro de mim e concluí que não se tratava de uma representação.

— Farei o melhor que puder — disse Glenn, o seu olhar erguendo-se para o meu por um momento.

Pois, já tinha ouvido aquilo antes. O que ele queria dizer era que faria o melhor que pudesse desde que isso não implicasse vergar algumas das suas regras idiotas.

Idiota inspetor do D.F.I., honesto e reprimido, pensei. Que mal faria esconder isto do público? Depois soprei a minha frustração. Começava a pensar como Trent. Contudo, tratava-se de uma potencial luta pelo poder Inderland, não de um laboratório genético ilegal. *Mas tinham morrido mulheres e eu queria que ele mentisse à família delas sobre o como e o porquê.*

Abrandámos quando Glenn foi falar com Icedman e David parou ao meu lado. As suas poucas rugas tinham-se tornado mais profundas devido à tensão e ele estava com um péssimo aspeto.

— Lamento, David — sussurrei.

— A culpa não é tua — disse ele, mas eu sentia-me como se fosse.

Glenn juntou-se a nós e fez um gesto a David para que avançasse à nossa frente. O agente do D.F.I. segurou-me na parte de cima do braço, mantendo os meus passos lentos até David se encontrar a alguma distância.

— Onde é que arranjaste a estátua? — perguntou, quando começámos a subir os degraus.

Olhei para os seus dedos negros a rodear o meu braço, recordando o espesso ficheiro que ele deixara comigo, listando os crimes de Nick. Trémula, levei a mão ao corrimão imundo e agarrei-o enquanto subíamos.

— Diz-me que vais fazer tudo o que puderes para manter isto fechado numa gaveta — pedi. — Tudo.

— Diz-me, Rachel — ameaçou ele, não cedendo um centímetro.

Exalando, fitei as costas encurvadas de David.

— Nick — disse, não vendo qualquer utilidade em escondê-lo. O la-

drão estava a fazer-se de morto, pelo que não havia qualquer motivo para que Glenn fosse à sua procura.

Glenn acenou, enquanto toda a sua postura relaxava.

— Está bem — disse. — Agora acredito em ti.